



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE
CAMPUS RIO BRANCO

JÚNIOR DA COSTA MOREIRA

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE**

Rio Branco-AC

2023



JÚNIOR DA COSTA MOREIRA

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - *Campus* Rio Branco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Orientador: Prof. Dr^o Luís Pedro de Melo Plese

Coorientadora: Profa. Dra. Keila Lima Sanches

Rio Branco-AC

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838 Moreira, Júnior da Costa

Espaços não formais de educação: importância e contribuições para o ensino médio integrado do *Campus Xapuri* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. / Júnior da Costa Moreira. – Rio Branco, 2023. 106 f.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, – IFAC *Campus* Rio Branco, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese.
Coorientadora: Profa. Dra. Keila Lima Sanches.

1. Educação profissional e tecnológica. 2. Educação - espaços não formais
3. Ensino médio integrado. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre II. Título

CDD 373.246


JÚNIOR DA COSTA MOREIRA

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - *Campus* Rio Branco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Aprovado em: 18/05/2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 LUIS PEDRO DE MELO PLESE
Data: 06/06/2023 16:31:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese

Doutor em Engenharia Agrícola


IFAC

Documento assinado digitalmente
 CLEILTON SAMPAIO DE FARIAS
Data: 07/06/2023 09:57:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleilton Sampaio de Farias

Doutor em Ensino de Biociência e Saúde

IFAC

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO RAIMUNDO ALVES NETO
Data: 12/06/2023 12:41:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Raimundo Alves Neto

Doutor em Educação

UFAC


JÚNIOR DA COSTA MOREIRA

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES
PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE**

Produto educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - *Campus* Rio Branco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Validado em: 18/05/2023.


BANCA VALIDADORA

Documento assinado digitalmente
 LUIS PEDRO DE MELO PLESE
Data: 06/06/2023 16:31:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese

Doutor em Engenharia Agrícola


IFAC

Documento assinado digitalmente
 CLEILTON SAMPAIO DE FARIAS
Data: 07/06/2023 09:58:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleilton Sampaio de Farias

Doutor em Ensino de Biociência e Saúde

IFAC

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO RAIMUNDO ALVES NETO
Data: 12/06/2023 12:43:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Raimundo Alves Neto

Doutor em Educação

UFAC

Dedico ao meu falecido e eternamente amado pai **Jurandir
Moreira** por me fazer o homem honrado que sou hoje.

Ao meu caçula **Miguel Moreira**. À minha primogênita **Évellyn
Moreira** que me fez avô de **Bruna Helena, Rebeca e
Antonella**, alegrando ainda mais nossa família. Juntos, vocês
sempre serão o combustível para me levar mais longe.

À minha esposa **Mariana Maia**, que com muito incentivo e
compreensão, me ajudou na conclusão deste desafio.

À minha querida e amada mãe **Eunice Garcia** que sempre foi
a sombra que me protegeu do sol e o teto que não permitiu que
a tempestade me alcançasse.

A toda minha **família** e **amigos**. Essa conquista também é de
vocês. Obrigado por fazerem parte da minha trajetória!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus.

Ao Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre, meu local de trabalho.

Aos colegas docentes que participaram diretamente desta pesquisa.

Aos alunos e alunas da turma 2022 do curso técnico integrado ao Ensino Médio em Alimentos, que também participaram diretamente desta pesquisa.

Aos proprietários e/ou responsáveis dos espaços visitados para coleta de dados e construção do Produto Educacional.

Aos colegas da turma 2021 do ProfEPT por caminharmos sempre de mãos dadas.

Aos professores e professoras que ajudaram a realização de um sonho.

Especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese que carregou comigo o peso dessa batalha, contudo, saboreamos juntos o gosto da vitória.

A minha coorientadora, Profa. Dra. Keila Lima Sanches, que mesmo de longe desempenhou papel relevante para a consolidação deste estudo.

A todos(as) que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão deste trabalho.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2006).

MOREIRA, Júnior. **Espaços não formais de educação: importância e contribuições para o ensino médio integrado do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre.** 2023. 107 páginas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), Rio Branco-AC, 2023.

RESUMO

O Ensino Médio Integrado tem como um de seus objetivos mais marcantes a preparação do(a) aluno(a) para o exercício do trabalho, sem prejuízo para as habilidades que permitirão o prosseguimento de seus estudos e sua emancipação social, sendo a essência da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Nesse sentido, entendemos que espaços não formais de educação podem exercer papel relevante para a consolidação desses objetivos. Com base nessa premissa e por meio de uma pesquisa de natureza básica do tipo exploratória, além do suporte de uma pesquisa bibliográfica, utilizamos a aplicação de questionários a docentes e alunos(as) do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC), buscando compreender quais suas percepções sobre espaços não formais, bem como a importância e contribuições que esse tipo de ambiente exerce ou pode exercer sobre a formação de alunos(as) dessa modalidade de ensino, bem como as contribuições desses espaços para o desenvolvimento do trabalho docente. Outro questionário foi aplicado aos proprietários/responsáveis de espaços não formais em Xapuri-AC, coletando dados que serviram de base para a construção de um Guia de Espaços não formais para professores(as). Os dados coletados demonstram a pluralidade de formações dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC, mas também demonstram sintonia em suas percepções a respeito do tema, também caminham no mesmo sentido ao concordarem com a importância e as diversas contribuições que os espaços não formais exercem ou podem exercer para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem. O mesmo pode ser registrado sobre a manifestação de alunos e alunas, que indicam compreensão sobre a importância e contribuição de espaços não formais na promoção de uma aprendizagem mais significativa, contribuindo inclusive, para melhor desempenho nos conteúdos abordados e despertando mais interesse pelo curso estudado. Concluímos, portanto, que a utilização de espaços não formais podem e devem ser utilizados, sendo necessário o incentivo e promoção dessas atividades por parte do Campus Xapuri do IFAC, garantindo a infraestrutura necessária e buscando parcerias locais para a disponibilização desses ambientes. Nesse sentido, produzimos e disponibilizamos ao Campus Xapuri e seus/suas profissionais um Guia de Espaços não formais em Xapuri-AC.

Palavras-chave: Educação formal. Educação informal. Educação não formal. Espaço não convencional de educação. Educação Profissional e Tecnológica.

MOREIRA, Júnior. **Non-formal spaces of education: importance and contributions to integrated secondary education at the Xapuri Campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre.** 2023. 107 pages. Dissertation (Professional Master's Degree in Professional and Technological Education). Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre (IFAC), Rio Branco-AC, 2023.

ABSTRACT

Integrated High School has as one of its most outstanding objectives the preparation of the student for the exercise of work, without prejudice to the skills that will allow the continuation of their studies and their social emancipation, being the essence of Education Professional and Technological (EPT). In this sense, we understand that non-formal education spaces can play a relevant role in consolidating these objectives. Based on this premise and through an exploratory research of an applied nature, in addition to the support of a bibliographical research, we used the application of questionnaires to teachers and students of the Campus Xapuri of the Federal Institute of Acre (IFAC), seeking understand their perceptions about non-formal spaces, as well as the importance and contributions that this type of environment exerts or can exert on the training of students in this teaching modality, as well as the contributions of these spaces for the development of teaching work. Another questionnaire was applied to the owners/responsible for non-formal spaces in Xapuri-AC, collecting data that served as the basis for the construction of a Guide to non-formal spaces for teachers. The collected data demonstrate the plurality of training of the teachers at the IFAC Campus Xapuri, but also demonstrate harmony in their perceptions on the subject, also moving in the same direction by agreeing with the importance and the various contributions that non-formal spaces exercise or may exercise for the development of teaching and learning. The same can be registered about the manifestation of male and female students, who indicate understanding about the importance and contribution of non-formal spaces in the promotion of a more meaningful learning, even contributing to a better performance in the contents addressed and arousing more interest in the studied course. We conclude, therefore, that the use of non-formal spaces can and should be used, requiring the encouragement and promotion of these activities by the IFAC Campus Xapuri, guaranteeing the necessary infrastructure and seeking local partnerships to make these environments available. In this sense, we produced and made available to Campus Xapuri and its professionals a Guide to non-formal spaces in Xapuri-AC.

Keywords: Formal education. Informal education. Non-formal education. Unconventional space of education. Professional and Technological Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Artigo 3

FIGURA 1 – Nuvem de palavras: Educação formal.....	55
FIGURA 2 – Nuvem de palavras: Educação informal.....	56
FIGURA 3 – Nuvem de palavras: Educação Não formal.....	56
FIGURA 4 – Nuvem de palavras: Espaços não formais de educação	58
FIGURA 5 – Classificações atribuídas por professores(as) aos ambientes	59
FIGURA 6 – Potencial de espaços não formais	60
FIGURA 7 – Possibilidade de realização de atividades em espaços não formais.....	61
FIGURA 8 – Espaços não formais utilizados por professores(as)	62

Artigo 4

FIGURA 1 – Conceitos indicados pelos(as) alunos(as) para tipos de educação	74
FIGURA 2 – Interesse de participação de alunos(as) por ambientes.....	77
FIGURA 3 – Relevância dos elementos que justifiquem melhor desempenho do(a) aluno(a)	80

LISTA DE TABELAS

Artigo 2

TABELA 1 – Perfil dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC em 2022	39
TABELA 2 – Tipos de formações dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC	41
TABELA 3 – Áreas de contratação dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC	43
TABELA 4 – Regime de trabalho e tempo de serviço no Campus Xapuri do IFAC	44
TABELA 5 – Atuação dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC na EPT	45
TABELA 6 – Formação/Capacitação recebida pelo(as) professores(as)	46
TABELA 7 – Outras atividades desenvolvidas pelos(as) professores(as)	48

Artigo 3

TABELA 1 – Classificações atribuídas por professores(as) aos ambientes	58
TABELA 2 – Potencial de espaços não formais para o desenvolvimento de práticas educativas	60
TABELA 3 – Elementos que justifiquem um melhor desempenho do(a) aluno(a)	63

Artigo 4

TABELA 1 – Conceitos indicados pelos(as) alunos(as) para tipos de Educação	73
TABELA 2 – Interesse dos(as) alunos(as) de participação em atividades nos respectivos ambientes	75
TABELA 3 – Elementos que justifiquem um melhor desempenho do(a) aluno(a)	79

Artigo 5

TABELA 1 – Vantagens apontadas pelos(as) alunos(as)	91
TABELA 2 – Avaliação de elementos da atividade pelos(as) professores(as)	95
TABELA 3 – Avaliação de elementos da atividade pelos(as) alunos(as)	96

LISTA DE ABREVIATURAS

CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
CXA	Campus Xapuri
EMI	Ensino Médio Integrado
ENF	Espaço Não Formal
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
IF	Instituto Federal
IFAC	Instituto Federal do Acre
IFAC	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PE	Produto educacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ARTIGO 1: ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	22
2.1 RESUMO.....	22
2.2 INTRODUÇÃO	23
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
2.4.1 Educação formal, não formal e informal	24
2.4.2 Educação profissional e tecnológica no Brasil	28
2.4.3 A importância e contribuições de espaços não formais na educação profissional e tecnológica	31
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
2.6 REFERÊNCIAS.....	33
3 ARTIGO 2: O PERFIL DOS(AS) DOCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE NO ANO DE 2022.....	36
3.1 RESUMO.....	36
3.2 INTRODUÇÃO	36
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
3.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	39
3.5 CONCLUSÃO.....	48
3.6 REFERÊNCIAS.....	50

4 ARTIGO 3: A PERCEPÇÃO DE DOCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE SOBRE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM .51

4.1	RESUMO.....	51
4.2	INTRODUÇÃO	52
4.3	REFERENCIAL TEÓRICO	53
4.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
4.5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	54
4.6	CONCLUSÃO.....	64
4.7	AGRADECIMENTOS	65
4.8	REFERÊNCIAS.....	65

5 ARTIGO 4: A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE SOBRE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO.....67

5.1	RESUMO.....	67
5.2	INTRODUÇÃO	67
5.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	68
5.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	69
5.4.1	Perfil dos(as) alunos(as) do curso técnico integrado ao ensino médio em alimentos em 2022	69
5.4.2	A percepção dos(as) alunos(as) sobre espaços não formais de educação	72
5.5	CONCLUSÃO.....	82
5.6	REFERÊNCIAS.....	83

6	ARTIGO 5: ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: AVALIAÇÃO DE PROFESSORES(AS) E ALUNOS(AS) DO CAMPUS XAPURI DO IFAC SOBRE UMA ATIVIDADE OCORRIDA EM UM FRIGORÍFICO EM XAPURI-AC	84
6.1	RESUMO.....	84
6.2	INTRODUÇÃO	85
6.3	METODOLOGIA.....	86
6.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	87
6.4.1	Visita técnica ao frigorífico.....	87
6.4.2	Avaliação da atividade no frigorífico	89
6.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6.6	AGRADECIMENTOS	97
6.7	REFERÊNCIAS	98
7	CONCLUSÕES	99
8	APÊNDICES	102

1 INTRODUÇÃO

A educação nacional é dever do Estado e da família com vistas a promover o pleno desenvolvimento da pessoa e prepará-la para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998). A Lei 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), complementa o texto constitucional apontando que a educação nacional abrange os processos formativos da vida familiar, relações sociais, no trabalho, nas escolas e universidade, movimentos sociais, organizações da sociedade civil (BRASIL, 1996). Dessa forma, percebemos a presença da educação formal, informal e não formal, hodiernamente conhecidas como categorias educacionais, que abrangem todos os processos formativos do indivíduo, seja dentro ou fora da escola, carregados ou não de intencionalidade.

De forma simples, o entendimento majoritário de estudiosos e pesquisadores dessa temática convergem para definição de que a educação formal é aquela que ocorre sob um sistema educacional estruturado, sendo desenvolvido nas escolas e universidades (BRUNO, 2014; GOHN, 2014; MARANDINO, 2017). Tem-se que a educação informal ocorre no seio familiar, caracterizado por um processo realizado ao longo da vida, imprimindo atitudes e valores ao indivíduo (MARANDINO, 2017; BRUNO 2014; GOHN, 2014). Por fim, a educação não formal, definida como aquela que não seria regulamentada, mas carregada de intencionalidade de aprendizagem, ocorrendo fora do sistema formal de educação (GOHN, 2009 e 2014; BRUNO, 2014; MARANDINO, 2017).

Nesse sentido, é possível classificar os locais onde cada tipo de educação ocorre como espaços formais, informais e não formais de educação. Todavia, não se pode classificar nenhum desses espaços de forma estanque, pois a educação se desenvolve de suas várias formas e nos mais diversos ambientes. Não é possível afirmar que na escola ocorrerá apenas a educação formal, tão pouco que no seio familiar ocorrerá apenas a informal ou ainda, que em locais de relações sociais ocorrerá apenas a educação não formal. A educação passa por todos esses ambientes, ora como formal, ora como não formal, passando pelo informal e todas têm sua importância na construção de cidadãos independentes capazes de tomar suas próprias decisões e alterar suas realidades.

Nos últimos tempos, espaços não formais têm ganhado relevância no desenvolvimento de práticas educativas que não são possíveis no ambiente escolar

tradicional. Espaços externos à escola como: agroindústrias, casas comerciais, indústrias, espaços histórico-culturais, propriedades rurais etc., têm sido utilizados por professores(as) e alunos(as) com vistas a alcançar uma aprendizagem com mais significado, bem como contribuir para o melhor desenvolvimento do trabalho docente. No caso da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a utilização desses espaços é cada vez mais comum, visto o grande número de cursos que a modalidade oferece, do básico à pós-graduação, nos mais diversos locais do país e para os mais variados públicos, jovens e adultos.

O potencial colaborativo desses espaços é reconhecido por Bellini (2007), quando afirma que o ensino de ciências e sua iniciação não podem dispensar atividades de campo, de laboratório ou de atividades lúdicas científicas. Dada a conhecida dificuldade que as instituições de ensino nacionais têm em relação a infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento de sua função social, nos parece que os espaços não formais podem desempenhar função muito importante e colaborar para uma melhor formação dos educandos. Aulas desenvolvidas em ambientes naturais têm sido apontadas como uma metodologia eficaz por envolverem, motivarem e constituírem um instrumento de superação de fragmentação do conhecimento (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

Faz todo sentido, ante o exposto, investigar qual a importância e as contribuições que esses espaços exercem ou podem exercer sobre as instituições de ensino, além de verificar quais percepções possuem professores(as) e alunos(as) sobre a realização de práticas educativas em espaços que não possuem em sua essência, finalidade educacional. Tais espaços, definidos como espaços não formais de educação, têm colaborado com instituições e profissionais da educação, permitindo que professores(as) e alunos(as) tenham contato prático direto com a teoria apresentada em sala de aula, produzindo maiores e melhores resultados. Neste caso, considerando espaço não formal de educação, qualquer espaço fora do ambiente escolar tradicional onde possa ocorrer uma prática educativa (JACOBUCCI, 2008).

É nesse sentido, que propomos com esta pesquisa, diante do questionamento: quais as percepções de professores(as) e alunos(as) sobre espaços não formais de educação, bem como qual a importância e contribuições que esses espaços exercem ou podem exercer para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, especialmente, na educação profissional e tecnológica? investigar essas percepções sobre espaços

não formais, sob a ótica de professores(as) e alunos(as), buscando ainda compreender a importância e contribuições que esses ambientes podem proporcionar para o fortalecimento da aprendizagem e do desenvolvimento da atividade docente, nos parece bastante relevante, visto que é comum o discurso de que esses espaços têm produzido excelentes resultados aos que fazem uso desse recurso.

Para alcançarmos tais objetivos, adotamos uma pesquisa de natureza básica, que conforme Silveira e Córdova (2009), objetiva gerar novos conhecimentos, úteis para o avanço da Ciência. Buscando melhor compreensão sobre o problema apresentado, adotamos a pesquisa do tipo exploratória que Gil (2007), define como a que objetiva gerar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Inicialmente, com a compreensão de que qualquer pesquisa se inicia dessa forma, realizamos uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir de publicações impressas e eletrônicas. A coleta de dados foi possível por meio de aplicação de questionário semiestruturado aplicado aos/as participantes da pesquisa e que nos permitiu a realização de uma abordagem quali-quantitativa.

A pesquisa foi dividida em fases: a primeira, contemplada pela pesquisa bibliográfica com vistas a fundamentar nossas ações durante o estudo. Posteriormente, um questionário *on-line* foi oferecido a todos os(as) professores(as) do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC), por meio da plataforma *Google forms*, ocasião em que recebemos 43 (84,3%) respostas. A análise das respostas dos(as) professores(as) permitiu a produção de dois resultados, um de cunho mais quantitativo que permitiu a elaboração do perfil dos profissionais do Campus Xapuri do IFAC e outro de mais cunho qualitativo, que permitiu a análise das percepções desses profissionais sobre o tema abordado, bem como a importância e contribuições de espaços não formais para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Um questionário semelhante também foi oferecido aos/as alunos(as) matriculados no primeiro ano da primeira turma (2022) do curso técnico integrado ao ensino médio em Alimentos do Campus Xapuri do IFAC. Recebemos 22 (57,9%) respostas e da mesma forma em relação aos/as docentes, produzimos dois resultados, qual seja, o perfil desses(as) alunos(as) e suas percepções sobre espaços não formais de educação, bem como suas impressões sobre a importância e contribuições que esses ambientes podem exercer no desenvolvimento da aprendizagem. Os resultados obtidos nessa fase da pesquisa, tanto de

professores(as) quanto de alunos(as), nos levaram à elaboração e execução de uma nova fase desse estudo.

Essa nova fase foi constituída do planejamento e execução de uma visita a um frigorífico no município de Xapuri-AC, sede do Campus Xapuri do IFAC. Foram convidados para essa fase do estudo, professores vinculados ao Ensino Médio Integrado (EMI), especificamente, do curso Técnico Integrado em Alimentos e que haviam participado da fase anterior de coleta de dados por meio do questionário. Da mesma forma, apenas os(as) alunos(as) da turma 2022 do referido curso e que também haviam participado da fase de coleta de dados, puderam participar da visita. Cinco professores(as) das áreas de: Alimentos, Língua Portuguesa, Meio Ambiente e, Segurança no Trabalho, participaram da atividade. A participação dos(as) alunos(as) foi de 16 (72,7%) dos 22 que responderam ao questionário anteriormente.

Por fim, como derradeira fase desse estudo, aplicamos um novo questionário para professores(as) e alunos(as) que participaram da visita ao frigorífico. O questionário buscava compreender como esses grupos avaliavam a visita e como a utilização de espaço não formal como um recurso educacional, pode influenciar positivamente nos resultados obtidos. Todos os(as) participantes da visita responderam aos questionários e suas avaliações demonstraram a grande aceitabilidade desse tipo de atividade, seja sob a ótica do(a) professor(a), que compreende o potencial que esse tipo de evento pode produzir, colaborando não apenas para o aprendizado de alunos(as), mas também para um melhor desempenho das atividades docentes.

Sob a ótica dos(as) alunos(os), esse tipo de atividade produz diversos e importantes resultados, eles(as) destacam, que combinar a teoria vista em sala de aula com a prática ocorrida nesse tipo de evento, fortalece suas relações com os conteúdos e com o curso como um todo e isso é muito gratificante. Com o objetivo de fomentar cada vez mais essas atividades, visto os bons resultados indicados por professores(as) e alunos(as), produzimos como Produto Educacional (PE), um “Guia de espaços não formais”, identificando e catalogando ambientes diversos no município de Xapuri-AC e que será disponibilizado aos professores(as).

REFERÊNCIAS

BELLINI, M. Epistemologia da Biologia: para se pensar a iniciação ao ensino das Ciências Biológicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 218, p. 30-47, 2007.

BRASIL, **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 nov. 2021.

BRASIL. **[Constituição (1988)]. Constituição** da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações**. v. 2, n. 2, p. 11-25, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, IIª Série, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

JACOBUECCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, p. 55-66, 2008.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A PESQUISA CIENTÍFICA. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

2 ARTIGO 1:

Espaços não formais de educação: importância e contribuições para Educação Profissional e Tecnológica¹

Non-formal education spaces: importance and contributions to Professional and Technological Education

Resumo

Espaços não formais de educação têm apresentado importante contribuição no desenvolvimento do ensino e aprendizagem e diversos educadores têm lançado mão desse recurso para possibilitar aos/as alunos(as) contato prático direto com os diversos temas abordados em sala de aula. A elaboração deste trabalho tem por finalidade verificar essa importância e contribuições que esses espaços não formais têm para a educação, especialmente, para a Educação Profissional e Tecnológica. Para tanto, adotamos a pesquisa de natureza básica, do tipo exploratória, sendo concretizada por meio de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados nos levam a compreender de que esses espaços tem grande potencial colaborativo no desenvolvimento do ensino e aprendizagem e que as Instituições educacionais devem promover a realização de tais atividades, com o objetivo de alcançar sempre melhores resultados.

Palavras-chave: Educação formal; Educação não formal; Educação informal; Espaço não convencional de Educação.

Abstract

Non-formal education spaces have made an important contribution to the development of teaching and learning, and several educators have used this resource to provide students with direct practical contact with the various topics covered in the classroom. The purpose of this work is to verify the importance and contributions that these non-formal spaces have for education, especially for Professional and Technological Education. For that, we adopted research of an basic nature, of the exploratory type, being carried out through bibliographical research. The results lead us to understand that these spaces have great collaborative potential in the development of teaching and learning and that educational institutions should promote the realization of such activities, with the aim of always achieving better results.

Keywords: Formal education; Non-formal education; Informal education; Unconventional space of Education.

¹Manuscrito submetido em 28/03/2023 à Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica (RBEPT), disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/index>. Formatado de acordo com as regras do referido periódico.

2.2 INTRODUÇÃO

A educação nacional, conforme consta no texto Constitucional de 1988, é dever do Estado e da família, com vistas a promover o pleno desenvolvimento da pessoa, prepará-la para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho e, ainda, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade (BRASIL, 1988). Da mesma forma, a Lei 9.394/96, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDB), reforça o preconizado na Carta Magna brasileira e traz que a educação nacional abrange os processos formativos da vida familiar, relações sociais, no trabalho, nas escolas e universidade, movimentos sociais, organizações da sociedade civil (BRASIL, 1996). Essas diretrizes, portanto, fundamentam a criação das chamadas categorias de educação: formal, não formal e informal.

De maneira simplista, o entendimento majoritário de estudiosos e pesquisadores dessa temática, convergem para definição de que a educação formal é aquela que ocorre sob o sistema educacional estruturado, sendo desenvolvido nas escolas e universidades (BRUNO, 2014; GOHN, 2014; MARANDINO, 2017). A educação não formal, definida como aquela que não seria regulamentada, mas carregada de intencionalidade de aprendizagem, ocorrendo fora do sistema formal de educação (GOHN, 2009 e 2014; BRUNO, 2014; MARANDINO, 2017). Por fim, tem-se que a educação informal ocorre no seio familiar, caracterizado por um processo realizado ao longo da vida, imprimindo atitudes e valores ao indivíduo (MARANDINO, 2017; BRUNO 2014; GOHN, 2014).

No âmbito da educação formal, temos a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que cuida de forma especial da preparação dos indivíduos para o exercício do trabalho, sem prejuízo aos demais elementos que buscam a emancipação cidadã e o desenvolvimento humano. O escopo formativo da Educação Profissional e Tecnológica, abrange todos os níveis, desde a educação básica até a pós-graduação, alcançando, praticamente, todas as áreas de conhecimentos com diversos cursos. Nesse sentido, observando as características da EPT é possível inferir que o ambiente estritamente escolar não supre as diversas demandas dos mais variados cursos oferecidos, sendo necessário extrapolar os limites da escola, alcançando assim, os que convencionamos chamar de espaços não formais.

A principal característica para definir um espaço não formal é a de que ele não faz parte do sistema formal de educação, ou seja, não é um ambiente tradicional onde ocorram práticas educativas, mas que, eventualmente, podem ser usados para a realização de atividades com finalidade de aprendizagem, como exemplo podemos citar: parques em geral, museus, centros de ciências, ambientes naturais (rurais e urbanos), agroindústrias, entre outros. Esses espaços têm sido utilizados, muitas vezes, como uma extensão do ambiente escolar convencional, visto que é notório que grande parte das escolas do país não possuem estrutura para suprir todas as demandas inerentes aos cursos oferecidos e como forma de amenizar a questão professores(as) têm se utilizado desses espaços para desenvolver suas aulas.

Diante da necessária utilização de espaços não formais como forma de complementar os espaços regulares de educação, que tem sido uma ferramenta importante para professores(as) buscarem melhores resultados e contribuído de forma mais significativa no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, visto que espaços não formais possibilitam aos/as alunos(as) o contato prático direto com a teoria apresentada em sala de aula, este

trabalho se propõe verificar a importância e contribuições que os espaços não formais de educação têm para a educação nacional, especialmente, para a Educação Profissional e Tecnológica. Neste caso, considerando espaço não formal de educação, qualquer espaço fora do ambiente escolar tradicional onde possa ocorrer uma prática educativa (JACOBUCCI, 2008).

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver e alcançarmos os propósitos deste estudo, adotamos a pesquisa de natureza básica, que “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, [...]. Envolve verdades e interesses universais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Do tipo exploratória, esta pesquisa tem como base a definição trazida por Gil (2007), “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]”. A concretização desse estudo se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica, que para Fonseca (2002), ocorre “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos [...]”. Norteados por esses entendimentos, passamos a realização do estudo na prática.

Inicialmente, realizamos buscas em repositórios acadêmicos (*on-line*) com o objetivo de encontrar trabalhos relacionados ao tema abordado. O exame também ocorreu em *sites* de buscas na *Internet*, como “*Google acadêmico*”, por exemplo. As palavras chaves mais utilizadas no intuito de filtrar de forma mais eficaz as buscas foram: “Educação não formal” e “Espaço não formal”, com a leitura dos títulos das publicações encontradas, selecionamos as que entendemos como as que mais se aproximavam, de forma objetiva, do que pretendíamos explorar. Foi realizado o *download* dessas publicações e posteriormente foi feita a leitura dos resumos, assim, tornou-se possível uma seleção mais criteriosa dos trabalhos que foram utilizados na realização deste estudo.

Definido as publicações que seriam utilizadas no estudo, passamos a leitura integral dos Artigos, Dissertações, Teses e Livros. A partir dessas leituras, podemos compreender melhor a temática discutida e, sobretudo, o posicionamento de diversos autores que tratam do mesmo assunto. Embora o tema seja comum entre esses pesquisadores, percebemos que nem sempre os entendimentos são alinhados, todavia, caminham para convergência em determinados pontos. Foi com base nessa análise bibliográfica e recorrendo sempre a citações de seus autores que a elaboração deste estudo foi possível primando sempre pelo devido reconhecimento aos seus inspiradores.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.4.1 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

A educação, de maneira geral, é reconhecidamente o instrumento de transformação social mais defendido no meio acadêmico, econômico, político e social, não por acaso, sendo uma das maiores preocupações de Governos no mundo inteiro, embora isso não signifique,

necessariamente, a devida atenção que o tema merece. No Brasil, essa atenção está lavrada no texto constitucional de 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Observamos, portanto, que a Carta Magna do Brasil tratou de subscrever a obrigação do Estado Brasileiro em garantir o acesso à educação para todos os brasileiros e todas as brasileiras sem prejuízo à participação e responsabilidade familiar, além da colaboração na promoção e incentivo por parte da sociedade.

O detalhamento dos caminhos para alcançarmos o assentado na Constituição de 1988, estão presentes na Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Na referida Lei é apresentada a abrangência da educação logo no seu Art. 1º

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Percebemos, então, que o processo formativo do indivíduo se desenvolve não apenas nas escolas e universidades, mas em todos os espaços da sociedade seja em ambiente familiar e/ou ambientes de relações sociais. A referida Lei, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou apenas LDB, reafirma o consignado na Constituição Federal quanto aos princípios e objetivos da educação para todos(as) brasileiros(as).

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

A citada Lei estabelece ainda os níveis escolares composto por Educação Básica (Ensino Infantil, Fundamental e Médio) e Educação Superior. Os grupos atendidos por cada um desses níveis é definido pela idade do educando. Trata-se ainda, na referida Lei, questões referentes a Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial e Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Esta última, ocorrendo tanto no ensino básico como na educação superior. Dessa forma, o estabelecido pela Constituição Federal e assinalado pela LDB, estruturam organizacionalmente a educação no Brasil, definindo os responsáveis e caminhos para que ela alcance seus objetivos e endereçados, ou seja, todos(as) os(as) brasileiros(as).

Este contexto, evidencia que a educação no Brasil é institucionalizada, padronizada e norteada por legislação que define caminhos, currículos, separação por faixa etária, níveis e graus. Essa padronização, sob a égide da legislação que estabelece e regulamenta a educação nacional, permite inferir que se trata de uma definição para o que chamamos de educação formal. Essa definição encontra eco em diversos trabalhos analisados de diversos autores, parece ser também a que mais apresenta concordância em sua definição, visto que é um entendimento quase unânime que a educação formal, por essência, ocorre sob um sistema educacional e, principalmente, em locais definidos como escolas e universidades.

Nesse sentido, observando o texto da própria Lei que rege a educação nacional, considerando educação como “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, [...], nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996), percebemos de forma explícita que escolas e universidades não abrangem todos os processos formativos observados pela legislação, visto que esses ambientes não contemplam todos os elementos descritos. Esses elementos, em geral, posicionam-se fora do ambiente escolar tradicional, não sendo alcançados pela normatização de forma direta e, portanto, são consideradas não formais ou informais.

Bruno (2014), assinala que o entendimento da educação como um processo amplo e abrangente e a importância de se equacionarem diferentes modalidades educativas, permitiu o surgimento de modalidades educacionais, definidas como educação formal, não formal e informal. Ele apresenta uma definição simples para esses três tipos de educação, associando a educação formal ao ensino regular, essa afirmação vai ao encontro do assinalado por Gohn (2014), que traz que a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados. Marandino (2017), traz o conceito dado por Smith (1996), que define educação formal como um sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado.

As definições trazidas por esses(as) autores(as) reforçam dois pontos importantes na definição do que convencionamos chamar de educação formal. Inicialmente, essas definições caminham para convergir com o assentado na legislação e reforça nossa compreensão de que a educação formal, necessariamente, ocorre sob respaldo de um sistema educacional. Outro ponto importante, possível de realçar, é o estreito alinhamento dos(as) autores(as) citados(as) para com essas definições, o que nos faz compreender que, no que tange a educação formal, mesmo utilizando conceitos diferentes, caminham para uma intersecção. Esse alinhamento, porém, nem sempre é explicitado quanto tratamos educação não formal ou informal.

Essas definições, embora simples, apresentam-se como um estímulo inicial para aprofundarmos nessa temática sob a luz de outros investigadores do tema, permitindo a expansão dos conhecimentos e a formação de conceitos próprios, visto que não há uma definição estanque para os três tipos de educação, ao contrário, estão ainda em formação. O aprofundamento teórico e prático se faz necessário, quanto mais conhecermos as definições, inclusive as eventualmente divergentes, melhor poderemos explorar o que consideramos relevantes e aplicar no exercício das funções inerentes do(a) educador(a), seja ele(a) do campo formal, não formal ou informal.

Buscando compreensão sobre a educação não formal, encontramos nos escritos de Gohn (2009), uma definição detalhada para esse tipo educacional, a autora aponta ser um processo com várias dimensões, tais como:

a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. (GOHN, 2009).

Em outro trabalho, a autora compreende ainda, que a educação não formal é carregada de intencionalidade na ação: os indivíduos têm uma vontade, tomam uma decisão de realizá-la, e buscam os caminhos e procedimentos para tal (GOHN, 2014). Essa compreensão é seguida por Bruno (2014), que associa educação não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola. Outra definição, trazida por Marandino (2017), tem-se que a educação não formal abrange qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla [...], e que possui objetivos de aprendizagens.

Faz-se importante salientar, que a caracterização da educação não formal, passa também pela forma como ela se desenvolve, destacando-se não apenas as estruturas onde ela possa ocorrer, mas envolvendo processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (GOHN, 2009). Vimos, portanto, que a educação não formal se faz muito além de um sistema regular, ela ultrapassa os muros escolares e a capacidade de professores e professoras de compartilharem conhecimentos, ganhando forma e presença em todos os segmentos da sociedade, desempenhando papel fundamental para a emancipação cidadã.

A educação, de maneira geral, precisa ir além dos currículos pré-estabelecidos, da hierarquização, precisa ser uma educação:

que imprima valores éticos e morais, além do respeito a diversidade e pluralidade, no tocante à diversidade cultural, religiosa, gênero e de orientação sexual dos indivíduos. Uma educação que estimule o respeito dentro da escola, mas que alcance toda a comunidade escolar e, principalmente, em ambientes externos (SILVA *et al.*, 2020).

Entendemos que a educação se manifesta de forma onipresente, estando ao mesmo tempo nos ambientes escolares, materializada, principalmente, na ação de professores e professoras, bem como no cotidiano social, que passa pela escola e vai além dos seus muros até as relações sociais (clube, praças, amizades, trabalho etc.), familiares e outras diversas formas de manifestação. Corroborando com esse entendimento temos que “ninguém escapa da educação [...], para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 2006, p. 7).

A educação informal, segundo Marandino (2017), é definida como o processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio. Bruno (2014), considera educação informal as aprendizagens realizadas em contextos de socialização (família, amigos, comunidade). Um pouco mais detalhada, temos a definição dada por Gohn (2014):

aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2014).

Podemos perceber que a educação informal possui certa semelhança com as características da educação não formal, pois as encontramos, praticamente, nos mesmos ambientes, ambas ocorrem, principalmente, fora do ambiente escolar tradicional. Essa

semelhança também é apontada por outros estudiosos do tema, inclusive, destacando que em muitos casos, elas são tratadas como sinônimos. Gohn (2014), entende que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre os conceitos. Para ela, a educação não formal tem uma característica marcante, qual seja: a intencionalidade na ação de aprender, todavia não contempla experiências vivenciadas com e na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros etc.

Para Bernet (2003), a intencionalidade presente na educação não formal a aproxima da formal, estando sujeitas a objetivos explícitos de aprendizagem. Segundo este autor, é na intencionalidade que reside a principal diferença entre a educação formal e não formal da educação informal. Para Bruno (2014)

A educação informal está associada ao processo de socialização dos indivíduos, e, neste sentido, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar segundo valores e crenças do grupo a que se pertence ou se frequenta. A educação informal é um processo permanente e não organizado: os conhecimentos não são sistematizados, são transmitidos a partir da prática e da experiência anteriores, e atua no campo das emoções e sentimentos (BRUNO, 2014).

Ante o exposto, assinalamos nossa compreensão de que a educação é um esforço conjunto de pessoas que, individual ou coletivamente, buscam meios de aprender e ensinar. Não é possível dissociar as diversas formas como o aprendizado se manifesta, nem tão pouco fragmentar em categorias as diversas formas de educar. A escola, cumpre seu papel fundamental no processo educacional sistematizado, mas não impede a socialização dos indivíduos e a participação da família, ao contrário, unem-se em objetivos semelhantes. Da mesma forma, a família tem importante participação na formação de seus membros, mas não escapa do escopo escolar ao longo da vida, passando também pelas relações sociais.

Igualmente, as relações sociais ocorrem de maneira natural e espontânea, mas não sem carregar conhecimentos oriundos do seio familiar e do modelo sistêmico como a educação ocorre nas escolas. Os três tipos de educação, aqui caracterizados, em nenhum momento podem ser vistos de forma isolada e/ou antagônicas, ao contrário, devem convergir para uma finalidade comum, que certamente é desejada pela sociedade mundial, qual seja, o de fomentar o acesso ao conhecimento para promover a dignificação e soberania dos indivíduos. Para esse percurso, cabe a cada organismo envolvido assegurar que ele seja, de forma plena, percorrido até o fim por todos e todas.

2.4.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL

Resquícios históricos indicam que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, iniciou-se com a criação do Colégio das Fábricas em 1809 e inúmeras instituições dessa natureza foram criadas ao longo do século XIX, focada no ensino das primeiras letras e iniciação em ofícios. Entre essas Instituições, destacam-se os Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos (1874). Nesse sentido, Ramos (2014), salienta que:

A educação profissional no Brasil tem, portanto, a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender àqueles que não tinham condições

sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contraordem dos bons costumes (RAMOS 2014, p. 24).

No século XX, em 1909, é criada oficialmente a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, pelo então Presidente Nilo Peçanha, através do decreto nº 7.566 de 23 de setembro 1909. Foram criadas 19 “Escolas de Aprendizes Artífices” subordinadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, que foram instaladas em várias unidades da Federação em 1910 (BRASIL, 1909). Nesse período, é percebido uma mudança de foco da Educação Profissional e Tecnológica, que contou com grande esforço público para sua organização. A principal novidade foi a mudança de inicialmente mais assistencialista para atuar também na preparação para o exercício profissional, voltada aos mais pobres e humildes. É sobre esse período que Ramos (2014), afirma:

A criação das Escolas de Aprendizes Artífices e do ensino agrícola evidenciou um grande passo ao redirecionamento da educação profissional no país, pois ampliou o seu horizonte de atuação para atender necessidades emergentes dos empreendimentos nos campos da agricultura e da indústria (RAMOS 2014, p. 25).

Esse novo direcionamento apontado por Ramos (2014), perdurou até os anos de 1930-40, quando foi registrado grandes transformações políticas, econômicas e educacionais na sociedade brasileira. Durante essa década, é que registramos a reforma educacional capitaneada por Francisco Campos, que definiu que o Governo Federal seria responsável pela educação secundária, mas ignorou o ensino profissional e tecnológico. Compreende-se, então, que de forma oficial o dualismo histórico entre educação propedêutica e profissional vai se estabelecendo e colocando de um lado, os abastados, que pela formação a eles destinadas chegariam as universidades e se tornariam os futuros dirigentes e, de outro, os pobres e humildes, que receberiam apenas formação técnica, ou seja, formação para o trabalho.

Ainda nessa década, é assinada a Lei nº 378/37, de 13 de janeiro de 1937 que transforma as Escolas de Aprendizes Artífices em Liceus Industriais, destinados ao ensino profissional de todos os ramos e graus (BRASIL, 1937a). Outro acontecimento ocorrido nesse mesmo ano, foi a promulgação da Constituição Federal de 1937, que pela primeira vez tratava da educação técnico, profissional e industrial.

Art. 29. O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais (BRASIL, 1937b).

Na década seguinte, uma série de Leis, conhecida como “Reforma Capanema”, apresentou grandes mudanças no ensino em todo país e define o ensino profissional como sendo de nível médio. O decreto nº 4.127 de 25 de fevereiro de 1942, altera o nome das unidades de ensino técnico profissional, que eram chamados de Liceus Industriais e passam para definição de Escolas Industriais e Técnicas.

No final dos anos de 1950, ocorre a mais importante, do ponto de vista organizacional, mudança nas Escolas Industriais e Técnicas até então, motivada pelo alto índice de industrialização que ocorrera nessa década e conseqüentemente a crescente demanda por mão de obra qualificada. A Lei nº 3552/59 de 16 de fevereiro de 1959, estabeleceu nova organização escolar e administrativa para estabelecimentos de ensino industrial. Com o

decreto nº 47.038 de 16 de novembro de 1959, ficou definido as Escolas Técnicas que fariam parte da Rede Federal de Ensino Técnico e as transformou em Autarquias, com autonomia didática e de gestão e foi atribuído novo nome a essas instituições que passaram a se chamar Escolas Técnicas Federais.

Em 1971, uma nova reforma foi definida pela Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, que estabeleceu que o ensino profissionalizante deveria compulsoriamente ser ofertado durante todo o ensino médio e um novo paradigma foi definido. Ainda nessa década, outra mudança organizacional ocorre pela Lei nº 6.545/78, de 30 de junho de 1978, quando foi transformado algumas Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), entre elas, as do Estado do Paraná, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

A última década deste século, traz ainda mudanças significativas para a Educação Profissional no Brasil. A Lei nº 8.948/94 de 8 de dezembro de 1994, institui o Sistema Nacional de Educação Tecnológica que gradativamente transformou todas as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET). A Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), dedica-se a discorrer sobre a educação profissional e tecnológica e no ano seguinte, o decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997, regulamentou a Educação Profissional nos moldes da LDB, estabelecendo os três níveis: Básico, Técnico e Tecnológico.

A primeira década do século XXI, apresenta novamente mudanças importantes. A primeira delas ocorre a partir do Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004, que estabelece que a Educação Técnica de Nível Médio poderá ocorrer de forma Integrada ao Ensino Médio. Outra mudança trazida por este dispositivo é a possibilidade de formação profissional, inclusive, em cursos de pós-graduação. A Lei nº 11.195/2004, que trata da expansão da oferta da Educação profissional, estabelece que a mesma ocorrerá, preferencialmente, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo e/ou ainda com instituições não governamentais. Nessa primeira fase de expansão, conta com a construção de novas 60 unidades de ensino pelo Governo Federal.

Em 2008, a Lei nº 11.892 de 29 de dezembro 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF). A nova organização das Autarquias proporciona autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático pedagógica e disciplinar. Além disso, a nova estrutura trazida pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia define como sendo instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino (BRASIL, 2008).

Passados mais de um século desde a sua criação, 113 anos, a Rede Federal de Educação Profissional, depois de iniciada sua trajetória a partir das escolas de Aprendizes Artífices em 1909, passando por diversas transformações, nomenclaturas, marcos legais, institucionalidades e, objetivos pedagógicos, busca ainda, essencialmente, promover a qualificação dos indivíduos para o trabalho qualificado, sem prejuízo ao desenvolvimento humano, inclusão social e intervenção na sociedade.

Hodiernamente, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, está presente em todas as unidades da Federação, ocupando espaço em 578 municípios brasileiros, são cerca de 1,5 milhões de alunos e alunas distribuídos pelos mais de 12 mil

cursos ofertados, desde o nível básico, até a pós-graduação. Para dar conta dessa demanda, são mais de 80 mil servidores, partilhados em 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), 02 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 22 Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Dom Pedro II.

2.4.3 A IMPORTÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES DE ESPAÇOS NÃO FORMAIS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

Quando, anteriormente, nos debruçamos sobre as categorias educacionais: formal, não formal e informal, percebemos que a distinção entre elas é marcada, sobretudo, por onde elas ocorrem. Há um relativo alinhamento de diversos estudiosos do tema que ratifica o entendimento de que a educação formal ocorre, principalmente, nas instituições escolares (escolas e universidades), a educação não formal ocorrendo em qualquer ambiente fora dessas instituições e a educação informal desenvolvendo-se, principalmente, no ambiente familiar. Tais espaços, ficam caracterizados, de maneira geral, como espaços formais, não formais e informais de educação conforme sua utilização para determinada categoria educacional.

O termo espaço não formal é bastante utilizado para caracterizar espaços fora do ambiente escolar, que possibilitem a realização de práticas educativas. Jacobucci (2008), afirma que este termo tem sido utilizado, atualmente, por pesquisadores em educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica. A autora sinaliza para uma divisão em duas categorias de espaços não formais, como forma de melhor definir esses ambientes, sendo a primeira categoria chamada de “Instituições”, que abrange:

espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros (JACOBUCCI, 2008).

E ainda, a segunda categoria, que a autora denomina de “Não Instituições”, que incluem os espaços naturais ou urbanos que não dispõem de estrutura institucional, mas que é possível a realização de práticas educativas. Ainda segundo a autora, nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços. A autora conclui que espaços não formais relacionam-se com instituições cuja função básica não é a educação formal (JACOBUCCI, 2008).

Os espaços não formais têm apresentado importante contribuição no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, diversos educadores têm lançado mão desse recurso para possibilitar aos alunos(as) contato prático direto com os diversos temas abordados em sala de aula, isso, por si só, pode reforçar a compreensão de que a sala de aula tradicional não atende a forma como a educação tem se desenvolvido nos dias atuais. Nesse contexto, os espaços não formais podem ser uma alternativa importante para o desenvolvimento de práticas educativas que coloquem alunos(as) em contato com ambientes que despertam

emoções e afetividade, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa, essa compreensão é reforçada por Seniciato e Cavassan (2004), que consideram:

as aulas de campo em espaços não formais, além de relevantes para o ganho cognitivo referente à aprendizagem dos conteúdos de ciências, podem contribuir para a formação de valores e atitudes, que possibilitem colocar em prática os conhecimentos construídos nessas aulas (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

Não é apenas de teoria e prática que se trata espaços não formais podem contribuir de maneira plena para o desenvolvimento de capacidades dos(as) alunos(as), pois imprime durante a atividade, elementos que não seriam possíveis no ambiente escolar convencional. Despertar sentimentos, emoções, afetividade, pode contribuir, significativamente, para o fortalecimento de conhecimentos teóricos obtidos em sala de aula, uma vez que, tais conhecimentos são reforçados pelo contato do(a) aluno(a) com a realidade do assunto abordado, somando-se ao florescer de sentimentos e emoções que o ambiente escolar tradicional não é capaz de proporcionar. Além disso, temos ainda a possibilidade de alunos e alunas integrarem os conhecimentos compartilhados pelos(as) professores(as), aos seus conhecimentos e saberes adquiridos ao longo da vida, seja a partir das relações sociais e/ou familiares.

Nesse contexto, Batista e Lima (2018), afirmam que quando o professor consegue unir os conhecimentos que o(a) aluno(a) já possui ao conteúdo visto em sala de aula, o(a) aluno(a) consegue assimilar e entender como isso afeta sua vida de maneira geral. Um importante elemento na concretização dessa ação, ainda segundo os autores, é a utilização de espaços alternativos, para eles:

os espaços não-formais de educação trazem isso, pois um local de divertimento como um museu, uma praia, um parque associado ao conteúdo ministrado em sala de aula se torna um laboratório vivo, onde ali deixa de ser somente um espaço de lazer para o aluno e agora tem sua imaginação despertada e sua cognição fica mais aguçada, o aluno consegue compreender o assunto e conciliar com sua vivência cotidiana criando um senso de cidadania muito maior (BATISTA; LIMA, 2018).

Esses autores, reforçam a necessidade de professores e professoras conhecerem ambientes alternativos, pois através deles, podem ser construídas pontes para um ensino crítico. O conhecimento prévio desse tipo de ambiente possibilita o planejamento e permite ao professor definir quais assuntos podem ser abordados durante a visita, que tipo de estrutura o local oferece, logística necessária etc.

Ante o exposto, é possível considerar que os espaços não formais de educação podem desempenhar papel fundamental para a educação nacional, visto que conforme a legislação e a própria Constituição Federal de 1988, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, esta última finalidade, sendo a essência da Educação Profissional e Tecnológica. Como já exposto anteriormente, os espaços escolares tradicionais podem não atender de forma plena as necessidades didático-pedagógica inerentes a cada área de conhecimento ao qual alunos(as) serão submetidos ao longo de suas vidas acadêmicas.

No caso da Educação Profissional e Tecnológica, que tem como uma das suas principais finalidades a preparação do indivíduo para o exercício da cidadania por meio do trabalho, pode ter o sucesso dessa finalidade comprometida caso não haja espaços

adequados para o desenvolvimento de atividades práticas para os mais variados cursos oferecidos pelas diversas instituições espalhadas Brasil a fora. Não é concebível imaginar que os estudantes dessa modalidade educacional possam adquirir conhecimentos e habilidades laborais apenas com a teoria, se faz necessário o envolvimento do aluno com a prática, pois será por meio da junção das duas que o indivíduo dará mais significado ao assunto abordado e certamente terá melhor domínio para o exercício da profissão que escolher exercer.

Nesse sentido, firmamos nossa compreensão de que os espaços não formais de educação têm papel indispensável junto educação, especialmente, para a Educação Profissional e Tecnológica, que tem escopo formativo que permeia, desde a educação básica até a pós-graduação, passando pelo nível superior. Além disso, é de conhecimento público que as instituições escolares, de maneira geral, não possuem a estrutura desejada por professores(as) para o desenvolvimento de suas atividades, ao contrário, muitas vezes, não possuem a infraestrutura mínima necessária para alcançar seus objetivos. Assim sendo, professores(as) muitas vezes buscam por meios próprios suprir esses obstáculos que, em muitos casos, são superados ou minimizados com o uso de um espaço não formal.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, ante o exposto, que a educação nacional em todas as suas categorias é um patrimônio social, que se constitui nos ambientes escolares convencionais, indo até os mais diversos espaços da convivência humana e de suas relações sociais, juntando-se ao ambiente familiar para juntos compor um arcabouço educacional capaz de emancipar a vida de todos(as) os(as) indivíduos(as).

Nos parece que os espaços não formais vêm, ao longo dos tempos, ganhado importância no desenvolvimento da educação, especialmente, na educação profissional e tecnológica, devido as suas contribuições para a realização de práticas educativas nos mais variados espaços, proporcionando aos/as alunos(as) experiências inconcebíveis no ambiente escolar convencional.

Nesse sentido, entendemos que as diversas instituições de ensino precisam patrocinar de forma mais consistente o planejamento e execução de práticas educativas em espaços alternativos à escola. Proporcionando, não apenas a alunos(as), mas aos/as seus/suas profissionais que poderão fortalecer as teorias apresentadas em sala de aula, dando mais significado ao conteúdo abordado.

Por fim, como consequência de todas as fases deste estudo, e sob a luz dos resultados alcançados, desenvolvemos um Produto Educacional (PE) denominado “Guia de espaços não formais” que será disponibilizado para professores(as) com o objetivo de contribuir com seus planejamentos e execuções de atividades práticas educativas em ambientes não convencionais de educação.

Tal PE, foi concebido a partir de visitas a diversos ambientes, urbanos e rurais, que conforme seus potenciais educacionais foram reunidos em um único documento que apresenta as principais características desses espaços, permitindo, por parte dos(as) professores(as), a identificação do espaço mais apropriado para desenvolver sua atividade. Esperamos que esse produto ajude a promover cada vez mais a utilização desses ambientes.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, João M. de M.; LIMA, Nicácio N. A importância dos espaços não-formais no ensino de ciências e biologia: contribuições e perspectiva no processo de ensino-aprendizagem. In: VII Encontro Nacional das Licenciaturas. 7. 2018, Fortaleza-CE. **Anais eletrônicos [...]**, Fortaleza-CE, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- BERNET, J. T. **La educación fuera de la escuela. Âmbitos no formales y educación social**. 2ª ed. Editora: Ariel. Asturias/España, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Brasília: Presidência da República, [1988]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1937)]. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro: Presidência da República, [1937b]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942**. Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Rio de Janeiro: Presidência da República, [1942]. <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 01 jan. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Crêa nas capitães dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito. Rio de Janeiro: Presidência da República, [1909]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República [2008]. <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro de 1959**. Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. Rio de Janeiro: Presidência da República, [1959]. <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro: Presidência da República [1937a]. <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [1971]. <https://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978**. Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [1978]. <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [1996]. <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações**. v. 2, n. 2, p. 11-25, 2014.

- Fonseca, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, IIª Série, n. 1, p. 35-50, 2014.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. ENSAIO: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, p. 55-66, 2008.
- MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.
- RAMOS, Marise Nogueira. História e Política da Educação Profissional. 1ª ed. Editora: IFPR. Curitiba, 2014.
- SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.
- SILVA, Karla; FONSECA, Ayanne; VERÍSSIMO, Bruno; et al. A percepção dos docentes de uma escola do Município do Jaboatão dos Guararapes (Brasil) sobre as contribuições da utilização dos espaços não formais. **Revista Espacios**, v. 41, n. 16, p. 28, 2020.
- SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A PESQUISA CIENTÍFICA. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

3 ARTIGO 2: O PERFIL DOS(AS) DOCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE NO ANO DE 2022

3.1 RESUMO

A qualidade dos(as) profissionais de educação, sem dúvida, é um dos elementos cruciais para o desenvolvimento de ações educativas que promovam a aprendizagem e emancipação plena de alunos e alunas. Saber explorar o potencial do seu quadro de professores(as), pode ser determinante para o sucesso de uma Instituição Educacional. Nesse sentido, este estudo objetiva apresentar o perfil dos professores e das professoras do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), adotamos para isso, uma pesquisa de natureza básica e do tipo exploratória, sendo a coleta de dados realizada por meio de aplicação de um questionário semiestruturado, oferecido aos/as professores(as) de forma *on-line*, através da ferramenta digital *Google forms*. Os resultados apontam para um quadro profissional de excelência em atividade no Campus Xapuri do IFAC. Todavia, ficou demonstrado também que o IFAC precisa avançar nas suas políticas de formação para seus servidores, principalmente no que se refere a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essência dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Concluímos, portanto, que o Campus Xapuri do IFAC tem grande potencial educacional, salvaguardado pelo seleto grupo de profissionais e que os resultados de suas atuações podem promover o desenvolvimento regional e a emancipação de seus/suas cidadãos(ãs).

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica; Formação de professores; IFAC; Perfil docente.

3.2 INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), estabelecido pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, integrou o Estado do Acre à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Suas atividades iniciaram-se em junho de 2010 ofertando cursos técnicos de nível médio nos municípios de Cruzeiro do Sul, Rio Branco, Sena Madureira e Xapuri. Sua sede administrativa, foi estabelecida na Capital Rio Branco (PDI 2020-2024, 2020). O Campus Xapuri (CXA), inicialmente, foi instituído pela portaria ministerial nº 806 de 22

de junho de 2011, definido como Campus Avançado ligado ao Campus Rio Branco. A partir da portaria ministerial nº 330 de 23 de abril de 2013, foi elevado à categoria de Campus, desligando-se do Campus Rio Branco e passando a responder diretamente à Reitoria.

Em atividade desde 2010, o Campus Xapuri tem proporcionado à região do Alto Acre grandes oportunidades de ensino para sua população, várias são as modalidades oferecidas para diversos tipos de público, desde os adolescentes, com a oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio, até as demais faixas etárias superiores, com oferta de cursos técnicos integrados na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), cursos técnicos subsequentes, cursos de graduação de tecnologia e licenciatura e cursos de pós-graduação (*latu-senso*). O Campus Xapuri conta com 56 docentes e 38 técnicos administrativo em educação, composto por maioria de Mestres(as) e Doutores(as) (PDI 2020-2024, 2020).

Dessa forma, é possível presumir que está presente no Campus Xapuri do IFAC, uma grande diversidade de pensamentos e atitudes, vários profissionais de diversas áreas do conhecimento, vindo de diversas regiões do Brasil, somados aos mais variados públicos. Cada profissional com seus conhecimentos científicos e suas metodologias diante de um público diverso e que também tem seus conhecimentos empíricos, sejam obtidos culturalmente ou por experiências vividas. Podemos inferir, portanto, que o perfil desses(as) profissionais é bastante plural, carregado de conhecimentos, saberes, experiências, culturas etc. e, certamente, os resultados oriundos dessa combinação são potencialmente benéficos.

Nesse sentido, indagamo-nos sobre qual o perfil desses profissionais tão diversos? Dessa forma, este trabalho se propõe a verificar qual o perfil de professores e professoras do Campus Xapuri do IFAC. Este estudo nasce da primeira fase de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Nessa fase da pesquisa, foi aplicado um questionário *on-line*, via *google forms*, sendo que a primeira seção levantou dados sobre a carreira profissional e acadêmica de professores e professoras permitindo a elaboração deste estudo. A análise dessas informações poderá produzir estratégias mais eficientes para obtenção de melhores resultados, lançar luz sobre os conhecimentos saberes e competências desses profissionais e pode apresentar um elemento muito relevante para o desenvolvimento das ações do Campus Xapuri do IFAC.

3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos a pesquisa de natureza básica, que segundo Silveira e Córdova (2009), objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência. Encontramos ainda na pesquisa do tipo exploratória, baseados na definição consignada por Gil (2007), que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito as características apropriadas para esse estudo. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário semiestruturado oferecido de forma *on-line*, via a ferramenta *Google forms*. A primeira seção desse questionário versava sobre questões pessoais e profissionais dos respondentes.

Buscando alcançar os objetivos deste estudo, o referido questionário foi oferecido a 51 professores e professoras lotados(as) no Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC). A primeira seção, formada por 13 questões, foi a base para a elaboração deste trabalho, para validação das respostas foi informado aos/as respondentes que seria necessário responder todo o questionário e, dessa forma, foram recebidas 43 respostas e todas foram validadas. A partir da análise das respostas obtidas, foi possível a produção de dois tipos de resultados, um de cunho quantitativo e outro de cunho qualitativo, definindo uma abordagem quali-quantativa. Esse questionário ficou disponível aos/as professores(as) durante os meses de novembro e dezembro de 2022.

A análise mais quantitativa, realizada nas questões fechadas, permitiu a produção de elementos gráficos para melhor apresentação dos resultados, sem prejuízo para as discussões. A avaliação mais qualitativa, realizada nas questões com respostas abertas, portanto subjetivas, permitiu uma análise de conteúdo e proporcionou maiores discussões sobre os temas abordados e, eventualmente, permitindo também a elaboração de elementos gráficos ilustrativos. Assim, durante este trabalho, será possível verificar a partir de várias figuras e/ou outros elementos gráficos, as informações fornecidas pelos(as) professores(as), bem como as discussões que as seguem.

3.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passamos a elaboração dos perfis dos professores e das professoras do Campus do Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC), obtido através do questionário composto por 25 questões abertas e fechadas e foi oferecido a 51 professores e professoras de forma *on-line*, via *google forms*. A primeira seção do referido questionário, composta de 13 questões, abordava sobre o percurso profissional dos(as) docentes e foi a base para a elaboração deste estudo. O Questionário ficou disponível durante os meses de novembro e dezembro de 2022 e obtivemos 43 respostas, totalizando 84,0% dos(as) professores(as). Essas informações estão presentes nas tabelas apresentadas subsequente.

Na Tabela 1, podemos perceber que os/as docentes do Campus Xapuri do IFAC dividem-se em homens e mulheres, que se identificam quanto ao gênero, 25 (58,1%) masculino e 18 (41,9%) feminino, com idades que variam na faixa de 20 a 30 anos, sendo 02 (4,7%) docentes nessa faixa etária, além de 05 (11,6%) professores(as) com idades acima dos 50 anos. A maioria 21 (48,8%), concentra-se na faixa de 31 a 40 anos, seguido por 15 (34,9%) que declararam ter na faixa de 41 a 50 anos. Não há professores(as) com menos de 20 anos de idade. Trata-se, portanto, de um grupo de profissionais relativamente jovem, que pode significar grande potencial por um período longo de contribuição na formação e transformação da comunidade por meio da educação.

Tabela 1 – Perfil dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC em 2022

GÊNERO	¹ QTD.	IDADE	QTD.	TIPO DE GRADUAÇÃO	QTD.	PÓS GRADUAÇÃO	QTD.
Masculino	25	Menos de 20	00	Licenciatura	26	Aperfeiçoamento	00
Feminino	18	Entre 20-30	02	Bacharelado	16	Especialização	09
		Entre 31-40	21	Tecnologia	01	Mestrado	23
		Entre 41-50	15			Doutorado	11
		Mais de 50	05			Pós-Doutorado	00

Fonte: Próprio autor

Nota: ¹Quantidade

Em relação as suas formações, a maioria dos(as) respondentes, ou seja, 26 (60,5%) professores(as) afirmam possuir formação em nível de graduação em cursos de Licenciaturas, outros(as) 16 (37,2%) declararam possuir graduação em cursos de bacharelado e apenas 01 (2,3%) docente declarou ter realizado formação em curso superior de Tecnologia. Essa informação é muito significativa, pois demonstra que o grupo de professores(as) do Campus Xapuri do IFAC é composto em sua maioria por professores(as) de formação, que estudaram e escolheram desenvolver suas atividades profissionais junto ao Magistério, isso demonstra o potencial existente no Campus Xapuri do IFAC para uma prestação de serviço de elevado nível.

Questionados(as) sobre pós-graduação, todos(as) os(as) professores(as) declararam possuir pelo menos um curso nesse nível. Um total de 9 (20,9%), declararam serem Especialistas. A maioria declarou possuir o título de Mestre(a), sendo 23 (53,5%) nessa categoria e outros 11 (25,6%), ostentam o título de Doutor(a). Nenhum(a) professor(a) afirmou ter feito pós-graduação em nível de aperfeiçoamento e da mesma forma, nenhum(a) fez/faz pós-doutorado. Convém destacar ainda, que 11 (25,5%) declararam estarem em novo curso de pós-graduação, ou seja, estão elevando seus níveis de estudos e logo o Campus Xapuri do IFAC terá em seu quadro de profissionais, novos(as) Mestres(as) e Doutores(as), fortalecendo ainda mais seu grupo, já seletivo, de profissionais.

Todos esses dados, nos leva a conclusão de que o quadro funcional de docentes do Campus Xapuri do IFAC é composto por profissionais altamente qualificados, com amplas condições de proporcionar aos/as alunos(as) uma educação de altíssima qualidade. Poder contar com número expressivo de profissionais Mestres(as) e Doutores(as) em seu grupo de servidores é um privilégio de poucos centros educacionais espalhados pelo Brasil, sobretudo, nos locais menos abastados e no interior de Estados como o Acre. Proporcionar isso a comunidade local pode produzir resultados surpreendentes e seguramente transformar a realidade regional, mudando não apenas as pessoas, mas transformando o contexto ao qual elas estão inseridas.

Cabe ressaltar, que muitos desses(as) professores(as), já possuíam tais títulos em nível de pós-graduação ao chegarem no Instituto Federal do Acre, outros(as), porém, realizaram ou realizam tal formação já em exercício no IFAC, sendo concedido inclusive, afastamento integral com ônus de dois e quatro anos, para cursos de

Mestrado e Doutorado respectivamente. Essa ação é normatizada no Instituto Federal do Acre pela Portaria IFAC nº 1.321, de 14 de outubro de 2022, que dispõe sobre normas para ações de desenvolvimento de servidores e faz cumprir o que estabelece o Art. 96-A da Lei 8.112/1990, que dispõe sobre o afastamento de servidores para participar de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (BRASIL, 1990). Dessa forma, fica demonstrado que o IFAC procura promover políticas de capacitação que permitam aos seus profissionais elevarem seus níveis e titulações e, conseqüentemente, produzirem maiores e melhores resultados no exercício de suas funções.

A Tabela 2, apresenta os tipos de cursos de graduação realizados pelos(as) profissionais do IFAC, lotados no Campus Xapuri. A partir desse panorama, podemos inferir que o Campus Xapuri do IFAC possui um quadro funcional de excelência, no que se refere a formação de seus/suas profissionais, composto de 26 (60,5%) professores(as) de carreira com formação em Licenciaturas em diversas áreas do conhecimento, são ao todo dezesseis Licenciaturas representadas nesse grupo de profissionais da educação. Têm-se também, 16 (37,2%) profissionais Bacharéis, majoritariamente com formação na área das Engenharias, são 10 (37,0%) cursos de bacharelado representados. Tem-se ainda, 1 (3,7%) curso superior de Tecnologia representado por um(a) docente. Vimos então, que todos os tipos de graduação estão representados no grupo de professores(as) do Campus Xapuri do IFAC, são 27 cursos distintos distribuídos em profissionais Licenciados, Bacharéis e um Tecnólogo.

Tabela 2 – Tipos de formações dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC

LICENCIATURA	BACHARELADO	TECNOLOGIA
Artes Visuais	Administração	Gestão Ambiental
Biologia	Ciências Econômicas	
Educação Física	Direito	
Física	Eng. Agrônômica	
Geografia	Eng. De Alimentos	
História	Eng. Florestal	
Letras – Espanhol	Eng. Química	
Letras – Inglês	Medicina Veterinária	
Letras – Libras	Psicologia	
Letras – Português	Zootecnia	
Letras – Vernáculas		

Matemática		
Música		
Pedagogia		
Química		
Sociologia		
TOTAL: 16 (59,3%)	TOTAL: 10 (37,0%)	TOTAL: 01 (3,7%)

Fonte: Próprio autor

Essa pluralidade de formações justifica-se devido o Campus Xapuri do IFAC oferecer, atualmente (2023), cursos de Ensino Médio Integrado (EMI) em Agropecuária, Alimentos e Biotecnologia, bem como curso técnico subsequente em Agropecuária e Alimentos. A oferta de cursos superiores se faz por meio de Licenciatura em Química, Ciências Biológicas e Tecnologia em Agroindústria. Há ainda turmas remanescentes dos cursos superiores de Tecnologia em Agroecologia e Tecnologia em Gestão Ambiental, que tiveram suas ofertas suspensas em 2020. Dois cursos de pós-graduação *latu senso* são ofertados em nível de Especialização, sendo eles: Ciência e Tecnologia dos Alimentos e Ensino e Práticas Pedagógicas. Esses profissionais podem atuar em qualquer nível, desde o básico até a pós-graduação, cada um atuando na sua área de conhecimento para a qual foi contrato junto ao IFAC.

Convém destacar que esses(as) profissionais foram contratados(as) pelo IFAC em áreas distintas para atuarem diretamente no ramo de suas formações e, portanto, são professores e professoras de variadas áreas do conhecimento que vão das disciplinas propedêuticas até as mais específicas, contribuindo, significativamente, para a formação dos(as) alunos(as), seja ele(a) da educação básica, técnica, superior ou de pós-graduação. A atuação desses(as) profissionais vinculadas as suas formações, proporciona maior possibilidade da realização de atividades exitosas, proporcionando conforto profissional e, por conseguinte, satisfação dos que por elas são alcançados. A Tabela 3 demonstram essa diversidade de áreas para as quais esses(as) profissionais foram contratados para atuarem junto ao IFAC.

Tabela 3 – Áreas de contratação dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC

CIÊNCIAS AGRÁRIAS	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	CIÊNCIAS HUMANAS
Agronomia	Biologia	Física	Geografia
Agricultura		Matemática	História
Zootecnia		Química	Psicologia
			Sociologia
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	ENGENHARIAS	LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES	OUTRAS ÁREAS
Administração	Alimentos	Artes	Meio Ambiente
Ciências Econômicas		Letras – Espanhol	Pedagogia
Direito		Letras – Inglês	Educação Física
		Letras – Libras	
		Letras – Português	
		Letras – Vernáculas	
		Música	

Fonte: Próprio autor

Essa tabela evidencia de maneira geral as áreas representadas por profissionais lotados no Campus Xapuri do IFAC, consideramos apenas as áreas dos profissionais que responderam ao questionário e, portanto, participaram diretamente desta pesquisa, totalizamos vinte e cinco áreas diferentes, isso já explicita a diversidade de áreas atendidas no Campus Xapuri do IFAC por meio de seus/suas professores(as). Há ainda outras duas áreas, Filosofia e Informática, que não estão presentes na Tabelas 3, pois, seus representantes não participaram da pesquisa. A ressalva aqui, fica por conta de que há profissionais no Campus Xapuri do IFAC que, embora sua formação em nível de graduação seja em uma determinada área, foi contratado para atuar em área correlata, situação essa, totalmente em conformidade com o certame percorrido para o ingresso nos quadros do IFAC.

Esses profissionais foram contratados em regime de 20h e 40h semanais, conforme apresentado na Tabela 4. Ao analisar esses dados, temos que 39 (90,7%) professores(as) possuem contrato de 40h com dedicação exclusiva, 3 (7,0%) no regime de 40h sem dedicação exclusiva e apenas 1 (2,3%) no regime de 20h. Além disso, 40 (93,0%) professores(as) são contratados(as) de forma efetiva e apenas 3 (7,0%), possuem contrato temporário. Essa condição é muito relevante, pois retrata

que a maioria desses(as) profissionais se dedicam, exclusivamente, as atividades junto ao IFAC permitindo melhor desempenho de suas funções, além da efetividade, que também proporciona melhor planejamento de trabalho e carreira desses profissionais.

Tabela 4 – Regime de trabalho e tempo de serviço no Campus Xapuri do IFAC

TIPO DE CONTRATO	¹QTD.	REGIME DE TRABALHO	QTD.	TEMPO DE SERVIÇO	QTD.
Efetivo	40	20 horas	01	Menos de 1 ano	05
Temporário	03	40 horas	03	De 1 a 5 anos	15
		40 horas com ² D.E.	39	De 6 a 10 anos	20
				Mais de 10 anos	03

Fonte: Próprio autor

Notas: ¹Quantidade. ²Dedicação exclusiva.

Em relação ao tempo de serviço desses(as) profissionais junto ao IFAC, temos os seguintes números: 5 (11,6%) estão a menos de um ano no Instituto, 15 (34,9%) estão entre um e cinco anos, 20 (46,5%) declararam que estão entre seis e dez anos no IFAC e apenas 3 (7,0%) a mais de dez anos. Se considerarmos que o Campus Xapuri do IFAC entrou em atividade em 2010 e, portanto, a mais de dez anos, verificamos que apenas três professores remanescem do princípio das atividades do IFAC em Xapuri-AC. Por outro lado, com a confirmação de professores e professoras que estão a menos de um ano no Campus, é possível concluir que o IFAC tem trazido novos(as) profissionais, seja para cumprirem novas demandas ou para substituir servidores redistribuídos para outras Instituições ou removidos internamente para outras unidades do IFAC.

Todavia, é possível afirmar que a maioria dos(as) servidores(as) lotados no Campus Xapuri do IFAC, estão a mais de seis anos em atividade, são ao todo 20 (46,5%) profissionais nessa condição. Isso pode denotar uma certa estabilidade e, portanto, a continuidade de projetos de médio e longo prazo, o que é muito importante para resultados mais duradouros. Uma rotatividade muito acentuada pode, em certa medida, provocar interrupção de atividades que poderiam produzir resultados exitosos, mas que são suspensos e/ou encerrados devido o deslocamento do(a)

professor(a) para outra unidade. A relativa estabilidade apresentada na Tabela 5, demonstra que esses projetos podem estarem sendo desenvolvidos e certamente produzindo bons resultados no Campus Xapuri do IFAC.

A maioria dos(as) profissionais do Instituto Federal do Acre que atuam no Campus Xapuri, tiveram suas primeiras experiências com a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), já no exercício de suas funções como docente do IFAC. A afirmação vem de 28 (65,1%) respondentes do questionário, que afirmaram que não haviam atuado na EPT, embora alguns já tenham tido experiências em docência. Outros 15 (34,9%), declararam que atuaram na EPT antes de ingressar no IFAC. Quando olhamos apenas para os que afirmam que já haviam atuado na EPT antes do IFAC, esses(as) professores(as) afirmaram terem atuado desde o nível básico, passando pelo técnico e superior, até a pós-graduação. Esses dados estão consignados na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Atuação dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC na EPT

ATUAÇÃO EM ¹EPT ANTES DO IFAC	²QTD.	QUAIS NÍVEIS ATUOU?	QTD.	NO IFAC ATUAÇÃO NO ³EMI	QTD.
Sim	15	Básico	05	Sim	39
Não	28	Técnico	10	Não	04
		Superior	11		
		Pós-Graduação	02		

Fonte: Próprio autor

Notas: ¹Educação Profissional e Tecnológica. ²Quantidade. ³Ensino Médio Integrado.

Quando questionados(as) sobre sua atuação no Ensino Médio Integrado (EMI), ocorrido após o ingresso no IFAC, 39 (90,7%) dos(as) professores(as) afirmam que atuam ou atuaram nessa modalidade de ensino, conseqüentemente, apenas 04 (9,3%) não desenvolveram atividades junto ao EMI. Diante desses dados, não obstante, 28 (65,1%) professores(as) terem afirmado que não haviam atuado na EPT, percebemos que logo após o ingresso no IFAC, que se trata de uma Instituição essencialmente voltada para Educação Profissional e Tecnológica, a maioria desses(as) profissionais passaram a atuar imediatamente na EPT, é o que afirmaram

39 (90,7%) respondentes ao questionário, esse número refere-se à atuação desses(as) profissionais somente junto ao Ensino Médio Integrado.

Um destaque patente, evidenciado por este estudo, é o fato de que a maioria dos(as) professores(as) do IFAC, não receberam formação/capacitação referente a atuação junto a Educação Profissional e Tecnológica, tendo que se valer apenas de suas experiências profissionais pretéritas, caso as tenha. O dado mais preocupante sobre essa questão é que 28 (65,1%) desses(as) profissionais afirmaram não terem atuado na Educação Profissional e Tecnológica antes do IFAC. Considerando que apenas 6 (14,0%) afirmaram que receberam formação para atuação na EPT, nos parece um número pouco expressivo. Veja o detalhamento desses números na Tabela 6.

Tabela 6 – Formação/Capacitação recebida pelo(as) professores(as)

FORMAÇÃO/ CAPACITAÇÃO	RESPOSTAS RECEBIDAS	RESPOSTAS EM PERCENTUAL (%)
Docência na Educação Profissional e Tecnológica	06	14,0%
Complementação pedagógica	05	11,6%
Educação de Jovens e Adultos	00	00,0%
Educação inclusiva	12	27,9%
Tecnologias Educacionais	12	27,9%
Outra(s)	04	09,3%
Nenhuma	20	46,5%

Fonte: Próprio autor

Entendemos, portanto, que o IFAC precisa avançar na oferta de formação referente a EPT para seus/suas profissionais, para que esses desenvolvam cada vez mais suas funções com elevado índice de qualidade. Apesar da pouca oferta de formação para atuação em EPT, cabe destacar que o IFAC tem ofertado outras capacitações aos/as seus/suas servidores(as), porém, nenhum deles(as) afirmou ter recebido formação referente à Educação de Jovens e Adultos (EJA), que também é umas das preocupações dos Instituto Federais como um todo. Destaca-se, também, o fato de que 20 (46,5%) dos(as) professores(as) afirmam não terem recebido

nenhuma das formações/capacitações citadas no questionário e representadas na Tabela 6.

Cabe destacar ainda, que apenas 05 (11,6%) professores(as) afirmaram que realizaram complementação pedagógica. Considerando que o Campus Xapuri do IFAC tem no seu quadro de docentes 16 (37,2%) bacharéis e 1 (2,3%) tecnólogo, este número fica muito abaixo do desejado, pois a formação didático-pedagógica, inexistente nesse tipo de graduação, pode afetar negativamente as atividades desenvolvidas pelos(as) docentes. Se olharmos um pouco mais afundo, vemos que dos(as) cinco docentes que responderam positivamente em relação a complementação pedagógica, apenas um(a) é bacharel, os(as) demais, são professores(as) licenciados(as) e, portanto, já tiveram formação didático-pedagógica durante suas graduações, isso indica que ao menos 16 (94,1%) profissionais – bacharéis e tecnólogo – em atividade no Campus Xapuri do IFAC, não realizaram curso de complementação pedagógica.

Entendemos, portanto, que o IFAC precisa ser mais assertivo com as propostas de formação para seus profissionais, sobretudo, no que se refere a formação para atuação na Educação Profissional e Tecnológica em todos os seus níveis e também na complementação pedagógica, que nos parece fundamentais para o sucesso das atuações desses(as) profissionais bem como dos resultados produzidos. Não é razoável para uma Instituição de Ensino Profissional e Tecnológico, 20 (46,5%) de seus/suas professores(as) afirmarem que não receberam nenhum tipo de formação nessa temática e, indo mais além, nenhum dos(as) participantes da pesquisa receberam capacitação para atuarem na Educação Profissional de Jovens e Adultos, visto que no IFAC, há histórico de ofertas nessa modalidade, além de previsão de novas no futuro.

A Tabela 7, demonstra outras atividades realizadas pelos professores e pelas professoras do Campus Xapuri do IFAC além das atividades de ensino, ocorrendo paralelamente as suas atividades primárias. Foi o que responderam esses(as) profissionais ao questionário quando indagados sobre outras atividades que desenvolviam, 34 (79,1%) afirmaram desenvolver atividades de Extensão, 29 (67,4%) responderam que desenvolvem pesquisa e ainda, 26 (60,5%) respostas foram dadas para a opção de Gestão, outras 7 (16,3%) afirmaram desenvolver outras atividades. Ressaltamos que sobre essa questão, os(as) professores(as) poderiam aderir a mais

de uma resposta e, portanto, é perceptível que vários(as) desses(as) professores(as) desenvolvem mais de uma das atividades listadas.

Tabela 7 – Outras atividades desenvolvidas pelos(as) professores(as)

TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA	RESPOSTAS RECEBIDAS	RESPOSTAS EM PERCENTUAL (%)
Extensão	34	79,1%
Pesquisa	29	67,4%
Gestão	26	60,5%
Outra(s)	07	16,3%

Fonte: Próprio autor

Fica evidenciado, portanto, que para além das atividades de ensino que ocorrem, majoritariamente, em sala de aula, os(as) profissionais do Campus Xapuri do IFAC não se limitam a essa condição e extrapolam esses limites, atuando de forma consistente em atividades que contribuem ainda mais para que o Campus Xapuri do IFAC cumpra suas designações legais e fortaleça suas relações com a comunidade interna e externa. Vimos, portanto, que muitos(as) desses(as) professores(as) dedicam-se também as atividades de Gestão, contribuindo para o desenvolvimento Institucional, outros(as) atuam fortemente na Extensão e Pesquisa, promovendo a ciência e produção de conhecimento que certamente fortalece e aproxima o IFAC, por meio do ensino, pesquisa e extensão, daqueles que mais precisam.

3.5 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou grandes e importantes revelações sobre os perfis dos(as) professores(as) do Campus Xapuri do IFAC. Consideramos ao final que o questionário semiestruturado foi o instrumento apropriado para alcançarmos os nossos objetivos, trazendo panorama robusto quanto ao perfil desses(as) profissionais. O que esse resultado demonstra é que o Campus Xapuri do IFAC posiciona-se de forma privilegiada, quanto ao seu quadro de profissionais, destacando-se, portanto, pelo percentual majorado de Mestres(as) e Doutores(as)

entre seus membros, além ainda, daqueles que estão em processo de qualificação (Mestrado e Doutorado), que fortalecerão ainda mais esse grupo.

Os resultados provenientes de um seletivo grupo de profissionais, como o do Campus Xapuri do IFAC, nos permitem inferir que são os maiores e melhores possíveis, ajudando na formação de cidadãos e cidadãs críticos(as) e criando as condições necessárias para o desenvolvimento educacional e social dos que, nessa fonte, mataram sua sede. Não obstante, a qualidade dos profissionais do Campus Xapuri do IFAC, no que se refere as suas formações e titulações, percebemos que se faz necessário uma política eficaz e perenal de qualificação por parte do IFAC.

Foi o que apontou este estudo ao questionar os(as) professores(as) sobre a oferta de capacitações e ficou demonstrado que o IFAC precisa avançar em muito, sobretudo, na preparação desses profissionais para atuação na Educação Profissional e Tecnológica em todos os seus níveis. Outro ponto crítico apontado pelo estudo é o grande número de profissionais (Bacharéis) sem formação pedagógica e que não têm recebido, por parte do IFAC, a preparação didática-pedagógica para atuarem em sala de aula, ao contrário, são submetidos imediatamente à atuação docente ao ingressarem na Instituição.

A gravidade sobre essa questão é confirmada quando esses(as) professores(as) afirmaram, em sua ampla maioria, que não tiveram experiências progressas ao IFAC de atuação docente, principalmente, na Educação Profissional e Tecnológica. Isso somado a não oferta de capacitação de forma geral e, principalmente, para atuação na Educação Profissional e Tecnológica, pode representar um prejuízo para os resultados esperados, seja nas metas institucionais, profissionais e até mesmo, nos resultados esperados pela comunidade acadêmica, que espera de um grupo tão qualificado, as melhores consequências do trabalho executado. Reafirmamos, portanto, nosso entendimento de que o IFAC precisa avançar em políticas de formação/capacitação desses profissionais para atuação junto à Educação Profissional e Tecnológica, essência dos Institutos Federais.

Concluimos, portanto, que este trabalho alcançou seu objetivo em expor um “Raio X” do perfil desses(as) profissionais. Entendemos que muitas reflexões podem surgir da apropriação desse estudo e produzir ações que corrobore e potencialize a atuação desses(as) professores(as). Nosso objetivo derradeiro é que o Campus

Xapuri do IFAC, de posse das informações aqui apresentadas, promova ações eficientes para o crescimento profissional do seu grupo de servidores(as).

3.6 REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº 8.112/90, de 11 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BRASIL. **Portaria ministerial nº 806, de 22 de junho de 2011**. Autoriza Instituições Federais a promover o funcionamento dos seus respectivos Campus. Brasília: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=7&data=24/06/2011>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRASIL. **Portaria ministerial nº 330, de 23 de abril de 2013**. Autoriza Instituições Federais a promover o funcionamento dos seus respectivos Campus. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=14&data=24/04/2013>. Acesso em: 25 abr. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A PESQUISA CIENTÍFICA. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

PDI. Instituto Federal do Acre (IFAC). **Resolução Nº 12/CONSU/IFAC, de 21 de janeiro de 2020**. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional (2020-2024). Disponível em: <http://www.ifac.edu.br>. Acesso em: 18 jan. 2023.

4 ARTIGO 3:

¹A PERCEPÇÃO DE DOCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE SOBRE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

THE PERCEPTION OF TEACHERS AT THE XAPURI CAMPUS OF THE FEDERAL INSTITUTE OF ACRE ABOUT NON-FORMAL EDUCATION SPACES AND THEIR CONTRIBUTIONS TO TEACHING AND LEARNING

²Júnior da Costa Moreira.

³Luís Pedro de Melo Plese.

⁴Keila Lima Sanches.

²Instituto Federal do Acre. E-mail: junior.moreira@ifac.edu.br.

³Instituto Federal do Acre. E-mail: pedro.plese@ifac.edu.br.

⁴Instituto Federal de Brasília. E-mail: keila.sanches@gmail.com.

²Autor de correspondência

Artigo submetido em 15/04/2023, aceito em XX/XX/XXXX e publicado em XX/XX/XXXX.

Resumo: Espaços não convencionais de educação têm se notabilizado como ferramenta importante e com relevante contribuição para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do ensino básico à pós-graduação. Promover a utilização desses recursos pode, em tese, fortalecer laços institucionais com a comunidade e para além da aprendizagem, favorecer o desenvolvimento da prática docente. Este estudo se propõe a verificar a percepção de professores(as) do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC) sobre espaços não formais de educação (ENF) e suas contribuições para o aprendizado de alunos(as) e à prática docente. Para tanto, adotamos uma pesquisa de natureza básica, do tipo exploratória, sendo a coleta de dados realizada por meio de aplicação de um questionário semiestruturado, que nos permitiu uma análise quali-quantitativa. Os resultados evidenciam que os profissionais do Campus Xapuri do IFAC reconhecem a importância dos espaços não formais, bem como fazem uso desse tipo de ambiente em suas práticas laborais. Professores e professoras afirmam de forma categórica que tais espaços contribuem, significativamente, para um melhor desempenho dos(as) alunos(as). Assim, compreendemos que o Campus Xapuri do IFAC deve fomentar a utilização desse tipo de espaço não convencional de educação oferecendo gerência e logística para que professores(as) e alunos(as) possam usufruir desse recurso e elevar seu potencial educacional.

Palavras-chave: Educação formal; Educação Informal; Educação não formal; Educação Profissional e Tecnológica; Espaço não convencional de educação.

Abstract: Non-conventional spaces of education have become notable as an important tool and with a relevant contribution to the development of teaching and learning from basic education to graduate school. Promoting the use of these resources can, in theory, strengthen institutional ties with the community and, in addition to learning, favor the development of teaching practice. This study aims to verify the perception of teachers from the Xapuri Campus of the Federal Institute of Acre (IFAC) about non-formal education spaces (ENF) and their contributions to student learning and teaching practice. For that, we adopted research of a basic nature, of the exploratory type, and the data collection was carried out through the application of a semi-structured questionnaire, which allowed us a quali-quantitative analysis. The results show that the professionals at the IFAC Campus Xapuri recognize the importance of non-formal spaces, as well as make use of this type of environment in their work practices. Teachers categorically state that such spaces significantly contribute to better student performance. Thus, we understand that the IFAC Campus Xapuri should encourage the use of this type of unconventional education space, offering management and logistics so that teachers and students can take advantage of this resource and increase their educational potential.

Keywords: Formal education; Informal Education; Non-formal education; Professional and Technological Education; Unconventional space of education.

4.2 INTRODUÇÃO

Espaços não formais de educação têm ganhado relevância nos últimos tempos e preenchido lacunas importantes no desenvolvimento de práticas educativas desenvolvidas por professores e professoras das mais variadas áreas de conhecimentos e níveis escolares, que vão do básico à pós-graduação, passando pelo ensino superior. Nem sempre as instituições de ensino onde esses(as) profissionais atuam, possuem a estrutura necessária para o desenvolvimento de atividades práticas, como por exemplo: visitas técnicas e/ou aulas de campo, sendo necessário que o(a) professor(a) ao promover tais atividades, busque em espaços alternativos de educação para suprir essa deficiência. É nesse contexto, que espaços externos às instituições de ensino, têm tido papel importante.

Olhando para um grupo de profissionais de diversas áreas de conhecimentos, é possível inferir que o ambiente escolar tradicional pode não contemplar as demandas inerentes à cada uma delas e assim, naturalmente, fazer com que esses(as) profissionais busquem alternativas de espaços para melhor promover suas atividades laborais e buscar alcançar melhores resultados de aprendizagem para seus/suas alunos(as). Assim, objetivamos com este estudo compreender as percepções de professores(as) do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre (IFAC), sobre espaços não formais e quais contribuições esses ambientes podem produzir para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, permitindo um olhar mais objetivo sobre as questões levantadas por essas ações.

Compreender as percepções de professores(as) sobre espaços não formais de educação e suas contribuições para o ensino e aprendizagem se faz extremamente necessário visto, que diante de profissionais de diversas áreas de conhecimento e a pluralidade de ideias e pensamentos, não é possível construir uma única forma de agir, com propósito de que esses eventos sejam cada vez mais eficazes e produzam cada vez maiores e melhores resultados. Nesse sentido, esperamos com a conclusão deste estudo a possibilidade de elaboração de ações

institucionais que incentivem, promovam e fortaleçam o desenvolvimento de atividades educativas em ambientes não convencionais, contribuindo para o melhor desenvolvimento do ensino e aprendizagem, subsidiando o planejamento de professores(as), bem como a organização, por parte do Campus Xapuri do IFAC, dessas atividades.

4.3 REFERENCIAL TEÓRICO

Não é novidade, em tempos atuais, que a escola tradicional não atende as mais variadas demandas das diversas necessidades educacionais que a sociedade deseja e espera receber por parte dessas instituições educacionais. O ambiente tradicionalmente definido como espaço formal de educação não é mais capaz de suprir com eficácia as exigências de uma educação cada vez mais complexa, destinada a um público cada dia mais plural. É nesse sentido que espaços, essencialmente sem finalidade educacional, tem sido cada vez mais utilizados por professores(as), buscando minorar as consequências de uma formação sem significado prático, visto que é de conhecimento público que as mais diversas instituições de ensino, têm dificuldades em oferecer uma estrutura apropriada para a realização de práticas educativas que possibilitem uma aprendizagem mais significativa para os(as) alunos(as).

Esses ambientes têm sido denominados por pesquisadores e estudiosos dessa temática como espaços não formais de educação que, Jacobucci (2008), define como qualquer espaço onde possa ocorrer uma prática educativa. A autora indica ainda a possibilidade de uma divisão em duas categorias desses espaços, como forma de melhor defini-los, sendo uma categoria chamada de “instituições”, que abrange espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas. A outra categoria, denominada por ela de “Não instituições”, incluem os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estrutura institucional, mas que é possível a realização de práticas educativas. Ainda segundo essa autora, nessa categoria, podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços.

A relevância da utilização desses espaços, tem sido atestada por pesquisadores e estudiosos, bem como por diversos profissionais da educação, que têm lançado mão desse recurso para promover aos/as seus/suas alunos(as) uma aprendizagem com mais significado, permitindo o contato desses(as) educandos(as) com a prática, o que não seria possível no ambiente regular de ensino, ou seja, na sala de aula. É nesse sentido, Seniciato e Cavassan (2004), consideram que as aulas de campo em espaços não formais, além de relevantes para o ganho cognitivo referente à aprendizagem dos conteúdos, podem contribuir para a formação de valores e atitudes, que possibilitem colocar em prática os conhecimentos construídos nessas aulas. A afirmação desses(as) autores(as), vai muito além da teoria e prática, indicando que tais espaços podem promover o pleno desenvolvimento das capacidades dos(as) alunos(as).

Tais espaços podem despertar sentimentos e emoções que o ambiente educacional tradicional não poderia proporcionar e isso nos parece muito relevante. Acreditamos que esses sentimentos e emoções podem ser bases para uma aprendizagem mais significativa, fundindo-se com os assuntos abordados, pois imprime significados impossíveis de serem alcançados em sala de aula. Para Batista e Lima (2018), os espaços não formais possibilitam a união dos sentimentos e conhecimentos pré-existente com os novos conteúdos apresentados, pois é um local de divertimento associado ao conteúdo ministrado em sala de aula se torna um laboratório vivo, onde ali deixa de ser somente um espaço de lazer para o aluno e agora tem sua

imaginação despertada e sua cognição fica mais aguçada. O aluno consegue compreender o assunto e conciliar com sua vivência cotidiana criando um senso de cidadania muito maior.

Portanto, se faz necessário que os(as) professores(as) conheçam ambientes alternativos que possibilitem o desenvolvimento de práticas educativas abrindo caminho para um despertar crítico dos(as) alunos(as). O conhecimento prévio desse tipo de ambiente possibilitará um melhor planejamento das atividades e permitirá ao/a professor(a) definir quais assuntos podem ser abordados durante a visita, que tipo de estrutura o local oferece, logística necessária etc.

4.4 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Encontramos na definição de Gil (2007), o ponto de partida para a elaboração deste estudo, qual seja: proporcionar maior familiaridade com o problema e, nessa direção, adotamos a pesquisa do tipo exploratória. Da mesma forma, um elemento na pesquisa básica, definida por Silveira e Córdova (2009), como a que objetiva gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência, definimos a natureza do nosso estudo. Para a coleta de dados, aplicamos um questionário semiestruturado, oferecido a 51 professores(as) lotados(as) no Campus Xapuri do IFAC, na forma *on-line*, via formulário do *google forms*, que permitiu uma abordagem qualitativa. Foram ao todo vinte e cinco questões abertas e fechadas divididas em duas seções. A segunda seção, trata sobre espaços não formais de educação e foi a base para elaboração deste estudo.

A fim de manter o anonimato, os(as) respondentes foram enumerados sequencialmente conforme a ordem com que foram recebidas as respostas, portanto o(a) professor(a) será aqui identificado por “Professor(a) X”, sendo o “X” substituído pelo número sequencial recebido, por exemplo: Professor(a) 1, Professor(a) 2, Professor(a) 3 e assim sucessivamente. A partir da análise das respostas obtidas através do questionário, foi possível a produção de dois tipos de resultados, um de cunho quantitativo e outro de cunho qualitativo. A análise quantitativa realizada nas questões fechadas, permitiu a produção de elementos gráficos para melhor apresentação dos resultados, sem prejuízo para as discussões.

A avaliação qualitativa realizada nas questões com respostas abertas, portanto, subjetivas, permitiu uma análise de conteúdo e proporciona maiores discussões sobre os temas abordados e, eventualmente, permitindo também a elaboração de elementos gráficos ilustrativos. Durante este trabalho, apresentaremos figuras produzidas com a ferramenta digital *on-line Google Word Cloud Generator™*, que objetivam demonstrar o entendimento dos(as) respondentes de forma mais ilustrativa. Esperamos, portanto, que este trabalho possa subsidiar novas discussões, trazendo para esse debate, não apenas professores(as) e alunos(as), mas toda a comunidade acadêmica, inclusive, gestores(as).

A proposta desta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal do Acre, sendo analisada e considerada “apta” em 9 de novembro de 2022, conforme registro CAAE: 61833922.9.0000.0233 e parecer nº 5.748.425.

4.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um questionário foi oferecido a 51 professores(as) e obtivemos 43 (84,3%) respostas. Os(as) participantes foram indagados(as), inicialmente, sobre suas compreensões de Educação formal, informal e não formal. Sublinhamos que não se buscava respostas objetivas e, tão pouco, classificá-las como sendo certa ou errada. O objetivo foi verificar a compreensão que cada professor(a) tem sobre o tema, visto que nenhum desses temas são definidos de forma

estranque e são apresentados muitas vezes de forma distinta, mas que não se opõem, se complementam. No Brasil, a Lei nº 9.394/96, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996). Nesse sentido, compreendemos que toda e qualquer forma de educação regida pela referida Lei pode ser definida como educação formal.

A partir das análises das respostas de professores e professoras, verificamos as palavras que mais apareceram em todas as repostas e produzimos a Figura 1, com o objetivo de traduzir de forma mais eficaz a compreensão que cada um(a) dos(as) professores(as) têm sobre a educação formal. O recurso utilizado para produzir essa figura, conhecida como “nuvem de palavras”, proporciona maior destaque às palavras que mais são citadas em um determinado texto, assim, reunimos todas as repostas recebidas em um único texto e aplicamos o recurso de construção de “nuvem de palavras”, disponível gratuitamente por meio do *Google Word Cloud Generator*TM. O resultado dessa técnica é o que apresentamos abaixo.

Figura 1: Nuvem de palavras: Educação formal



Fonte: Próprio autor

Nota: Figura produzida com Google Word Cloud GeneratorTM

Fica evidenciado, que os(as) professores(as) respondentes possuem um relativo alinhamento no que se refere a conceituação do que seja educação formal. A Palavra “institucionalizada” foi o adjetivo que mais apareceu nas respostas, seguida por “ambiente escolar” e “sistematizada”, essas palavras/frases foram utilizadas para ajudar conceituar educação formal pelos(as) docentes. Nesse sentido, podemos compreender que o entendimento dos(as) professores(as) também se alinham com o preconizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), citada anteriormente. Outras palavras/frases como: “conteúdo definido”; “legislação”; “sala de aula”; também aparecem de forma destacável, dando mais apoio as definições trazidas pelos(as) professores(as).

Em relação a educação informal, também sustentamos nosso entendimento no que traz a própria LDB, Lei nº 9.393/96, que em seu Art. 1º, apresenta a seguinte redação: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana [...]” (BRASIL, 1996). Gohn (2006), define a “educação informal como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc. – carregada de valores e culturas próprias [...]”. Temos então, um resultado muito semelhante ao obtido anteriormente, qual seja, o alinhamento dos(as) docentes do Campus Xapuri do IFAC em relação a caracterização do que definimos como educação informal, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2: Nuvem de palavras: Educação informal



Fonte: Próprio autor

Nota: Figura produzida com Google Word Cloud Generator™

Focando nossas atenções agora para educação não formal, temos a que podemos concluir como sendo a mais difícil de definir. Muitos autores trazem definições diferentes, mas com mais pontos em comum do que divergentes. Smith (1996, *apud* Marandino, 2017, p. 812), define como educação não formal qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla [...]. Nesse sentido, Jacobucci (2008), traz o seguinte questionamento: Qualquer lugar é espaço não formal de Educação? Bruno (2014), associa educação não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola.

Temos, portanto, que a formação de um conceito parece ainda em construção para educação não formal. Todavia, tais conceitos não se opõem, mas se complementam. Encontrar pontos em comum nas diversas definições encontradas não é uma tarefa complexa. Com esse olhar, analisando as repostas de docentes do Campus Xapuri do IFAC e percebemos que a indefinição encontrada na literatura sobre o tema também ocorre entre esses(as) profissionais. Da mesma forma, pontos em comum também são visíveis e são esses pontos que buscamos destacar com a elaboração da Figura 3, desenvolvida a partir da mesma ferramenta utilizada anteriormente para ilustrar educação forma e informal.

Figura 3: Nuvem de palavras: Educação não formal



Fonte: Próprio autor

Nota: Figura produzida com Google Word Cloud Generator™

Vimos, então, que a educação não formal é imediatamente associada as atividades “fora da escola”, essa definição foi a que recebeu maior destaque nas respostas analisadas. “aprendizado por experiência”, foi outro termo com enorme destaque, denotando que a educação não formal é carregada de experiências vividas. Outro grande ponto em comum nas repostas, foi a de que a educação não formal ocorre em “instituição não tradicional de ensino”.

É possível destacar ainda, termos como “educação cotidiana”, que, em tese, se soma a “experiências vividas”, dando grande relevância para essa definição.

Destacamos ainda, termos como: “planejamento”, “metodologia” e “objetivo educativo”, também aparecem com frequência nas respostas. Esses termos são comuns nos diversos conceitos sobre educação não formal, que majoritariamente, ocorre fora do ambiente escolar tradicional, mas que tem como característica principal o objetivo educativo e, portanto, exige planejamento e metodologia. “Museus”, “cinema” e “biblioteca”, são termos que aparecem nas repostas como sendo locais onde normalmente ocorre educação não formal, isso reforça a ideia de que é no ambiente não escolar ou não tradicional de ensino que ela se desenvolve e essa foi a característica mais apontada pelos(as) respondentes.

Ao discutirmos sobre os três tipos de educação, inevitavelmente, passamos pelos locais onde elas ocorrem, não atoa, nas variadas respostas dadas pelos(as) professores(as) do Campus Xapuri do IFAC, esses locais aparecem com muita frequência e destaque. O termo “institucionalizada” seguido por “ambiente escolar”, foram os termos mais utilizados pelos(as) professores(as) ao se referirem à educação formal, isso demonstra que, em suas interpretações, a escola é o local onde a mesma ocorre e por tanto considerado o espaço formal ou espaço tradicional de educação. Aqui, utilizamos o termo escola para caracterizar de forma geral todas as instâncias de ensino, do infantil à pós-graduação, que atuam sob a égide da legislação que regulamenta a educação nacional.

Atentando para educação informal e sob a luz das repostas de professores(as) e professoras, temos amplo destaque para os termos “relações sociais” e “relações familiares”, o que indica que são ali que a educação informal ocorre, e, portanto, fora da escola. Dessa forma, podemos inferir que a educação informal ocorre em diversos lugares, principalmente, fora do espaço tradicional de educação. Nesse sentido, podemos compreender, a partir do termo “relações sociais”, que a educação informal ocorre no ambiente cotidiano em locais como: clubes, praias, templos religiosos, praças, bares, cinema, teatro etc. Além do que explicita o termo “relações familiares”, que denota a importância da família, e, portanto, o ambiente onde elas vivem para a concretização da educação informal, ficando caracterizado, portanto, os espaços informais de educação.

Sobre a educação não formal, podemos encontrar um caminho para unirmos percepções e consolidar um entendimento majoritário, mas sem objetivo de suprimir qualquer outro entendimento sobre o tema. Observando as respostas dos(as) professores(as) sobre educação não formal, a principal característica é que ela ocorre fora da escola, carregada de experiências e, embora ocorra em instituições não tradicionais de ensino, possui objetivo educacional, metodologia e planejamento. Esse ponto em comum, nos leva a compreensão de que qualquer atividade com objetivo educacional, ligada ou não a uma escola tradicional, pode ser caracterizada como educação não formal e, portanto, o local onde ela ocorre, pode ser caracterizado como espaço não formal de educação.

Encontramos nas repostas de professores(as) inúmeros locais usados para caracterizar um espaço não formal de educação. Majoritariamente, o ambiente fora da escola foi citado como a principal característica de um espaço não formal de educação e locais como: museus, espaços culturais, templos religiosos, centros de ciências, parques ecológicos e associações comunitárias, foram amplamente utilizados como exemplos. Cabe ressaltar, que outros locais também foram citados, conforme observa-se na Figura 4, e todos estes locais podem, perfeitamente, caracterizar-se como espaço alternativo para o desenvolvimento de práticas educativas e por conseguinte, do aprendizado.

Figura 4: Nuvem de palavras: Espaços não formais de educação



Fonte: Próprio autor

Nota: Figura produzida com Google Word Cloud Generator™

A rigor, ambientes diversos podem ser caracterizados como espaços de educação formais, informais e não formais, acreditamos que nenhum deles define-se ou esteja associado a apenas um tipo de educação, por várias razões, contexto social, contexto educacional, área de interesse do(a) aluno(a), área de formação do(a) docente, são elementos que podem definir qualquer espaço, ora como formal, ora como não formal, passando pelo informal. É nesse sentido que, Marandino (2017), traz o questionamento: Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? Deixamos essa questão como reflexão para os agentes da educação, que na sua prática diária atuam para alcançar seus objetivos e levar a educação aos seus destinatários, seja ela formal, informal ou não formal.

Examinando um pouco mais o questionário aplicado aos/as professores(as) do Campus Xapuri do IFAC, vimos o aprofundamento sobre o tema espaços não formais de educação. Esse questionário apresentou aos/as respondentes uma lista de espaços/ambientes e requereu que eles(as) os classificassem, conforme suas áreas de formação/atuação, como: espaços formais; espaços informais ou espaços não formais. Para essa questão, foi admitido atribuir mais de uma classificação para os espaços apresentados. O resultado dessas classificações está apresentado na Tabela 1, que apresenta o número de classificações que o espaço/ambiente recebeu por parte dos(as) professores(as).

Tabela 1 – Classificações atribuídas por professores(as) aos ambientes

ESPAÇO/AMBIENTE	FORMAL	INFORMAL	NÃO FORMAL
Agroindústrias em geral	11	14	31
Ambiente naturais (igarapés, rios, trilhas ecológicas, RESEX ¹ , APP ² , APA ³ , PAA ⁴ , PAE ⁵)	03	20	29
Ambientes sociais (familiar e de amizade)	01	37	12
Comercio em geral (Atacado/Varejo)	04	20	29
Creches, Escolas, Universidades	42	03	04
Indústrias em geral	08	17	29
Museu, Centro de ciência, Planetário	08	12	32
Parque ambiental (Zoológico, Botânico, Zoobotânico)	05	15	34
Propriedades rurais (Seringais ⁶ , Fazendas, Sítios, Chácaras etc.)	01	27	28
Sindicatos, Templos religiosos, Associações comunitárias, Partidos políticos	04	23	24
TOTAL	87	188	252

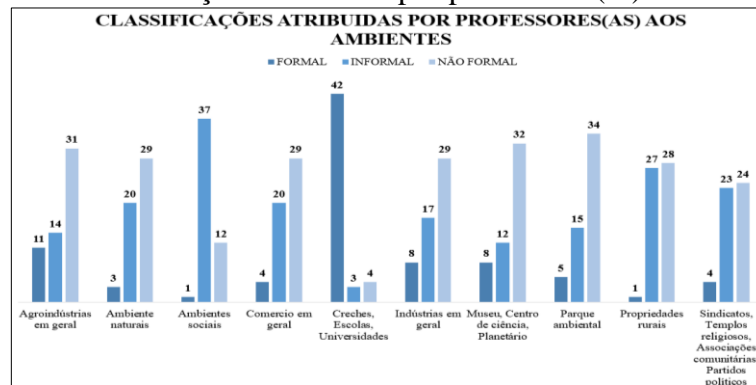
Fonte: Próprio autor

Notas: ¹Reserva extrativista. ²Área de preservação permanente. ³Área de preservação ambiental. ⁴Projeto de assentamento agroextrativista/agroflorestal. ⁵Projeto de assentamento extrativista. ⁶Grandes áreas de floresta nativa, utilizadas principalmente para extração do látex das Seringueiras.

Dessa forma, todos os espaços apresentados receberam ao menos uma indicação para as três opções apresentadas. Isso deixa explicitado que os(as) professores(as) compreendem que qualquer espaço pode ser um espaço de educação e que qualquer um deles pode ser definido ora como formal, ora como não formal, passando por informal. Cabe realçar que alguns desses espaços são amplamente definidos como sendo o ambiente específico para o desenvolvimento de um determinado tipo de educação, o que, obviamente, não impede sua utilização para práticas educacionais que, conforme a área de atuação ou interesse dos envolvidos, classifique-o como um tipo diferente de espaço educacional.

Destacamos a opção “creches, escolas, universidades”, que recebeu 42 (48,2%) indicações, classificando-a como espaço formal de educação e, portanto, expressando o entendimento da maioria dos(as) professores(as), foi ainda a opção que indicou maior concordância entre os(as) respondentes em todos os espaços elencados. Em relação a classificação como espaço informal, a opção “ambientes sociais (familiar e de amizade)”, recebeu 37 (19,6%) indicações, deixando explicitado que para esse tipo de espaço educacional o entendimento é um pouco mais fragmentado entre os(as) professores(as). Outras opções também apresentam destaque, é o caso de “propriedades rurais (seringais, fazendas, sítios, chácaras etc.)”, que recebeu 27 (14,3%) indicações, seguida de “sindicatos, templos religiosos, associações comunitárias, partidos políticos”, que recebeu 23 (12,2%). Veja ainda a Figura 5.

Figura 5: Classificações atribuídas por professores(as) aos ambientes



Um expressivo número de indicações foi dado a todos os espaços listados, classificando-os como espaço não formal de educação, foram ao todo 252 classificações. Isso denota que os(as) professores(as) compreendem que qualquer espaço pode ser um ambiente de ensino e aprendizagem, mais ou menos indicado, conforme áreas de atuação e/ou interesse. Essa compreensão nos parece muito relevante, pois indica que os(as) professores(as) podem, eventualmente, buscar nesses espaços alternativas e/ou estratégias de ensino inexistentes nos ambientes tradicionais de educação. Aqui, podemos destacar a opção “parque ambiental (zoológico, botânico, zoobotânico)”, que recebeu 34 (13,4%) classificações, seguido por “museu, centro de ciência, planetário”, que recebeu 32 (12,6%), imediatamente depois, temos “agroindústrias em geral”, com 31 (12,3%) indicações.

Aproveitando praticamente a mesma lista de espaços/ambientes, foi solicitado aos/as professores(as) que indicassem o potencial desses espaços/ambientes para o desenvolvimento de práticas educativas. Evidenciamos, porém, que os(as) professores e professoras do Campus Xapuri do IFAC compõem um grupo bastante heterogêneo de profissionais, sobretudo, pelas suas áreas de formação/atuação, isso certamente indica que o potencial desses espaços não tem o mesmo valor para cada um(a) desses(as) professores(as). A Tabela 2, apresenta de maneira geral como esses(as) profissionais indicaram o potencial dos espaços listados.

Tabela 2 – Potencial de espaços não formais para o desenvolvimento de práticas educativas

ESPAÇO/AMBIENTE	POTENCIAL				
	NENHUM	POUCO	NÃO SEI	MÉDIO	MUITO
Agroindústrias em geral	03	08	01	14	17
Ambiente naturais (igarapés, rios, trilhas ecológicas, RESEX ¹ , APP ² , APA ³ , PAA ⁴ , PAE ⁵)	02	05	00	14	22
Comercio em geral (Atacado/Varejo)	01	14	05	14	09
Indústrias em geral	01	08	02	20	12
Laboratórios educacionais em geral (Química, Física, Engenharia, Biologia, Maker, Robótica etc.)	01	07	01	06	28
Museu, Centro de ciência, Planetário	00	09	01	11	22
Parque ambiental (Zoológico, Botânico, Zoobotânico)	00	07	04	11	21
Propriedades rurais (Seringais ⁶ , Fazendas, Sítios, Chácaras etc.)	01	10	01	10	21
Sindicatos, Templos religiosos, Associações comunitárias, Partidos políticos	02	13	06	11	11
TOTAL	11	81	21	111	163

Fonte: Próprio autor

Notas: ¹Reserva extrativista. ²Área de preservação permanente. ³Área de preservação ambiental. ⁴Projeto de assentamento agroextrativista/agroflorestal. ⁵Projeto de assentamento extrativista. ⁶Grandes áreas de floresta nativa, utilizadas principalmente para extração do látex das Seringueiras.

Analisando os dados, percebemos que todos os espaços indicados, possuem grau de potencialidade para o desenvolvimento de atividades práticas, ora mais, ora menos, a depender da área de atuação do(a) respondente. Há também, 21 (5,4%) respostas atribuídas à opção “não sei”, indicando não conhecer o potencial de alguns dos espaços, essa indicação foi maior do os(as) as respostas que declararam que alguns espaços não possuem nenhum potencial para o desenvolvimento de práticas educativas, sendo apontado por 11 (2,8%) respostas. O maior destaque, porém, fica por conta das 163 (42,1%) indicações, sinalizando que os espaços/ambientes possuem muito potencial, seguido por 111 (28,6%) que defendem que há médio potencial e, ainda, 81 (20,9%) que indicam pouco potencial. Para ilustrar melhor esses números, apresentamos a Figura 6.

Figura 6: Potencial de espaços não formais



Fonte: Próprio autor

Professores(as) do Campus Xapuri do IFAC, também foram perguntados da possibilidade, conforme o contexto atual que trabalham, de realização de atividades práticas em espaços alternativos. Como resultado desse questionamento, temos que a maioria dos(as)

respondentes afirmaram ser “totalmente possível”, somados(as) aos que dizem ser “possível”, temos 36 (83,8%) repostas. Indicam não saberem a resposta apenas 02 (4,7%) e, outros 02 (4,7%) respondentes dizem “não” e, que se somam a mais 03 (7,0%) que afirmam “não é possível” a realização de atividades práticas nesses ambientes, totalizando 05 (11,7%) afirmando negativamente sobre essa possibilidade. A Figura 7, apresenta ilustrativamente esses dados.

Figura 7: Possibilidade de realização de atividades em espaços não formais



Fonte: Próprio autor

Buscamos os motivos que alguns/algumas professores(as) indicaram não ser possível a realização de práticas educativas em espaços não formais e identificamos motivos diversos. O(A) Professor(a) 3, afirma que “a carga horária docente inviabiliza o envolvimento do docente em atividades que não são reconhecidas formalmente”. O(A) Professor(a) 5, cita “a ausência de recurso para pagamento de diárias e auxílios de custo para alunos”. O(A) Professor(a) 20, também cita a ausência de recursos como obstáculo e cita a existência de “poucas atividades interdisciplinares que envolvam minha área de atuação”. Para o(a) Professor(a) 26, a impossibilidade se dá pelo “excesso de aulas e atribuições, além de não ter com frequência a disponibilidade de transportes”.

Nesse sentido, entendemos que o Campus Xapuri do IFAC precisa um olhar mais atento sobre essas questões. O IFAC deve procurar minimizar ou debelar os obstáculos que dificultam a ação dos professores no planejamento e desenvolvimento de práticas educativas em espaços/ambientes para além do perímetro escolar tradicional. Acreditamos que essa deve ser uma política institucional, a necessidade dessa política, justifica-se no apetite de professores e professoras pelo desenvolvimento dessas atividades, promovendo dessa forma, melhora na atividade docente e conseqüentemente no desempenho dos(as) alunos(as), que certamente serão os/as maiores beneficiados(as).

Questionamos ainda os(as) professores(as) se, durante sua atuação no IFAC, haviam realizado e/ou participado de atividades práticas educativas em espaços não formais. O resultado para essa questão reforça que os(as) professores(as) procuram promover e/ou participar, mesmo diante das dificuldades, desse tipo de atividade. Foram 32 (74,4%) professores e professoras que declararam já terem realizado e/ou participado dessas atividades e apenas 11 (25,6%) declararam não terem participado. Fica demonstrado a disposição desses(as) professores(as) para a participação nesse tipo de atividade, independentemente das áreas em que atuam e que uma vez superada as dificuldades relatadas anteriormente, essas atividades podem fluir de forma perene.

Olhando para os espaços utilizados pelos(as) professores(as) que realizaram e/ou participaram de atividades práticas educativas fora do ambiente escolar tradicional, temos uma enorme variedade. Isso reafirma nosso entendimento de que os(as) professores(as) do Campus Xapuri do IFAC entendem que qualquer espaço poder ser um espaço alternativo para ensinar e

aprender. Isso possibilita aos/as alunos(as) novos olhares sobre o conteúdo das disciplinas oferecidas em sala de aula e, certamente, proporciona a eles(as) momentos únicos de aprendizagem, fortalecendo seu laço acadêmico e sob uma nova ótica, alcançar seus objetivos. Para ilustrar os espaços citados pelos(as) professores(as), produzimos a Figura 8.

Figura 8: Espaços não formais utilizados por professores(as)



Fonte: Próprio autor

Nota: Figura produzida com Google Word Cloud Generator™

Questionamos também os(as) professores(as) acerca da influência de espaços não formais no desenvolvimento da aprendizagem dos(as) alunos(as), perguntamos se esses espaços podem favorecer a aprendizagem. O resultado foi o de que 41 (95,3%) professores(as) concordaram, total ou parcialmente, que as atividades desenvolvidas em espaços alternativos favorecem a aprendizagem dos(as) alunos(as). Outros 02 (4,7%) se posicionaram afirmando estarem indecisos(as). O destaque para essa questão, fica sublinhado nas alternativas de discordância da afirmativa, nenhum professor ou professora, discorda total ou parcialmente, da influência positiva de espaços não formais no desenvolvimento da aprendizagem.

As razões que fundamentam esse entendimento de professores(as) são diversas, certamente carregada de experiências vividas, que os(as) permitem descrever de forma inequívoca os motivos pelos quais esses espaços ajudam no desenvolvimento da aprendizagem dos(as) alunos(as). Foi o que afirmou o(a) Professor(a) 2, que indica que as atividades realizadas em espaços alternativos “*abre as portas do conhecimento, com uma outra perspectiva*”. Para o(a) Professor(a) 4, “*trata-se de uma maneira mais dinâmica que podemos fazer uso em nossas práticas didáticas, geralmente isso agrada bastante os alunos*”. O(A) Professor(a) 9, traz que “*os estudantes se sentem motivados a falar e/ou escrever sobre uma experiência vivida e não apenas lida ou ouvida. A motivação é a principal aliada da aprendizagem*”.

Conforme o(a) Professor(a) 3, “*a produção de conhecimentos é derivada de processos sociais diversos, com forte influência da cultura e afetos*”. Para o(a) Professor(a) 10, a influência positiva vem devido aos espaços não formais “*proporcionarem uma integração entre teoria e prática, facilitando o entendimento e a aprendizagem*”. O(A) Professor(a) 13, diz acreditar “*que a troca de experiências e o contato direto com a temática abordada se tornam mais significativo para o estudante*”. Segundo o(a) Professor(a) 20, as atividades realizadas em espaços não formais “*favorecem a aplicação prática do conteúdo teórico. Facilita a internalização de conceitos*”. Por derradeiro, trazemos a manifestação do(a) Professor(a) 40, que diz que as atividades em espaços alternativos “*é uma oportunidade para que o(a) aluno(a) aprenda o conteúdo de forma integrada (teoria e prática) e dinâmica*”.

Perguntamos aos/as professores(as) se os(as) alunos(as) que participam de atividades práticas em espaços alternativos podem apresentar um melhor desempenho de aprendizado em relação aos que não participam. A resposta a esse questionamento foi massivamente pela concordância, 40 (93,0%) professores(as) assentaram suas respostas concordando parcial ou

totalmente com essa questão. Outros(as) dois/duas professores(as) colocam-se na condição de indecisos(as) e apenas um(a) professor(a) afirma discordar parcialmente. São números praticamente inquestionáveis, que refletem o entendimento da importância e viabilidade dessas atividades, bem como da capacidade de contribuir enorme e positivamente no desempenho de alunos(as), independente do conteúdo.

Aproveitando ainda a questão anterior, sobre o possível melhor desempenho dos(as) alunos(as) em espaços não formais, solicitamos que professores(as) atribuíssem notas a elementos que justifiquem o melhor desempenho do(a) aluno(a). Ao analisarmos esses dados, temos como o principal elemento que justifique um melhor desempenho dos(as) alunos(as) que participam de atividades em espaços não formais, conforme o entendimento de professores e professoras, o que diz respeito a “interação direta (prática) com o objeto de estudo”. Esse foi o elemento que mais recebeu “nota 5”, sendo 30 (35,7%) no total, recebeu ainda outras 05 (11,3%) “nota 4” e não recebeu nenhuma “nota 1”. O resultado para esse questionamento, está presente na Tabela 3.

Tabela 3 – Elementos que justifiquem um melhor desempenho do(a) aluno(a)

ELEMENTO	NOTA 1	NOTA 2	NOTA 3	NOTA 4	NOTA 5
Caráter informal que a atividade pode apresentar	11	06	07	09	04
Familiaridade do(a) aluno(a) com o espaço/ambiente utilizado	02	08	07	11	12
Interação com outras disciplinas	00	01	13	11	15
Interação direta (prática) com o objeto de estudo	00	02	03	05	30
Procedimento metodológico diferente do desenvolvido em sala de aula	01	03	05	08	23
TOTAL	14	20	35	44	84

Fonte: Próprio autor

O elemento “procedimento metodológico diferente do desenvolvido em sala de aula”, também se destacou nas manifestações de professores e professoras, recebendo 23 (27,3%) “nota 5”, seguido de 08 (18,0%) “nota 4”. “interação com outras disciplinas” é um elemento que também aparece bem posicionado, tendo recebido 15 (17,8%) “nota 5”, seguida por 11 (25,0%) “nota 4” e ainda, 13 (37,1%) “nota 3”. A opção “familiaridade do(a) aluno(a) com o espaço utilizado” aparece em seguida, tendo recebido 12 (14,2%) “nota 5”, seguida de 11 (25,0%) “nota 4”. O elemento que menos justifica um possível melhor desempenho do(a) aluno(a), é o “caráter informal que a atividade pode apresentar”, esse elemento foi o que mais recebeu “nota 1”, sendo 11 (78,5%) da menor nota, tendo recebido apenas 05 (5,9%) nota máxima.

Indagamos se os(as) professores(as) identificavam outros elementos que colaborasse para um melhor desempenho de alunos(as) em atividades desenvolvidas em espaços não formais. Nesse sentido, o(a) Professor(a) 17, apresentou o seguinte apontamento: “possibilidade de acionar outros sentidos, potencial uso da linguagem corporal, contato com a historicidade e a temporalidade dos conteúdos numa relação teoria e prática”. Buscamos ainda saber se essas atividades podem ser um fator motivador e despertar o interesse do(a) aluno(a) pela matéria de estudo ou pelo curso. Tivemos 31 (72,1%) respostas que indicam essa possibilidade. Já para 18 (23,2%), a indicação é de discordância e, 02 (4,7%) afirmaram não saber a resposta. Temos, portanto, que a maioria enxerga nas atividades fora do ambiente escolar tradicional, a possibilidade de despertar mais interesse do(a) aluno(a), seja pela matéria ou pelo curso.

Outro questionamento feito, foi se atividades educativas realizadas em espaços alternativos podem contribuir positivamente para o trabalho docente. A essa questão a maioria absoluta respondeu que concorda total ou parcialmente, foram ao todo 41 (95,3%) respostas de concordância e apenas 2 (4,7%) respondentes afirmaram não saber a resposta, nenhum(a) professor(a) apresentou discordância. Note, as atividades desenvolvidas em espaços não formais têm relevante importância não apenas para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos(as), mas produzem melhores oportunidades para o desenvolvimento da atividade docente, afirmando por derradeiro, que tais atividades não apenas podem, mas devem ocorrer.

Dada a possibilidade de comentar suas respostas, apresentamos alguns relatos de professores(as) para entendermos melhor como essas atividades podem contribuir para que docentes desenvolvam melhor suas atividades. O(A) Professor(a) 6, afirma que *“como docentes, também estamos em constante aprendizado e aperfeiçoamento”*. Para o(a) Professor(a) 9, essas atividades *“além de tornar a aula mais dinâmica e atrativa, a possibilidade de aliar teoria e prática é o anseio de qualquer docente engajado em seu trabalho”*. Segundo o(a) Professor(a) 22, utilizando-se de atividades práticas em ambientes não formais *“o professor pode se sentir mais motivado e inovar em suas ações pedagógicas”*.

Podemos citar ainda o(a) Professor(a) 27, para ele(a), o(a) professor(a) que lança mão dessas atividades traz a possibilidade de *“diversificar a prática docente e aprender novos caminhos pedagógicos”*. O(A) Professor(a) 34, indica que tais atividades, ocorridas em espaços não formais, *“ampliam as experiências do professor”*. Por fim, o comentário do(a) Professor(a) 39, segundo ele(a) os *“Espaços não formais nos ajudam repensar a prática docente e o seu papel na sociedade, bem como permitem desenvolver novas formas de avaliar o aluno, considerando seu interesse, participação e atuação na atividade fora da sala de aula”*.

Vimos, portanto, que por diversas razões, professores(as) compreendem que as atividades ocorridas em espaços não formais podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da atividade docente, permitindo que esses(as) profissionais exponham melhor suas técnicas e habilidades e desenvolvam melhor sua prática laboral. Para além disso, afirmam que tais atividades proporcionam ainda, aprendizado a professores(as) e que, tais experiências contribuem para formação de profissionais mais preparados nos permitindo, portanto, concluir que no final da linha, são os(as) alunos(as) os mais beneficiados nesse processo. Melhores profissionais, melhores resultados, isso certamente contribui para formação dos(as) alunos(as) e para o crescimento profissional de professores e professoras.

Por derradeiro, questionamos os(as) professores(as) se as atividades desenvolvidas em espaços não formais poderiam favorecer a “multidisciplinaridade.” Consideramos nesse contexto, multidisciplinaridade a definição dada por Bicalho e Oliveira (2011), que define multidisciplinaridade como sendo *“uma simples associação de disciplinas para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar significativamente a sua própria visão das coisas e dos próprios métodos [...]”*. Assim, tivemos como resultado, 2 (4,7%) professores(as) se declarando indecisos sobre a questão e, 41 (95,3%) respondendo em sinal de concordância, total ou parcial. Esse resultado expressa outro potencial das atividades práticas realizadas em espaços não formais de educação e reafirma a importância da necessidade, por parte do Campus Xapuri do IFAC, de fomentá-las.

4.6 CONCLUSÕES

Este trabalho evidencia grandes e importantes revelações sobre a questão dos espaços não formais de educação, sob a ótica de professores e professoras do Campus Xapuri do IFAC. Esses profissionais caminham para um entendimento majoritário sobre a conceituação de cada

um tipo de educação, não destoando, portanto, do entendimento de uma parcela significativa de estudiosos sobre essa temática. Quanto aos espaços não formais de educação, o resultado obtido a partir deste estudo, traz que os(as) professores(as) do Campus Xapuri do IFAC caracterizam muito bem esse tipo de espaço, alinhando suas respostas.

O entendimento majoritário dos(as) professores(as) é que a principal característica desses ambientes é que eles posicionam-se fora do ambiente escolar tradicional e que possuem grande potencial contributivo para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, permitindo aos alunos e as alunas relação prática direta com elementos teóricos apresentados em sala de aula e a adoção, por parte dos(as) docentes, de metodologias diferentes que proporcionam melhores condições de aprendizagem, elementos que não seriam possível no ambiente escolar.

Indicam também que já participaram de atividades educativas realizadas em espaços não tradicionais de educação e de forma categórica, afirmam que as atividades desenvolvidas nesses ambientes contribuem significativamente para o desenvolvimento da aprendizagem dos(as) alunos(as), tendo esses, inclusive, possibilidade de melhor desempenho em relação a alunos(as) que não participam. Outro ponto importante que cabe realçar e que fica evidenciado no entendimento de professores(as) é que essas atividades podem ainda despertar o interesse de alunos(as) pela(s) matéria(s) envolvida(s) ou até mesmo pelo curso como um todo.

Também sublinhamos que esses(as) profissionais entendem que tais atividades ajudam no trabalho docente, permitindo-os adquirir experiências e aprendizados não alcançados em sala de aula. Entendemos que muitas reflexões podem surgir da apropriação deste estudo e produzir ações que corrobore com o entendimento dos(as) professores(as). Nosso objetivo derradeiro é que o Campus Xapuri do IFAC, de posse das informações aqui apresentadas, proporcione os meios para o desenvolvimento de práticas educativas em espaços não formais de educação, coadunando com o entendimento de seus(as) profissionais, que para além da expectativa, tão bem avaliam essas ações.

É nesse sentido, que em outra fase deste estudo, realizamos a identificação e catalogação de espaços não convencionais de educação em Xapuri-AC, mas que, eventualmente, podem serem utilizados para práticas educativas, permitindo a promoção de ações que colaborem com o trabalho docente, bem como a aprendizagem dos(as) alunos(as) e alcançando melhores resultados para ambos, como ficou evidenciado neste trabalho. Com tais dados, produzimos um Produto Educacional denominado “Guia de Espaços Não Formais”. Portanto, esperamos que o Campus Xapuri do IFAC possa incentivar e promover esse tipo de evento, mantendo diálogo institucional com o espaços catalogados, definindo parcerias que contribuam para a realização dessas ações.

AGRADECIMENTOS

Ao Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre, que abriu suas portas para a realização deste trabalho, bem como aos/as professores e professoras que participaram e possibilitaram a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

BICALHO, L. M; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Encontros Bibli**, v. 16, n. 32, p. 1-26, jul./2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Brasília: Presidência da República, [1988]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2023.

BRASIL, **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações**. v. 2, n. 2, p. 11-25, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **ENSAIO: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, p. 55-66, 2008.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

5 ARTIGO 4: A PERCEPÇÃO DE DISCENTES DO CAMPUS XAPURI DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE SOBRE ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

5.1 RESUMO

Espaços não convencionais de educação têm se destacado como ferramenta importante e com relevante contribuição para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do ensino básico a pós-graduação. Promover a utilização desses recursos pode fortalecer laços institucionais com a comunidade e para além da aprendizagem de alunos(as), favorecer o desenvolvimento do trabalho docente. Este estudo se propõe a verificar a percepção de alunos(as) do curso técnico integrado ao ensino médio em Alimentos do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC) sobre espaços não formais de educação e suas contribuições para a aprendizagem. Para tanto, adotamos a pesquisa de natureza básica do tipo exploratória, sendo a coleta de dados realizada por meio de aplicação de um questionário semiestruturado, que nos permitiu tanto uma análise quantitativa, quanto qualitativa. Os resultados evidenciam que os(as) alunos(as) reconhecem a importância dos espaços não formais bem como da necessidade de participação em práticas educacionais nesses ambientes. Alunos e alunas afirmam inequivocamente que tais atividades contribuem para uma aprendizagem mais significativa despertando mais interesse pelas disciplinas envolvidas e até mesmo pelo curso como um todo. Assim, compreendemos que o Campus Xapuri do IFAC deve fomentar a utilização desse tipo de espaço não convencional de educação, oferecendo a gestão e logística para que os(as) alunos(as) possam usufruir desse recurso educacional e produzirem maiores e melhores resultados.

Palavras-chave: Educação formal; Educação Informal; Educação não formal; Educação profissional e Tecnológica; Espaço não convencional de Educação.

5.2 INTRODUÇÃO

Espaços não formais têm ganhado relevância, nos últimos tempos, e preenchido lacunas importantes no desenvolvimento de atividades práticas educativas desenvolvidas por professores(as) das mais variadas áreas de conhecimentos e níveis escolares, que vão do básico a pós-graduação, passando pela educação superior. Nem sempre as instituições de ensino a qual esses(as)

profissionais são vinculados possuem a estrutura necessária para o desenvolvimento desse tipo de atividade, sendo necessário que professores(as) que promovem tais atividades e busquem em espaços alternativos de educação suprir essa deficiência. É nesse contexto, que espaços alheios às instituições de ensino, têm tido papel importante e contribuído significativamente no desenvolvimento de atividades práticas educativas.

Compreender as percepções dos alunos e alunas sobre esses espaços e as atividades neles realizadas se faz extremamente necessário, visto que são eles(as) os(as) principais beneficiados e, portanto, o maior objetivo dos(as) professores(as) para o planejamento e desenvolvimento de atividades fora do ambiente tradicional de educação, ou seja, fora da escola buscando promover uma aprendizagem mais significativa e alcançar melhores resultados em suas práticas laborais. Portanto, indagamo-nos qual a percepção de alunos e alunas do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio (EMI) do Campus Xapuri (CXA) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC) sobre espaços não formais de educação e as atividades neles desenvolvidas.

Norteados por esse questionamento, este trabalho tem por objetivo verificar as percepções dos alunos e alunas do um Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre sobre espaços não formais de educação e atividades práticas educativas desenvolvidas nesses ambientes. De posse dessas informações, acreditamos que será possível a construção de melhores planejamentos para a realização de atividades fora da escola, definindo estratégias fundadas também na compreensão dos(as) alunos(as) para o melhor desenvolvimento e aproveitamento dessas atividades e, por consequência, atingindo melhores resultados.

5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos a pesquisa de natureza básica que “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Este estudo, do tipo exploratório, tem como base a definição dada por Gil (2007), “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema

com vistas a torná-lo mais explícito [...]”, acompanhando essas definições, realizamos a coleta de dados por meio de aplicação de um questionário semiestruturado na forma *on-line*, via ferramenta *google forms*, oferecido a 38 alunos(as) do 1º ano turma 2022 do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos do Campus Xapuri do IFAC. O questionário foi disponibilizado durante os meses de novembro e dezembro de 2022 e, na ocasião, recebemos 22 (57,9%) respostas.

A fim de manter o anonimato, os respondentes foram enumerados sequencialmente conforme a ordem com que foram recebidas as respostas, portanto, neste trabalho o(a) aluno(a) será identificado por “Aluno(a) X”, sendo o “X” substituído pelo número sequencial recebido por exemplo: Aluno(a) 1, Aluno(a) 2, e assim sucessivamente. A partir da análise das respostas obtidas através do questionário, foi possível a produção de dois tipos de resultados: um de cunho quantitativo e outro de cunho qualitativo. A análise quantitativa realizada nas questões fechadas permitiu a produção de elementos gráficos (tabelas e figuras) para melhor apresentação dos resultados, sem prejuízo para as discussões. A avaliação qualitativa permitiu uma análise de conteúdo e proporciona maiores discussões sobre os temas abordados.

5.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.4.1 Perfil dos(as) alunos(as) do curso técnico integrado ao ensino médio em alimentos em 2022.

A turma 2022 do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre foi a primeira turma desse curso. Anteriormente, nessa modalidade, o IFAC oferecia apenas o Curso de Técnico em Biotecnologia e, mais recentemente (2023), o Campus Xapuri passou a ofertar o Curso Técnico em Agropecuária, ambos na mesma modalidade. O ingresso para todos os cursos é realizado por meio de processo seletivo que exige dos(as) interessados(as) o Ensino Fundamental completo e idade inferior aos 18 anos. O edital de ingresso, que leva em consideração as notas das disciplinas de Português e

Matemática no último ano do ensino fundamental (9º ano) para a classificação, é publicado anualmente e oferece em média 40 vagas para cada curso.

A turma 2022 do curso técnico integrado em Alimentos - 1º ano A - é composta por adolescentes que se identificam quanto ao gênero em feminino 11 (50,0%), masculino 10 (45,5%) e não binário 1 (4,5%), com idades que variam de 15 anos, 6 (27,3%), 16 anos 14 (63,6%) e 17 anos 2 (9,1%). Alunos e alunas foram indagados(as) se possuíam compreensão sobre o que seria Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Para esta questão, 5 (22,8%) dos(as) alunos(as) responderam não saber a resposta e 17 (72,2%) afirmam que sabem o que é Educação Profissional e Tecnológica. Perguntados sobre o Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio (EMI), 14 (63,7%) dizem ter compreensão sobre esse tipo de curso, enquanto 8 (36,3%) definiram como resposta a opção “mais ou menos”.

Os dados demonstram a composição plural da primeira turma do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos do Campus Xapuri do IFAC, pois é dividida em “alunos” com idades que variam dos 15 aos 17 anos. É surpreendente que, embora a pouca idade, 17 (72,2%) desses adolescentes afirmam saber o que é Educação Profissional e Tecnológica demonstrando relativo conhecimento em suas respostas sobre a modalidade de curso que estão realizando. Vimos a mesma ocorrência referente ao Ensino Médio Integrado, que para o(a) “Aluno(a) 01”, trata-se de *“um curso no qual a importância é de proporcionar ao discente uma experiência de aprender as técnicas sobre dada área de trabalho”*. O(A) “Aluno(a) 20” complementa trazendo que *“são cursos que fazemos o ensino médio junto com a formação técnica”*.

Os(as) alunos(as) foram perguntados sobre os motivos que os(as) levaram a escolha da modalidade de ensino médio integrado e não o Ensino Médio regular. Para essa questão, 6 (27,3%) indicaram que a escolha se deu porque buscam melhor formação para ingressarem em um curso superior, outros 6 (27,3%) afirmaram que a escolha se deu em função do curso ser ofertado pelo IFAC. Já 5 (22,7%) trazem como justificativa a maior possibilidade de emprego a partir de uma formação técnica, 4 (18,2%) apontaram que a decisão pelo curso foi de seus pais/responsáveis e 2 (9,1%) indicaram que o curso técnico, no caso em Alimentos, é área de interesse desses(as) alunos(as). Um(a) aluno(a) marcou mais de uma opção: Busco melhor formação para ingressar em um curso superior e escolhi o curso por ser ofertado pelo IFAC.

Chama atenção nos números apresentados que apenas 2 (9,1%) escolheram o curso devido ser sua área de interesse. Entretanto, 6 (27,3%) alunos(as) afirmam que entendem que o curso melhor qualifica para ingresso em um curso superior, indicando, portanto, ser este o objetivo após a realização do curso integrado. A confiança no IFAC como instituição ofertante foi decisiva também para outros(as) 6 (27,3%). Para 4 (18,2%) a decisão foi de seus(as) responsáveis, o que é de certa forma compreensível, pois trata-se de adolescentes ainda na formação básica. Outro ponto a realçar nesses dados é a indicação de que 5 (22,7%) dos(as) alunos(as) iniciaram o curso de olho no mercado de trabalho, embora essa não devesse ser uma preocupação de adolescentes com as idades aqui representadas.

Os alunos(as) também foram questionados sobre suas pretensões, após a conclusão do Ensino Técnico Integrado em Alimentos, temos então que 14 (63,6%) afirmam que desejam ingressar em curso superior em área diferente do curso que estão estudando, outros(as) 3 (13,6%) indicam que pretendem fazer curso superior na mesma área do curso que estudam. Já para 3 (13,6%) de alunos(as), pretendem trabalhar acompanhados por outros(as) 3 (13,6%) que pretendem realizar outra atividade sem especificar qual seria. Nessa questão, também foi admitido a adesão de mais de uma opção, o que foi feito por apenas 1 aluno(a) escolhendo as opções: Ingressar em cursos superior em área diferente do curso que estuda e fazer outra atividade. A opção de não pretensão em realizar algum curso superior não recebeu nenhuma indicação.

Destacamos, aqui, um número de certa forma surpreendente de que 14 (63,6%) alunos(as) pretendem ingressar em curso superior em área diferente do curso que estão estudando, isso nos ajuda a compreender os números da questão anterior, onde apenas 2 (9,1%) alunos(as) escolheram o curso por ser de suas áreas de interesse, não obstante, outros(as) 6 (27,3%) alunos(as) acreditam que o curso pode melhor preparar para o ingresso em curso superior e, portanto, sendo essa a escolha em realizá-lo, ainda assim, 3 (13,6%) alunos(as) indicam que pretendem fazer curso superior na área do curso que estudam. Trabalhar é a indicação dada por outros 3 (13,6%) alunos(as) esse ponto também complementa respostas da questão anterior e reafirma a intenção de trabalhar de alunos(as) e, portanto, acreditam que o curso pode contribuir para isso no futuro.

Quando perguntados exatamente sobre suas intenções trabalhistas, também surpreende o fato de que 8 (36,4%) indicam que pretendem trabalhar no setor público ou privado, porém em área diferente do curso que estão estudando, apenas 3 (13,6%) afirmam que pretendem trabalhar na mesma área do curso. Sobre trabalhar por conta própria, 7 (31,8%) não pretendem realizar tal atividade na área do curso que estão estudando, enquanto apenas 3 (13,6%) pretendem empreender na área de suas formações técnicas. Continuar estudando na área do curso é a indicação de apenas 1 (4,5%) aluno(a), também 1 (4,5%) aluno(a) diz que pretende continuar estudando em qualquer área de conhecimento. Fazer outra atividade é a intenção de 4 (18,2%) alunos(as), sendo que apenas um(a) especificou intenção em seguir carreira militar.

Nos parece, a partir da análise dos números, que a escolha do curso tem motivações diversas da escolha pela área de interesse, até sendo uma escolha dos responsáveis, passando pela possibilidade de empregabilidade após a conclusão. Todavia, preocupa que as intenções dos alunos sejam na escolha do curso ou em pretensões futuras e, que a área do curso em si, não seja o principal elemento motivador pela sua escolha. É até compreensivo, em função da pouca idade dos respondentes, mas passados quase um ano de curso, entende-se que o interesse pelo curso e/ou pela área de conhecimento que estão inseridos(as), essa aceitabilidade e pretensões estariam mais presentes, mas não é o que os números indicam, ao contrário, indicam o oposto não sendo destaque, inclusive, nas pretensões profissionais. Preocupante!

5.4.2 A percepção dos(as) alunos(as) sobre espaços não formais de educação.

A segunda seção do questionário buscou informações a respeito do conhecimento dos(as) alunos(as) sobre Educação formal, informal e não formal, além de questionamentos sobre Espaços não formais de educação, sua importância, utilização e contribuições no aprendizado etc. outras questões como multidisciplinaridade também foram abordadas. Logo no início da seção, foram apresentados três conceitos simples sobre Educação e foi solicitado aos respondentes que de forma objetiva indicassem sua compreensão sobre os conceitos apresentados, classificando-os em formal, informal ou não formal. Os dados obtidos estão apresentados na Tabela 1. Os resultados apontam para percepções discordantes, conforme o conceito de educação avaliado.

Tabela 1 – Conceitos indicados pelos(as) alunos(as) para tipos de Educação

CONCEITO EDUCACIONAL	FORMAL	INFORMAL	NÃO FORMAL
Educação oferecida nas Escolas.	20	01	01
Educação que ocorre no ambiente familiar.	10	09	03
Educação que ocorre na vida cotidiana, fora da escola e da família.	05	08	09

Fonte: Próprio autor

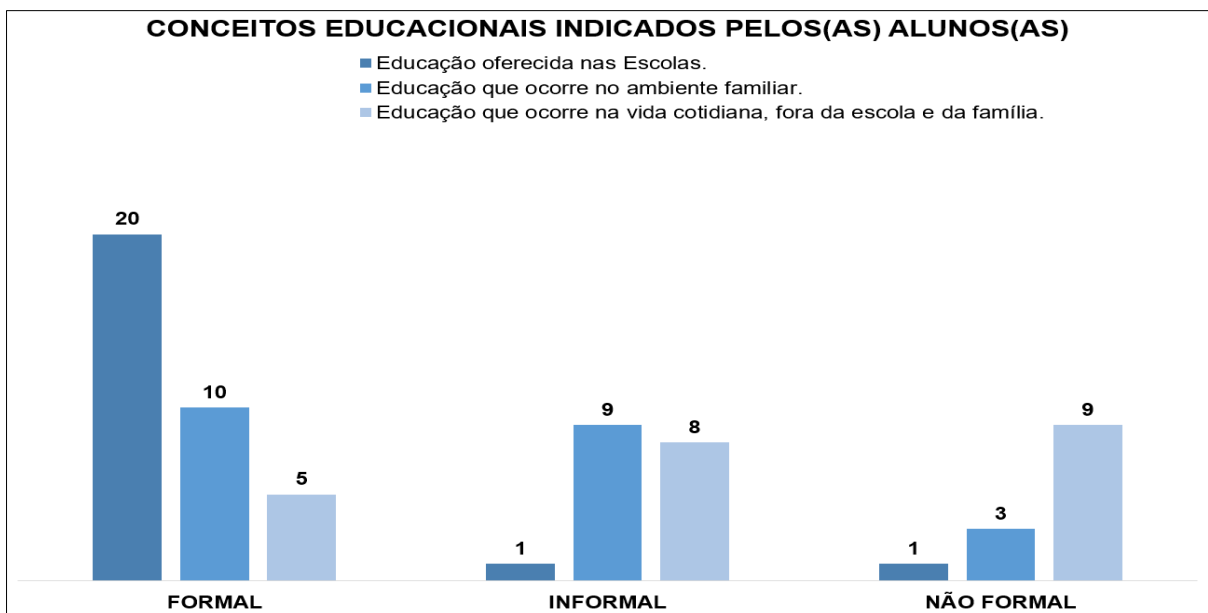
Considerando educação formal como aquela regida por normas e procedimentos sistematizados sob a égide da legislação vigente, no caso do Brasil, da Lei 9.394/96 que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, portanto, a educação que ocorre nos centros regulares de educação, podemos inferir que os(as) alunos(as) compreendem que educação ofertada nas escolas é definida como educação formal, foi o que indicaram 20 (91,0%) alunos(as) ao responderem ao questionário. Destoam dessa percepção apenas outros(as) 2 (9,0%) alunos(as), sendo um(a) indicando o conceito apresentado como sendo de educação informal e outro(a) indicando como sendo educação não formal. Nesse caso da educação formal, encontramos ampla maioria das respostas apontando para o mesmo caminho.

Esse alinhamento de entendimento não ocorre quando avaliado o conceito de educação informal. Para Gohn (2006), é aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc. – carregada de valores e culturas próprias [...]. O conceito indicando que a educação que ocorre no seio familiar foi definida por 10 (45,5%) alunos(as) como sendo educação formal, dissonante, portanto, do entendimento trazido pela autora. No entanto, 9 (41,0%) alunos(as) indicam concordância com a autora. Outros 3 (13,5%) alunos(as), acreditam que seja educação não formal o conceito apresentado. Levando em consideração a definição trazida, temos que a maioria dos(as) alunos(as) indicam definição equivocada sobre educação informal, mas isso está longe de ser um problema.

Sobre o conceito de educação não formal apresentado aos alunos, como sendo aquela que ocorre na vida cotidiana, fora da escola e do seio familiar, a definição fundada no entendimento de Bruno (2014), que traz que a educação não formal são todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da

escola, obtivemos como resultado a indicação de 9 (40,9%) alunos(as) em concordância com o autor. Todavia, 8 (36,4%) indicam o conceito como sendo educação informal, denotando uma indefinição muito clara sobre esses conceitos como já ocorreu anteriormente sobre educação informal. Tivemos ainda 5 (22,7%) alunos(as) que indicaram o conceito na direção de educação formal. Tais números não são uma surpresa, visto que são conceitos ainda em construção. De forma mais ilustrativa, apresentamos esses dados na Figura 1.

Figura 1 – Conceitos indicados pelos(as) alunos(as) para tipos de Educação



Fonte: Próprio autor

Os(as) alunos(as) também foram questionados sobre o que seria um espaço não formal de educação, 8 (36,3%) responderam saber o significado e o(a) Aluno(a) 14, define o local de “*trabalho e a igreja*” como espaços de educação não formal. O(A) Aluno(a) 20, indica como espaço não formal o “*que proporciona aprendizados de conteúdos da escolarização em outros espaços*”. Ancorados na definição trazida por Jacobucci (2008), que considera espaço não formal de educação qualquer espaço fora do ambiente escolar onde possa ocorrer uma prática educativa, compreendemos que esses(as) alunos(as) indicam alinhamento com essa definição. Outros(as) 10 (45,5%) alunos(as) indicaram como resposta saberem “mais ou menos”, sem registrar suas percepções. Afirmaram não saber, 4 (18,2%) dos alunos(as).

Ainda fundados no conceito de Jacobucci (2008), apresentamos aos/as alunos(as), por meio do questionário, uma lista de espaços alternativos que podem ser utilizados para práticas educativas e eles(as) foram indagados(as) sobre seus interesses em participar de alguma atividade nos ambientes apresentados. Todos os ambientes listados receberam indicação, desde muito interesse, até nenhum interesse e os dados apresentam, de certa forma, curiosidades nas indicações realizadas por esses(as) alunos(as). Em destaque, podemos citar a opção “sindicatos, templos religiosos, associações comunitárias, partidos políticos”, que recebeu 9 (40,9%) indicações de médio interesse, enquanto a opção “Laboratórios educacionais em geral”, recebeu 7 (31,8%) indicações de nenhum interesse. Veja a Tabela 2.

Tabela 2 – Interesse de alunos(as) de participação em atividades nos respectivos ambientes

ESPAÇO/AMBIENTE	INTERESSE			
	NENHUM	POUCO	MÉDIO	MUITO
Agroindústrias em geral	4	4	10	4
Ambiente naturais (igarapés, rios, trilhas ecológicas, RESEX ¹ , APP ² , APA ³ , PAA ⁴ , PAE ⁵).	4	3	7	8
Comercio em geral (Atacado/Varejo)	8	4	9	1
Indústrias em geral	5	2	10	5
Laboratórios educacionais em geral (Biologia, Química, Agroindústria, Espaço Maker, Robótica, Engenharia etc.)	7	5	5	5
Museus, Centros de ciências, Planetários.	2	7	9	4
Parques ambientais (Zoológico, Botânico, Zoobotânico)	2	5	8	7
Propriedades rurais (Seringais ⁶ , Fazendas, Sítios, Chácaras etc.)	5	0	10	7
Sindicatos, Templos religiosos, Associações comunitárias, Partidos políticos	6	7	9	0
TOTAL	43	37	77	41
	(21,7%)	(18,7%)	(38,9%)	(20,7%)

Fonte: Próprio autor

Nota: ¹Reserva extrativista. ²Área de preservação permanente. ³Área de preservação ambiental. ⁴Projeto de assentamento agroextrativista/agroflorestal. ⁵Projeto de assentamento extrativista. ⁶Grandes áreas de floresta nativa, utilizadas principalmente para extração do látex das Seringueiras.

Conforme apresentado na Tabela 2, a alternativa “nenhum interesse” foi assinalada 43 (21,7%) vezes, sendo que a opção “Comércio em geral” recebeu 8 (18,6%) indicações, a mais apontada nessa alternativa, no entanto, a mesma opção recebeu 9 (11,6%) indicações de “médio interesse”, além de uma indicação de “muito interesse”, superando, portanto, a parte desinteressada nesse tipo de ambiente. A opção recebeu ainda 4 (10,8%) indicações de pouco interesse. O destaque nessa alternativa, sem dúvida é a opção “Laboratórios educacionais em geral” com 7 (16,2%) apontamentos, além de outras 5 (13,5%) indicações de pouco interesse, nesse sentido, são mais da metade dos respondentes indicando pouco ou nenhum interesse de participar de atividades em laboratórios como: biologia, química, engenharia etc.

Ainda sobre essa opção, destacamos também que apenas 5 (12,1%) apontamentos foram na direção da opção “muito interesse”, seguido por outras 5 (6,5%) de “médio interesse”, entretanto, tais opções são superadas pelas opções de “nenhum e pouco interesse”, que receberam juntas 12 indicações. Compreender esses números, certamente, não é uma tarefa simples, mas possível. Quais os motivos, razões ou circunstâncias que justifiquem o pouco ou nenhum interesse de alunos(as) em participar de práticas educativas em laboratório? Essa questão certamente merece reflexão, mas merece também uma investigação que aponte respostas a esse ponto fora da curva, visto que é de conhecimento de profissionais de educação que a maioria dos(as) alunos(as) gostam dessas atividades.

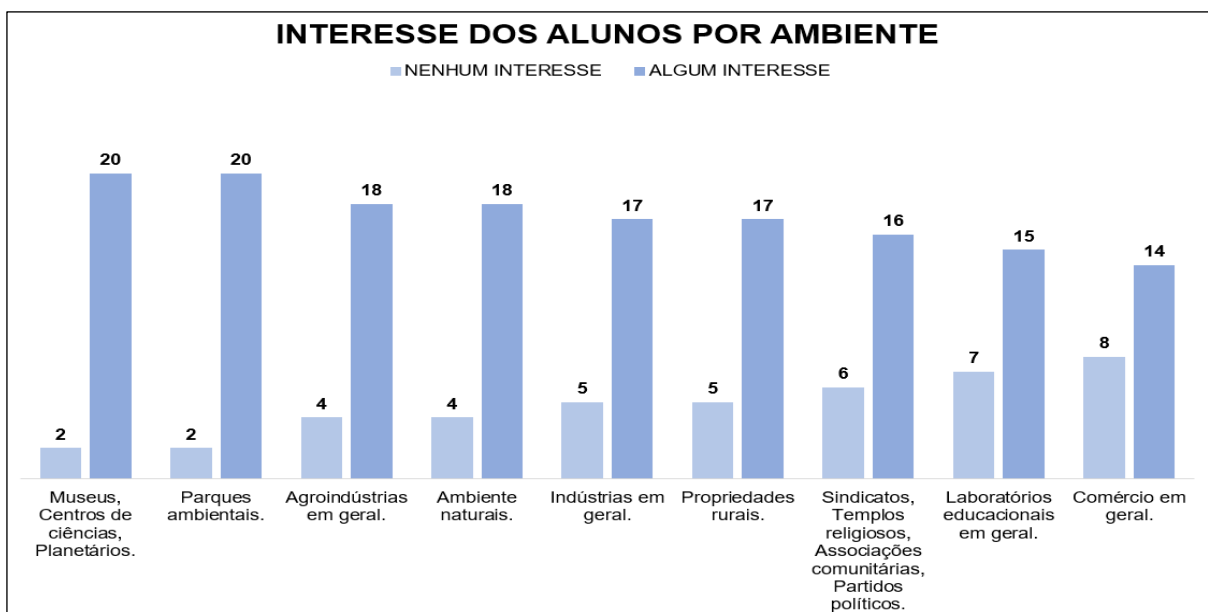
A alternativa “pouco interesse” receberam 37 (18,6%) indicações, foi a alternativa menos apontada pelos(as) respondentes. O destaque nessa alternativa é a opção “museus, centros de ciências, planetários” com 7 (18,9%) indicações, porém essa mesma opção outras 9 (11,6%) na alternativa “médio interesse” e ainda 4 (9,7%) apontamentos na alternativa “muito interesse”, evidenciando grande interesse de alunos(as). Ainda sobre a alternativa “pouco interesse”, podemos destacar a opção “sindicatos, templos religiosos, associações comunitárias, partidos políticos” com 7 (18,9%) indicações, tendo sido apontada ainda outras 9 (11,6%) vezes na alternativa “médio interesse” e 6 (13,9%) em “nenhum interesse”. Essa opção não recebeu indicações na alternativa “muito interesse”.

A alternativa “Médio interesse” foi a mais apontada pelos(as) alunos(as), recebendo 77 (38,9%) indicações e demonstrando, de maneira geral, que há interesse de todos os(as) alunos(as) em participar de atividades nos ambientes listados, uns

mais e outros menos, conforme o interesse de cada um(a). Destacamos as opções “agroindústrias em geral; indústrias em geral e propriedades rurais” que receberam cada uma 10 (12,9%) indicações. Seguidas por “comércio em geral; museus, centro de ciências e planetários e sindicatos, templos religiosos, associações comunitárias, partidos políticos”, que receberam 9 (11,6%) indicações acompanhadas pela opção “parques ambientais” que receberam 8 (10,3%) apontamentos. Temos ainda a opção “Ambientes naturais” com 7 (9,0%) indicações e o destaque negativo “laboratórios educacionais em geral”, com apenas 5 (6,5%) apontamentos.

Por fim, a alternativa indicando “muito interesse”, com 41 (20,7%) apontamentos, destacando a opção “ambientes naturais” como sendo a que mais recebeu indicações nessa alternativa, sendo 8 (19,5%) no total. Em seguida, temos as opções “parques ambientais” e “propriedades rurais” com 7 (17,0%) cada, em sequência vem as opções “indústrias em geral e laboratórios educacionais em geral” que receberam 5 (12,2%) indicações. As opções “agroindústrias em geral e museus, centros de ciências, planetários” receberam 4 (9,7%) apontamentos cada. A Figura 2, demonstra quais os ambientes de maior interesse de alunos(as), considerando os níveis pouco, médio e muito como um único elemento em oposição as indicações de nenhum interesse por parte dos alunos.

Figura 2 – Interesse de participação de alunos(as) por ambientes



Fonte: Próprio autor

Buscamos saber também se os(as) alunos(as) consideravam importante, de acordo com o curso que estão estudando, a realização de práticas educativas nos ambientes apresentados anteriormente. O resultado para a questão foi que 21 (95,5%) indicaram ser importante e apenas um aluno(a) disse não saber a resposta, nenhum(a) respondente apontou no sentido de não ser importante a realização de tais atividades. Comentando sua resposta, o(a) Aluno(a) 1, afirma que o “*curso precisa dessas atividades práticas*”, para o(a) Aluno(a) 14 “*aprender na prática complementa o aprendizado formal*”. Esses relatos indicam que alunos(as) não apenas julgam importante tais atividades, mas sabem o que elas representam para suas formações como indica o relato do(a) Aluno(a) 20: “*mais conhecimento*”.

Procuramos saber dos(as) alunos(as), de acordo com a instituição que estudam, se acham possível a realização de práticas educativas em espaços não formais. Os números obtidos foram que 19 (86,5%) alunos(as) afirmam ser possível a realização dessas atividades, um(a) aluno(a) afirma não saber a resposta e 2 (9,0%) respondentes indicam não ser possível. Perguntamos se esses(as) alunos(as) já tinham participado desse tipo de atividade, antes de ingressarem no IFAC, 8 (36,4%) alunos(as) afirmaram já terem participado e citaram locais como: lixão da cidade, sítios, praças e o antigo DEPASA, hoje SANEACRE (Serviços de Água e Esgoto do Estado do Acre). Já 11 (50,0%) alunos(as) indicam que não lembram se já participaram desse tipo de atividade e apenas 3 (13,6%) afirmam que nunca participaram.

Questionados(as) sobre a possibilidade de aulas realizadas em espaços não formais facilitarem a aprendizagem dos conteúdos abordados, 16 (72,7%) dos(as) alunos(as) acreditam nessa possibilidade e complementam suas repostas com os seguintes comentários: “*precisamos está em prática sempre para podermos aprender de verdade*” afirma o(a) Aluno(a) 1. Para o(a) Aluno(a) 14, “*aprender na prática, complementa o aprendizado formal*”, segundo o(a) Aluno(a) 20, atividades em espaços não formais são importantes, pois “*novos ambientes, novos aprendizados*”. Tivemos ainda 4 (18,2%) respondentes que disseram não saber a resposta e ainda um(a) que indica discordância com a afirmativa da questão e justifica sua resposta com o comentário: “*porque até no formal é difícil aprender*”.

Quando indagados(as) se a participação em atividades em espaços não formais poderia contribuir para que tivessem melhor desempenho em relação a

alunos(as) que não participam dessas atividades, 18 (81,8%) deles(as) afirmam concordância nessa questão. O(A) Aluno(a) 1, comenta que “a *participação e presença nessas aulas, faz muita diferença na aprendizagem*”. A afirmação do(a) Aluno(a) 20 é: “*estarei experimentando o mesmo conteúdo, mas em lugares diferentes, assim terei uma ampla visão sobre o conteúdo, diferente daquele que não participou*”. Outros(as) 3 (13,6%) alunos(as) indicaram não saberem a resposta e apenas um(a) apontou discordância. Diante desses dados, é inegável a percepção de alunos(as) de que a participação nessas atividades melhora seu desempenho.

Nesse sentido, solicitamos que os(as) alunos(as) atribuíssem notas a elementos, conforme sua relevância, que justificasse um melhor desempenho em atividades em espaços não formais, todos os elementos apresentados receberam notas que variam de 1 a 5. Como destaque, apontamos o elemento “Interação direta (prática) com objeto de estudo”, que recebeu o maior número de “NOTA 5” de todos os elementos, sendo 8 (36,4%) ao todo, o mesmo elemento recebeu ainda 5 (22,7%) “NOTA 4” e 6 (16,7%) “NOTA 3”, esta última, sendo a nota mais atribuída aos elementos. O elemento que mais recebeu “NOTA 1”, foi “Caráter informal que a atividade pode apresentar” e chegando a não receber nenhuma “NOTA 5”. O detalhamento desses dados está na Tabela 3.

Tabela 3 – Elementos que justifiquem um melhor desempenho do(a) aluno(a)

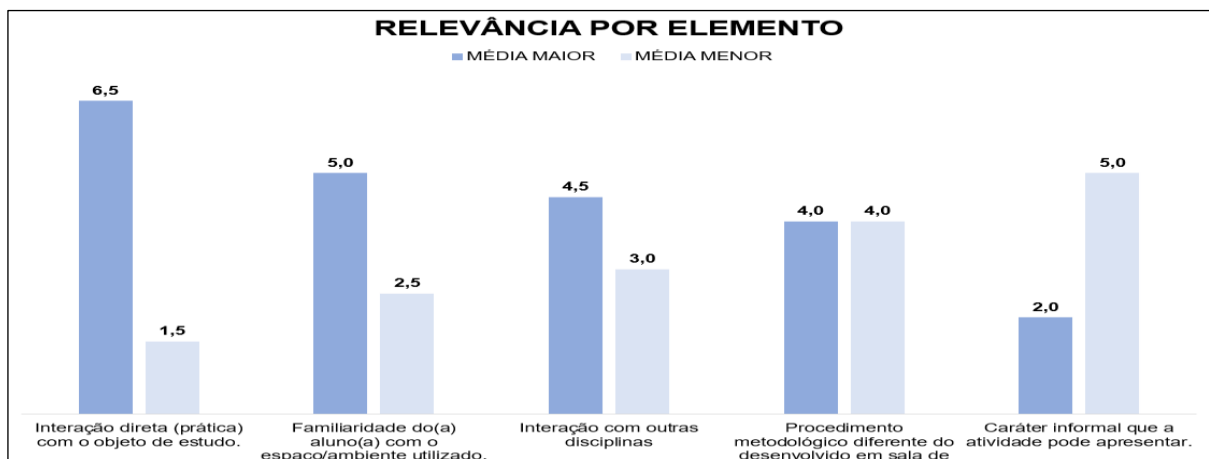
ELEMENTO	NOTA 1	NOTA 2	NOTA 3	NOTA 4	NOTA 5
Caráter informal que a atividade pode apresentar.	4	6	8	4	0
Familiaridade do(a) aluno(a) com o espaço/ambiente utilizado.	2	3	7	7	3
Interação com outras disciplinas	1	5	7	3	6
Interação direta (prática) com o objeto de estudo.	1	2	6	5	8
Procedimento metodológico diferente do desenvolvido em sala de aula.	1	7	8	3	5
TOTAL	9	23	36	22	22

Fonte: Próprio autor

De maneira geral, a Tabela 3 indica relevância para todos os elementos apresentados. A “NOTA 3” foi a mais atribuída aos elementos, sendo 36 (32,1%) de todas as notas, seguida pela “NOTA 2” que foi atribuída 23 (20,5%) vezes. As “NOTA 4” e “NOTA 5” foram atribuídas aos elementos em 22 (19,6%) oportunidades. A nota que menos vezes foi atribuída aos elementos foi a “NOTA 1”, sendo atribuída 9 (8,0%) do total. Nesse ponto, temos o elemento “Caráter informal que a atividade pode apresentar” como destaque, tendo recebido 4 (44,4%) atribuições de “Nota 1”, ao passo que não recebeu nenhuma “NOTA 5”, todavia isso não afasta sua importância como justificativa para um melhor desempenho de alunos(as), pois esse elemento recebeu ainda 8 (22,2%) “NOTA 3” e 4 (18,2%) “NOTA 4”.

Como forma de buscar identificar a classificação dos elementos por nível de relevância e tomando como base as notas atribuídas pelos(as) alunos(as), ignoramos a “NOTA 3” e adotamos as médias das notas menores (NOTA 1 e NOTA 2) e a média das maiores (NOTA 4 e NOTA 5). A partir dessas médias, podemos classificar os elementos que melhor representam a relevância na produção de melhores resultados no desempenho de alunos(as) em atividades desenvolvidas em espaços não formais, dessa forma, podemos classificar os elementos que, conforme a indicação dos(as) alunos(as), possuem maior e menor relevância nesse processo. Ilustrativamente e como forma de melhor explicitar o resultado dessa análise, apresentamos a Figura 3 que elenca os elementos e suas respectivas médias maiores e menores.

Figura 3 – Relevância dos elementos que justifiquem melhor desempenho do(a) aluno(a)



Fonte: Próprio autor

Uma prática bastante comum em atividades realizadas em espaços não formais é a participação de mais de um(a) professor(a), geralmente de áreas diferentes, o que pode caracterizar tal prática como uma atividade multidisciplinar, considerando o conceito de “uma simples associação de disciplinas para uma realização comum, mas sem que cada disciplina tenha que modificar significativamente a sua própria visão das coisas e dos próprios métodos [...]” (BICALHO; OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, alunos(as) foram perguntados(as) se entendiam o significado do termo multidisciplinaridade, porém, nenhum conceito foi apresentado a esses(as) alunos(as), ainda assim, indicaram em suas respostas relativo conhecimento sobre o tema e manifestando-se em alguns comentários.

Quase metade das respostas foi no sentido de não saber o significado da palavra, 9 (40,9%) alunos(as) responderam nesse sentido. Em seguida, temos 4 (18,2%) alunos(as) que responderam por meio da opção “mais ou menos”, sendo o comentário do(a) Aluno(a) 1: “*acredito que seja a interação de várias disciplinas ao mesmo tempo*”, o(a) Aluno(a) 20 diz: “*acho que são várias disciplinas tratando sobre o mesmo conteúdo*”. Afirmaram saber do que se trata 9 (40,9%) alunos(as) para qual destacamos o comentário do(a) Aluno(a) 19 que entende multidisciplinaridade como sendo “*um número de disciplina que trata de um mesmo tema, porem essas disciplinas não necessitam de ligação entre si, ou seja, cada disciplina não depende uma da outra para que nós alunos compreenda*”.

Seguindo com o tema multidisciplinaridade, perguntamos aos/as alunos(as) se as atividades realizadas em espaços não formais, poderiam facilitar o desenvolvimento de uma aula multidisciplinar. O resultado a esse questionamento foi o de que 16 (72,7%) dos(as) alunos(as) indicaram concordância com a afirmativa e o comentário do(a) Aluno(a) 14 foi que “*em um espaço não formal, pode-se abordar vários assuntos e oferecer vários temas para ser estudado*”. Outros(as) 6 (27,3%) alunos(as) afirmaram indecisão sobre o questionamento e nenhum deles(as) indicaram não saber a resposta. Perguntados(as) se uma atividade multidisciplinar facilita a aprendizagem, 17 (77,2%) concordam. Já 4 (18,2%) entendem que dificulta um pouco e ainda um(a) aluno(a) não soube responder.

5.5 CONCLUSÃO

Este trabalho evidenciou grandes e importantes revelações sobre a percepção de alunos e alunas do curso técnico integrado ao ensino médio em alimentos do Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre, mais do que isso, apresentou também um panorama geral do perfil dos(as) alunos(as), além de trazer dados sobre perspectivas futuras desses(as) adolescentes. Ficou demonstrado que o interesse pela área de conhecimento não é o principal elemento motivador pela escolha do curso, o que de certa forma, merece atenção dos agentes envolvidos na concepção dessas propostas. Além disso, conforme constatado nas respostas obtidas, não se viu de forma significativa interesse em permanência nessa área de conhecimento, seja para a formação superior, seja para atuação no mercado de trabalho.

Em relação aos espaços não formais de educação e as atividades neles ocorridas, ficou evidenciado a grande aceitabilidade dos(as) alunos(as) por esses eventos, destacando grande interesse de participação nessas atividades, salientando que entendem como necessário a realização desses tipos de atividade para melhor assimilação dos conteúdos relacionados ao curso. Alunos(as) acreditam que o IFAC tem condições de promover tais atividades, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento da aprendizagem, visto que esses(as) alunos(as) acreditam que essas atividades facilitam a aprendizagem, atribuindo a elas, inclusive, melhor desempenho nas disciplinas. Alunos(as) afirmaram ainda, que as atividades em espaços não formais contribuem para a multidisciplinaridade.

Concluimos, portanto, indicando a necessidade de o IFAC promover ações que permitam o planejamento, realização e participação dos(as) alunos(as) em atividades em espaços não formais, visto que o Campus Xapuri não oferece ambientes formais com as capacidades necessárias para o pleno desenvolvimento dessas atividades. Sem descuidar, sobretudo, do acompanhamento da evolução desses(as) alunos(as) durante o curso e o monitoramento do interesse pela área de conhecimento que estão inseridos. Salientamos ainda que os(as) alunos(as) indicaram, durante este estudo, que as atividades desenvolvidas em espaços não formais contribuem para despertar interesse pelas matérias estudadas, bem como pelo curso como um todo.

É nesse sentido, fundamentados pelos dados obtidos com este estudo que identificamos e catalogamos diversos espaços não formais em Xapuri-AC. Dessa forma, produzimos um Produto Educacional (PE) chamado “Guia de espaços não formais”, destinado aos/as professores(as). Esperamos e desejamos que este PE contribua para o planejamento e realização de atividades práticas educativas nesses ambientes e fomente a produção de melhores resultados, visto que os(as) alunos(as) tão bem conceituam tais atividades, bem como demonstram grande interesse em participar desse tipo de evento.

5.6 REFERÊNCIAS

- BICALHO, L. M; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Encontros Bibli**, v. 16, n. 32, p. 1-26, jul./2011.
- BRASIL, **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações**. v. 2, n. 2, p. 11-25, 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **ENSAIO: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, p. 55-66, 2008.
- MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.
- SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

6 ARTIGO 5:

Espaços não formais de educação: avaliação de docentes e discentes do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre sobre uma atividade ocorrida em um frigorífico no município de Xapuri-AC¹

**Júnior da Costa Moreira²
Luís Pedro de Melo Plese³
Keila Lima Sanches⁴**

Resumo

Espaços não formais de educação têm produzido importantes e relevantes contribuições para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do ensino básico à pós-graduação. Promover a utilização desses recursos pode fortalecer o desenvolvimento da aprendizagem dando mais significado aos temas abordados e favorecendo ainda o planejamento e desenvolvimento do trabalho docente. Este estudo se propõe a analisar as impressões/avaliações de professores(as) e alunos(as) do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos do Campus Xapuri do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), sobre uma visita ocorrida a um frigorífico no Município de Xapuri-AC. Para tanto, adotamos a pesquisa de natureza básica e do tipo exploratória, sendo a coleta de dados realizada por meio de aplicação de questionário semiestruturado oferecido tanto para os(as) professores(as) como para os(as) alunos(as) o que nos permitiu tanto uma análise quantitativa como qualitativa. Os resultados evidenciam que professores(as) e alunos(as) reconhecem a importância dos espaços não formais, bem como a necessária promoção dessas práticas educacionais nesses ambientes. Ambos avaliam de forma muito positiva tais atividades e demonstram satisfação em participar dessas atividades ao mesmo tempo que desejam que elas se tornem recorrente.

Palavras-chave: Ambientes naturais de aprendizagem; Espaços não formais de aprendizagem; Espaços não convencionais de educação; Educação Profissional e Tecnológica.

Non-formal education spaces: evaluation of teachers and students at the Xapuri Campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre on an activity that took place in a slaughterhouse in the municipality of Xapuri-AC

Abstract

Non-formal education spaces have produced important and relevant contributions to the development of teaching and learning from basic education to graduate school. Promoting the use of these resources can strengthen the development of learning, giving more meaning to the topics addressed and also favoring the planning and development of teaching work. This study proposes to analyze the impressions/evaluations of teachers and students of the Technical Course Integrated to High School in Food at Campus Xapuri of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre (IFAC), about a visit happened to a refrigerator in the Municipality of Xapuri-AC. For that, we adopted research of a basic and exploratory nature, with data collection carried out through the application of a semi-structured questionnaire offered both to teachers and to students. allowed us both a quantitative and qualitative analysis. The results show that teachers and students recognize the importance of non-formal spaces, as well as the necessary promotion of these educational practices in these environments. Both

¹ Manuscrito submetido em 18/04/2023 para a revista Educitec – Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/index>. Formatado de acordo com as normas do referido periódico.

² Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1051-6521>. E-mail: junior.moreira@ifac.edu.br

³ Doutor em Engenharia Agrícola, Instituto Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5478-0995>. E-mail: pedro.plese@ifac.edu.br

⁴ Doutora em Ciências Florestais, Instituto Federal de Brasília, Brasília, Distrito Federal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8264-2896>. E-mail: keila.sanches@gmail.com

evaluate such activities very positively and demonstrate satisfaction in participating in these activities at the same time that they want them to become recurrent.

Keywords: Natural learning environments; Non-formal learning spaces; Unconventional spaces of education; Professional and Technological Education.

Espacios de educación no formal: evaluación de docentes y estudiantes del Campus Xapuri del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Acre sobre una actividad que se desarrolló en un matadero del municipio de Xapuri-AC

Resumen

Los espacios de educación no formal han producido aportes importantes y relevantes para el desarrollo de la enseñanza y el aprendizaje desde la educación básica hasta el posgrado. Fomentar el uso de estos recursos puede fortalecer el desarrollo del aprendizaje, dando más sentido a los temas abordados y favoreciendo también la planificación y desarrollo de la labor docente. Este estudio se propone analizar las impresiones/evaluaciones de docentes y alumnos del Curso Técnico Integrado a la Enseñanza Media en Alimentación del Campus Xapuri del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Acre (IFAC), acerca de una visita sucedida a un frigorífico en el Municipio de Xapuri-AC. Para ello, adoptamos una investigación de carácter básico y exploratorio, realizándose la recolección de datos a través de la aplicación de un cuestionario semiestructurado ofrecido tanto a docentes como a estudiantes, que nos permitió un análisis tanto cuantitativo como cualitativo. Los resultados muestran que docentes y estudiantes reconocen la importancia de los espacios no formales, así como la necesaria promoción de estas prácticas educativas en estos entornos. Ambos valoran muy positivamente dichas actividades y demuestran satisfacción por participar en estas actividades al mismo tiempo que desean que se vuelvan recurrentes.

Keywords: Ambientes naturales de aprendizaje; Espacios de aprendizaje no formal; Espacios no convencionales de educación; Educación Profesional y Tecnológica.

6.2 Introdução

Espaços não formais de educação têm ganhado relevância nos últimos tempos e preenchido lacunas importantes no desenvolvimento de atividades práticas educativas desenvolvidas por professores(as) das mais variadas áreas de conhecimentos e níveis escolares que vão do básico à pós-graduação, passando pela educação superior. Nem sempre as instituições de ensino à qual esses(as) profissionais são vinculados possuem a estrutura necessária para o desenvolvimento desse tipo de atividade, sendo necessário que professores(as) que promovem tais atividades busquem em espaços alternativos de educação suprir essa deficiência. É nesse contexto, que espaços alheios às instituições de ensino têm tido papel importante e contribuído significativamente no desenvolvimento de atividades práticas educativas.

Nesse sentido, Bellini (2007), afirma que o ensino de ciências e sua iniciação não podem prescindir de atividades de campo, de laboratório ou de atividades lúdicas

científicas. Embora, o autor refira-se à área de ciências, especificamente a biologia, podemos compreender que atividades de campo, aulas em laboratórios etc. favorecem o desenvolvimento da aprendizagem em qualquer espectro educacional ou de áreas de conhecimento. Na mesma direção, Seniciato e Cavassan (2004), também referindo-se as áreas de ciências e biologia, indicam que aulas desenvolvidas em ambientes naturais têm sido apontadas como uma metodologia eficaz por envolverem, motivarem e constituírem um instrumento de superação de fragmentação dos conhecimentos.

Compreender quais as impressões de professores(as) e alunos(as) que realizam/participam desse tipo de atividade se faz necessário. Este trabalho se propõe a analisar como essas atividades são avaliadas por esses(as) profissionais que planejam e executam tais eventos bem como a avaliação de alunos(as) que deles participam. De posse desses dados, será possível aferir as condições em que esse tipo de atividade acontece e os principais resultados positivos e/ou negativos, que são produzidos e concluir se esses ambientes têm, de fato, contribuído para uma melhor construção da aprendizagem de alunos(as), proporcionando a eles(as) uma forma mais significativa de aprender, bem como fortalecido o trabalho de docentes que lançam mão desse tipo de atividade com esses propósitos.

6.3 Metodologia

Encontramos na pesquisa de natureza básica o melhor caminho para a realização deste trabalho, sobretudo, pela concordância com a definição dada por Silveira e Córdova (2009), indicando ser ela a que objetiva gerar conhecimentos úteis para o avanço da ciência. A definição de Gil (2007), sobre pesquisa exploratória nos guiou na mesma direção qual seja a de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Nesse sentido, realizamos a coleta de dados por meio de um questionário semiestruturado na forma *on-line* via ferramenta *google forms*, oferecido a 5 docentes e 16 alunos(as) do Campus Xapuri (CXA) do Instituto Federal do Acre (IFAC) estes pertencentes à turma 2022 do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos, que participaram de uma visita técnica a um Frigorífico no Município de Xapuri-AC.

Durante a visita, professores(as) e alunos(as) foram conduzidos pelas instalações da agroindústria pelo gerente da unidade, que fazia os esclarecimentos sobre as etapas do processo de abate de bovinos, da recepção dos animais ao

embarque dos produtos e subprodutos para os compradores, passando pela inspeção e resfriamento. Durante todo o percurso, professores(as) puderam indagar os(as) alunos(as) sobre questões de suas disciplinas relacionadas com as atividades realizadas no frigorífico. Os(as) alunos(as) também puderam fazer questionamentos ao gerente e aos/as professores(as), a fim de obter mais detalhes da atividade desenvolvida e/ou dos conteúdos abordados, além de tomarem nota para eventuais consultas futuras. Ao final, foi realizado um debate coletivo sobre a visita.

Em data posterior, foi oferecido aos/as participantes da visita um questionário para que esses(as) avaliassem a atividade permitindo a coleta de dados para a elaboração deste estudo a partir de uma abordagem quali-quantitativa. A fim de manter o anonimato, professores(as) e alunos(as) receberam o mesmo codinome adotado na primeira fase desta pesquisa, contemplado em outro trabalho, na qual foram enumerados sequencialmente conforme a ordem com que foram recebidas suas respostas, portanto, neste trabalho o(a) professor(a) será identificado por “Professor(a) X”, sendo o “X” substituído pelo número sequencial recebido por exemplo: “Professor(a) 1”, “Professor(a) 2, e assim sucessivamente. Igualmente ocorre com os alunos(as) que serão identificados como “Aluno(a) 1”, “Aluno(a) 2” e assim por diante.

A proposta desta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal do Acre, tendo sido considerada “apta” em 9 de novembro de 2022, conforme registro CAAE: 61833922.9.0000.0233 e parecer nº 5.748.425.

6.4 Resultados e Discussão

6.4.1 Visita técnica ao frigorífico

A visita ocorreu no frigorífico Frigoverde, em Xapuri-AC, que está em atividade no município desde 2005 e representado pela gestão atual desde 2019. Quem nos acompanhou durante a visita e fez os esclarecimentos sobre as atividades desenvolvidas foi o gerente da unidade - O Sr. Sebastião Cunha. Ocorrida no dia 09 de março de 2023, iniciando às 15h e sua conclusão ocorrendo às 17h, essa visita tinha como objetivo proporcionar aos/as professores(as) e alunos(as) contato direto com o processo que permite o fornecimento de carne bovina à população, além de subprodutos como: couro bovino, farinha de osso e sebo (gordura) vendidos para fábricas de calçados e bolsas, ração animal e produtos de higiene/limpeza

respectivamente, buscando sempre relação com os conteúdos das disciplinas envolvidas na atividade. O frigorífico Frigoverde está localizado na Estrada da Borracha (AC-485), Km 08 Zona rural de Xapuri-AC.

Participaram da visita, dezesseis alunos(as) do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Alimentos turma 2022, que já haviam participado anteriormente da primeira fase desta pesquisa ocorrida em 2022. Cinco professores(as), das áreas de Alimentos, Língua Portuguesa, Meio Ambiente e Segurança no Trabalho acompanharam os(as) alunos(as) e exploraram conteúdo das suas disciplinas, durante a visita, buscando relações dos conteúdos apresentados em sala de aula com as atividades desenvolvidas na agroindústria. Realçamos que em data anterior a visita com a presença de alunos(as), esses mesmos professores(as) visitaram o local com objetivo de familiarizar-se com o ambiente e as atividades lá realizadas, permitindo um melhor planejamento e aproveitamento da atividade.

De forma livre, ou seja, sem a indicação direta de quais temas ou conteúdos deveriam ser abordados, os(as) professores(as) definiram, a partir da visita de ambientação, quais conteúdos seriam melhor abordados em consonância com as atividades desenvolvidas no frigorífico e, nesse sentido, conteúdos diversos foram explorados por todos(as) os(as) professores(as) participantes, contemplando as áreas de Alimentos, Língua Portuguesa, Meio Ambiente e, Segurança no Trabalho.

A participação dos(as) alunos(as) foi concretizada por meio de questionamentos feitos ao anfitrião da visita, bem como aos/as professores(as), além das anotações diversas para consultas futuras. Alunos(as) também foram provocados(as) a se manifestarem, provação essa, feita pelos(as) professores(as).

Após a realização da atividade, foi oferecido aos/as professores(as) e alunos(as) um questionário *on-line* via *google forms* com objetivo de verificar suas avaliações sobre a atividade. Dez questões objetivas e subjetivas os(as) indagaram sobre suas participações, sobre o espaço utilizado, sobre multidisciplinaridade e projeções futuras sobre a organização/participação em atividades com as mesmas características. Todos(as) os(as) professores(as) e aluno(as) que participaram da atividade, responderam ao questionário, permitindo que a análise apresente um resultado fidedigno, capaz de produzir elementos que contribuam no aperfeiçoamento dessas atividades e produzam melhores resultados nessas ações para todos, professores(as) e alunos(as).

6.4.2 Avaliação da atividade ocorrida no frigorífico

Como primeira indagação feita aos/as professores(as), o questionário buscou saber se a atividade facilitou a abordagem dos conteúdos de suas disciplinas, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho docente. A resposta a esse questionamento foi de concordância total por parte dos(as) docentes, portanto, sem divergência mínima sobre a contribuição que esse tipo de atividade proporciona à realização da prática docente. O(A) “Professor(a) 30” esclarece que *“na visita em loco é possível demonstrar na prática aquilo que trabalhamos em sala de aula e muitas vezes os discentes não conseguem perceber além dos muros da escola”*. O(A) “Professor(a) 6”, complementa esse entendimento com o comentário *“a visita permite o estabelecimento da relação de conteúdos vistos em sala de aula, com a prática”*

Diante da plena concordância dos(as) docentes na forma objetiva da questão e o alinhamento nos comentários subjetivos apresentados, podemos inferir que essas atividades possuem grande potencial colaborativo no cumprimento do dever docente, adicionando elementos indisponíveis em sala de aula convencional produzindo melhores resultados e desempenho desses(as) profissionais, influenciando ainda, os resultados alcançados com os(as) alunos(as), que passam à aprender de forma mais significativa, utilizando-se de diferentes sentimentos e percepções, como bem enfatiza o(a) “Professor(a) 1”, afirmando que *“neste tipo de atividade, realizada em espaços diferentes da sala de aula, os alunos podem aprender se utilizando de características de múltiplas aprendizagens. Usam sentidos e percepções diferentes”*.

É nesse sentido, que esses(as) docentes, quando indagados(as) se pretendem organizar/participar de novas atividades com essas características e realizadas em espaços não formais, unanimemente a resposta é positiva. O(A) “Professor(a) 5”, complementa sua resposta com o comentário: *“sempre busco esta prática para tornar o conteúdo mais relevante para o aluno”*, indicando que já utiliza esses recursos e pretende continuar utilizando, pois possibilita melhores resultados, sobretudo, para os(as) alunos(as). Para o(a) “Professor(a) 2” *“sempre que possível é importante sair da sala de aula e levar os alunos em espaços alternativos”*. Esses dois comentários reforçam nossa compreensão de que os espaços não formais tem desempenhado importante papel para a educação proporcionando melhores resultados.

Sobre esse ponto, alunos(as) também foram questionados se gostariam de participar de outras atividades semelhantes e em outros espaços não formais,

todos(as) os(as) 16 alunos(as) participantes responderam que sim, indicando uma completa aceitação desse tipo de atividade denotando que elas podem ter papel fundamental no desenvolvimento da aprendizagem, visto que entendemos que o prazer em participar dessas atividades certamente contribui para uma aprendizagem com mais significado. Vimos, portanto, a intenção de professores(as) em planejar/executar tais atividades e o desejo de alunos(as) de participarem evidenciando ser a vontade de ambos os grupos que essas atividades continuem acontecendo ratificando sua importância colaborativa para o ensino e aprendizagem.

Dentre os comentários apresentados pelos(as) alunos(as), podemos destacar o do(a) “Aluno(a) 17”, que diz o seguinte: *“amei a experiência diferente da aula dentro de sala, gostei muito. Assuntos já estudados dentro da sala, tivemos a oportunidade de ver e conhecer pessoalmente”*. Para o(a) “Aluno(a) 4”, *“Esta foi uma ótima experiência, e para mim, seria muito útil outras visitas técnicas”*. O(A) “Aluno(a) 21”, destacou a importância das aulas fora da escola comentando que *“é muito bom que os alunos não tenham só aulas no Instituto, mais também em espaços não formais”*, esse comentário é semelhante ao apresentado pelo(a) “Aluno(a) 16”, que também declara a importância dos espaços não formais, pois entendo *“que aulas em ambientes não formais, desperta o interesse nos alunos”*.

Docentes foram perguntados se visualizavam alguma dificuldade de qualquer natureza por parte da Instituição onde trabalham para o planejamento e execução de atividades fora do ambiente escolar tradicional, como a ocorrida no frigorífico, por exemplo. As respostas obtidas apontaram a questão do transporte até o local da atividade como principal dificuldade, todos os(as) respondentes indicaram nessa direção, pois os veículos para transporte de alunos(as) como ônibus e/ou Van, nem sempre estão disponíveis. O(A) “Professor(a) 5” esclarece ainda que o *“processo de solicitação de transporte é burocrático e demorado e que em algumas situações não tem o apoio necessário para a realização desse tipo de atividade”*, salienta ainda que *“o docente só faz uma atividade dessa, se realmente quiser muito”*.

Um questionamento semelhante foi apresentado aos/as alunos(as) buscando saber se haveria, do ponto de vista pessoal, alguma dificuldade em participar de atividades fora do ambiente escolar tradicional, ou seja, em espaços não formais de educação. Tivemos a opção “NÃO” como resposta para quinze dos(as) dezesseis alunos(as) que responderam ao questionário e apenas um(a) aluno(a) indicou opção “TALVEZ” como resposta, mas não comentou sua resposta. Fica muito claro o interesse

e, mais que isso, a disponibilidade dos(as) alunos(as) para a participação nesse tipo de atividade, sendo imprescindível que as dificuldades elencadas pelos(as) professores sejam superadas e a promoção desse tipo de atividade seja viabilizada por parte da Instituição ao qual pertencem.

Sobre o questionamento se esse tipo de atividade facilita a aprendizagem dos alunos, todos(as) os(as) docentes concordam com a afirmativa e seus comentários reforçam essa compreensão. Para o(a) “Professor(a) 30”, as atividades práticas ajudam na assimilação dos conteúdos porque *“além de ser mais dinâmico e atrativo, os alunos visualizam na prática os conhecimentos teóricos abordados na sala de aula”*. O(A) “Professor(a) 2”, salienta que *“muitos dos nossos alunos conseguem assimilar muito melhor os conteúdos abordados em sala de aula quando participam de aulas práticas, assim como de visitas técnicas”*. No entanto, o(a) “Professor(a) 5”, realça que o aproveitamento da atividade também depende do interesse do(as) alunos(as), pois *“alguns alunos estavam distraídos e não fizeram perguntas ou anotações”*.

Nesse mesmo sentido, perguntamos aos/as alunos(as) se conseguiam apontar vantagens dos espaços não formais em relação ao espaço escolar tradicional. Nesse caso, tivemos 10 (62,5%) alunos(as) que indicaram vantagens, 4 (25,0%) dizem não visualizar nenhuma vantagem e 2 (12,5%) dos(as) alunos(as) afirmaram não saberem a resposta. Como único comentário apontando desvantagem temos o do(a) “Aluno(a) 4”, salientando que *“a comunicação pode ser um pouco difícil entre as pessoas, mas não chega a ser algo que dificulte a visita”*. Essa manifestação, especificamente, é compreensível em função da forte chuva ocorrida durante a visita, o barulho incomodou um pouco, sendo a comunicação fortalecida com uso de caixa de som e microfone que permitiu o andamento da atividade. As vantagens, veja na Tabela 1.

Tabela 1 – Vantagens apontadas pelos alunos

ALUNO	COMENTÁRIO
Aluno(a) 01	<i>Bom, as vantagens é que com isso a gente pode aprender cada vez mais sobre assuntos que envolvem a área que estudamos que é alimentos, técnicas, engenharia de indústrias entre várias e várias outras coisas.</i>
Aluno(a) 04	<i>Aprendemos como funciona o ambiente na prática, o que nos permite ter uma imersão e conhecimento melhor de empresas, indústrias e do local de trabalho.</i>
Aluno(a) 06	<i>Apenas vantagem, atividade fora do ambiente escolar servem para melhor desempenho dos alunos envolvidos, por não ser uma atividade repetitiva.</i>

- Aluno(a) 09 *Bom, uma das vantagens é o coletivismo pois assim a turma toda faz e aprende novas coisas e abrange novos pensamentos e ideias.*
- Aluno(a) 10 *É uma grande vantagem, até mesmo para que os alunos tenham um local diferente para aprender e não somente dentro de uma sala de aula.*
- Aluno(a) 12 *Não é apenas teórica, você vê o assunto, vê o que está sendo estudado, é muito melhor.*
- Aluno(a) 17 *É mais divertida, conhecer detalhes do que estudamos dentro da sala, socialização com colegas e professores, sair da rotina de sala de aula.*
- Aluno(a) 20 *Acho que dá um complemento a mais em relação aos saberes desenvolvidos no ambiente escolar.*
- Aluno(a) 21 *As vantagens são que os alunos conseguem participar mais da aula do que dentro de sala.*

TOTAL

Fonte: Próprio autor

Quando provocados a se manifestarem sobre se o desempenho dos(as) alunos(as) que participaram da atividade poderia ser melhor do que dos(as) alunos(as) que não participaram, considerando o mesmo conteúdo, 3 (60,0%) docentes indicaram ser muito melhor o desempenho de quem participou, seguido de 2 (40,0%) docentes que entendem que pode ser um pouco melhor esse desempenho. O(A) “Professor(a) 30” comenta que *“a teoria atrelada a prática faz muito mais sentido na educação profissional”*. Para o(a) “Professor(a) 1”, *“uma vez que a retenção do conhecimento tende a ser maior, a compreensão dos mesmos também”*. Diante das manifestações apresentadas, percebemos a potencialidade dessas atividades e o poder colaborativo que elas exercem na construção do conhecimento.

Solicitamos aos/as docentes que indicassem o grau de satisfação com a participação/interação dos(as) alunos(as) durante a atividade. Para essa questão, tivemos quatro docentes manifestando-se como muito satisfeito e ainda um(a) indicando grau de satisfação como pouco satisfeito, demonstrando que não houve insatisfação com a participação dos(as) alunos(as) durante a atividade. O(A) “Professor(a) 5”, que se demonstrou pouco satisfeito(a), observou que a participação dos alunos poderia ser melhor e aponta a falta atenção durante a visita como motivo da sua avaliação. O(A) “Professor(a) 30”, declarando-se muito satisfeito(a), destacou que *“os alunos demonstraram maturidade na visita, os profissionais da empresa foram super corteses e os conhecimentos foram fortalecidos”*.

Perguntamos também se os conteúdos abordados, receberam mais atenção dos(as) alunos(as) durante a atividade do que normalmente recebem quando

abordados em sala de aula. Foram quatro respostas de concordância total com o questionamento e apenas um(a) docente afirmou concordar parcialmente, justificando que *“em ambientes mais ‘arejados’, os alunos tendem a se dispersarem mais”*. O(A) “Professor(a) 30”, comenta que *“os discentes vivenciando os conteúdos numa rotina do dia a dia de uma empresa, tira a impressão de superficialidade”*. Para o(a) “Professor(a) 2”, *“assuntos como esses que foram abordados foram novidades, no sentido de poder visualizar em loco os assuntos”*. Já o(a) “Professor(a) 5”, salientou que *“quando indagados, eles procuram responder e interagir com o professor”*.

Perguntamos aos/as alunos(as) se eles(as) haviam dedicado mais atenção aos conteúdos abordados do que geralmente dedicam em sala de aula. 9 (56,3%) afirmaram que sim, e outros(as) 7 (43,8%) indicando que dedicaram a mesma atenção, afirmando o(a) “Aluno(a) 6” que dedicou a *“mesma atenção por ambos serem importantes”*. O(A) “Aluno(a) 9” comentou que dedicou mais atenção, pois *“na atividade pude passar a ver os processos pessoalmente e na sala de aula a gente só ver mais teorias”*. Acompanhando esse entendimento, temos o comentário do(a) “Aluno(a) 1”, *“na sala de aula a gente ver mais teorias, na prática não, a gente pode ver como tudo é feito e como as coisas funcionam”*. Já o(a) “Aluno(a) 4” afirma que *“quando observamos o funcionamento de algo na prática é muito melhor”*.

Buscamos saber também dos(as) docentes se o tipo de atividade realizada, principalmente, em um espaço não formal pode motivar o(a) aluno(a) e colaborar para sua permanência no curso. De forma unânime, a resposta ao questionamento foi de concordância total indicando que para além das vantagens dessas atividades, que recebem mais atenção dos alunos, promove também um melhor aprendizado e ainda pode produzir melhor desempenho em alunos(as) que delas participam. As práticas educativas podem contribuir para a motivação e permanência no curso que decidiram estudar diminuindo, por consequência, inclusive, a evasão escolar. O(A) “Professor(a) 5”, salienta que os(as) alunos(as) *“se animam e percebem sua profissão mais palpável a partir de experiências como esta”*.

Aos/as alunos(as) perguntamos se a participação na atividade fez com que eles(as) passassem a gostar mais do curso que estão estudando. Das dezesseis respostas recebidas, 11 (68,8%) afirmaram que sim e 5 (31,3%) alunos(as) indicaram a opção “nem mais, nem menos”, como resposta e nenhum desses(as) deixou comentário a respeito de sua opção de resposta. Quanto aos/as que afirmaram que passaram a gostar mais do curso a partir dessa atividade, destacamos o comentário

do(a) “Aluno(a) 17”, que realça o *“fato de ser super interessante essa área, as máquinas, os equipamentos, tudo que estudamos e aprendemos estava presente lá”*. O(A) “Aluno(a) 6” salienta que o curso *“pode me proporcionar várias experiências, como visita técnica etc., além do conhecimento obtido”*.

Questões bastante interessantes podem ser sublinhadas a partir desses questionamentos feitos aos/as professores(as) e alunos(as). Sobre a atenção dos alunos para com a atividade, sob a ótica dos(as) professores(as), temos inicialmente a unanimidade ao afirmarem suas satisfações, que são confirmadas ao concordarem que os conteúdos receberam mais atenção dos(as) alunos(as) do que normalmente recebem em sala de aula, indicando ainda que as atividades em espaços não formais podem, inclusive, contribuir para a permanência do(a) aluno(a) no curso. Sob a ótica dos(as) alunos(as), temos a maioria afirmando que dedicaram mais atenção à atividade e aos conteúdos, bem como apontam para um melhor aprendizado, passando ainda, em função dessas atividades gostar mais do curso que estudam.

Perguntados se a atividade proporcionou uma nova percepção sobre a utilização de espaços não formais, 3 (60,0%) docentes concordaram totalmente e outros(as) 2 (40,0%), concordaram parcialmente. O(A) “Professor(a) 5” afirma que *“já considerava esse tipo de atividade interessante”*, para o(a) “Professor(a) 6”, *“são espaços que já utilizamos e é inegável a sua importância”*, ambos(as) indicando não terem novas percepções. Apontando concordância total com a afirmativa da questão, o “Professor(a) 30”, apresentou o seguinte comentário: *“pude observar as muitas outras abordagens que posso fazer dentro e fora da sala de aula em determinados conteúdos trabalhados”*. O(A) “Professor(a) 1” comenta que *“o uso destes espaços geralmente é negligenciado e deve ser lembrado e estimulado”*.

Aos alunos e as alunas abordamos, como último questionamento, se haviam gostado da utilização de várias disciplinas durante a mesma atividade, considerando essa ação como sendo multidisciplinar, considerando multidisciplinar a definição de Bicalho e Oliveira (2011). A resposta obtida foi de unanimidade para a opção “SIM”. Isso demonstra mais um grande potencial desse tipo de atividade, que para além das vantagens já apresentadas anteriormente nos relatos de professores(as) e alunos(as), a interação entre disciplinas tem plena aceitação por parte de ambos. Destacamos, nesse caso, o comentário do(a) “Aluno(a) 9”, *“acho muito bom esse tipo de atividade que em só uma, a gente aborda vários assuntos diferentes de várias disciplinas”*. O(A)

“Aluno(a) 6”, complementa com o seguinte: “*obtivemos conhecimento de várias disciplinas em um só momento*”.

Por fim, solicitamos aos/as docentes que avaliasse alguns elementos da atividade com objetivo de aferir suas relevâncias para compreendermos melhor qual a importância de cada um deles no planejamento e execução desse tipo de atividade. A avaliação ocorreu por meio de notas, onde cada respondente poderia atribuir nota de 1 a 5 para cada um dos elementos. Destacamos que nenhum elemento recebeu “Nota 1” e todos os elementos receberam pelo menos uma “Nota 5” e uma Nota 4”, indicando, portanto, que os elementos foram bem avaliados e, nesse sentido, fica demonstrado a importância de todos eles para o sucesso da atividade. Foram avaliados três elementos e foi solicitado ainda que fossem atribuídas notas a atividade como um todo e a própria participação do(a) docente. Veja a Tabela 2.

Tabela 2 – Avaliação de elementos da atividade pelos(as) professores(as)

ELEMENTO	NOTA 1	NOTA 2	NOTA 3	NOTA 4	NOTA 5
Aproveitamento, pelos alunos, dos conteúdos abordados	0	0	1	2	2
Relação dos conteúdos abordados com o espaço não formal utilizado	0	0	1	2	2
Espaço não formal utilizado para a atividade	0	0	1	1	3
Nota geral para a atividade	0	0	1	1	3
Sua participação na atividade	0	1	0	3	1
TOTAL	0	1	4	9	11

Fonte: Próprio autor

Diante dos dados apresentados, podemos destacar o fato de que nenhum dos elementos recebeu “Nota 1” e apenas um(a) docente avaliou sua participação com “Nota 2”. O elemento “Espaço não formal utilizado” foi o que mais recebeu “Nota 5”, sendo três no total a mesma quantidade dessa nota foi atribuída como nota geral para a atividade como um todo. O Aproveitamento dos(as) alunos(as) em relação aos conteúdos abordados recebeu duas “Nota 5”, seguido de mais duas “Nota 4” e ainda uma “Nota 3” indicando uma avaliação muito positiva para esse elemento. A relação dos conteúdos abordados com o espaço não formal utilizado recebeu a mesma avaliação da participação dos(as) alunos(as). A maioria dos(as) docentes, três deles(as), avaliaram sua participação na atividade com “Nota 3” e um(a) docente, avaliou com “Nota 5”.

Também solicitamos aos/as alunos(as) que avaliassem alguns elementos em relação a atividade que participaram. Destacamos que todos os elementos receberam

maioria de “NOTA 4” e “NOTA 5” indicando que tais elementos foram muito bem avaliados pelos(as) alunos(as). O elemento que mais recebeu “NOTA 5” foi o referente a participação dos(as) professores(as) durante a atividade, sendo 7 (43,75%) nota máxima. Em relação ao elemento que buscava avaliar o índice de aprendizagem dos diversos conteúdos apresentados durante a visita, 8 (50,0%) alunos(as) classificaram com “NOTA 4” indicando um bom índice de aprendizagem. Tivemos ainda, outros 3 (18,75%) que definiram a “NOTA 5” apontando para um excelente aproveitamento dos conteúdos. Veja os detalhes na Tabela 3.

Tabela 3 – Avaliação de elementos da atividade pelos(as) alunos(as)

ELEMENTO	NOTA 1	NOTA 2	NOTA 3	NOTA 4	NOTA 5
Atuação dos professores na atividade	1	0	1	6	7
Relação dos conteúdos abordados com o espaço não formal utilizado	2	0	1	11	2
Espaço não formal utilizado para a atividade	2	1	2	6	5
Seu aprendizado dos conteúdos	2	1	2	8	3
Nota geral para a atividade	2	0	2	7	5
TOTAL	9	2	8	38	22

Fonte: Próprio autor

Os dados revelados nas Tabelas 2 e 3 nos parece consignar de forma inequívoca a importância que atividades desenvolvidas em espaços não formais podem desempenhar na promoção do ensino e aprendizagem. Os números apresentados por professores(as) e alunos(as) indicam uma excelente avaliação de elementos presentes nesse tipo de evento, bem como a própria atividade em si. De todas indicações definidas para os elementos descrito na Tabela 2, com dados dos(as) professores(as), 20 (80,0%) delas foram para as “NOTA 4 e NOTA 5”. No caso da Tabela 3, com dados apontados pelos(as) alunos(as), foram 79 indicações de notas das quais 60 (75,9%) foram para as maiores notas. Seja sob a ótica dos(as) professores(as) ou dos(as) alunos(as), os números são relevantes.

6.5 Considerações finais

Este trabalho evidenciou aspectos muito importantes sobre atividades desenvolvidas em espaços não formais, seja com o viés de aula prática ou visita técnica. Professores(as) participantes da atividade que permitiu a elaboração deste estudo fizeram apontamentos norteadores para quem utiliza e/ou pretende utilizar esse tipo de recurso na sua prática laboral, indicando, sobretudo, que essas atividades

facilitam a abordagem dos conteúdos e apontam no sentido de continuar lançando mão dessas ações, nada obstante, algumas dificuldades tenham sido reveladas em suas avaliações sobre a atividade. Cabe ainda salientar, que alguns/algumas professores(as) afirmaram mudança de percepção sobre a utilização desse tipo de espaço para a realização de práticas educativas.

Tratando da participação dos(as) alunos(as) durante a atividade, professores(as) apresentaram-se bastante satisfeitos com as participações e sublinharam o índice de aproveitamento dos conteúdos destacando que essas atividades facilitam não somente a abordagem feita por eles(as), bem como a compreensão por parte dos(as) alunos(as), indicando, inclusive, que esses(as) alunos(as) podem ter melhor desempenho em relação aos/as que não participam. É passível de destaque ainda, a afirmação de professores(as), de que tais atividades podem colaborar para despertar mais interesse dos(as) alunos(as) pelo curso, contribuindo significativamente para suas permanências. Portanto, o potencial contributivo dessas atividades para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, nos parece, bastante elevado.

Da mesma forma, alunos e alunas se revelaram bastante entusiasmados com a percepção que tiveram da atividade, sobre vários aspectos, afirmando suas intenções de novamente participarem de atividades com as mesmas características. Os(as) alunos(as) apontam inúmeras vantagens desse tipo de atividade em relação as ocorridas em sala de aula destacando que dedicam mais atenção, portanto aprendem mais sobre os conteúdos abordados, passando a ter mais interesse pelo curso, inclusive, gostando mais da atuação dos(as) professores(as) na atividade do que em sala de aula. Destacamos ainda a grande aceitação e aprovação das características multidisciplinares da atividade. Nesse sentido, nos parece, que tais atividades têm grande aceitação e interesse por parte dos(as) alunos(as).

É nesse sentido e objetivando contribuir de forma imediata para a promoção dessas atividades tão bem avaliadas por professores(as) e alunos(as) e que nos parece produzir excelentes resultados, haja vista as várias manifestações positivas apresentadas durante este estudo, que produzimos e disponibilizamos aos/as professores(as) um Produto Educacional (PE) denominado “Guia de espaços não formais”, produzido a partir de outra fase desta pesquisa. Os locais catalogados estão localizados dentro e nos arredores do município de Xapuri-AC, onde está sediado o Campus Xapuri do IFAC. Esperamos que este instrumento auxilie professores(as) no

planejamento e execução de novas atividades extraclasse e permita a produção de melhores resultados no desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Agradecimentos

Ao Campus Xapuri do Instituto Federal do Acre que abriu suas portas para a realização deste trabalho, bem como aos/as professores(as) e alunos(as) que participaram e possibilitaram a realização deste estudo.

Referências

BELLINI, M. Epistemologia da Biologia: para se pensar a iniciação ao ensino das Ciências Biológicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 218, p. 30-47, 2007.

BICALHO, L. M; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Encontros Bibli**, v. 16, n. 32, p. 1-26, jul./2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. Editora: Atlas. São Paulo, 2007.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA; D. T. (Org). Métodos de pesquisa. **Editora UFRGS**, u. 1, p. 11-29, 2009.

7 CONCLUSÕES

Iniciamos este estudo buscando compreensão sobre as percepções de professores(as) e alunos(as) do Campus Xapuri do IFAC sobre espaços não formais e as possíveis contribuições que esses ambientes poderiam produzir, sob a ótica de cada grupo, no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, visto que esses ambientes têm sido amplamente utilizados como recurso educacional por professores(as) na busca de apresentar aos/as seus/suas alunos(as) uma aprendizagem com mais significado e por consequência alcançar maiores e melhores resultados, seja para o aprendizado, seja para o desenvolvimento de suas atividades como educadores(as), especialmente da educação profissional e tecnológica, que com suas peculiaridades, exige muito mais recursos para alcançar seus objetivos.

Na fase inicial, quando realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, foi possível constatar que vários estudiosos(as) se debruçam sobre a questão dos espaços não formais, apontando a importância que esses ambientes têm proporcionado ao desenvolvimento da aprendizagem de alunos(as) das mais variadas modalidades educacionais do básico à pós-graduação. Autores(as) como Bellini (2007); Seniciato e Cavassan (2004), indicam que a utilização desses espaços é imprescindível para o ensino e que a utilização deles têm se demonstrado como metodologia exitosa, sobremaneira, por constituírem um instrumento de superação da fragmentação do conhecimento e por várias vezes, durante o desenvolvimento deste trabalho, recorreremos a esses(as) autores(as).

A partir da análise das respostas fornecidas por professores(as) ao questionário oferecido na que chamamos de fase 1 desta pesquisa, podemos concluir que o Campus Xapuri do IFAC possui em seu quadro de profissionais indivíduos altamente qualificados e com formações em diversas áreas do conhecimento e, que a ampla maioria desse grupo, é composta por Mestres(as) e Doutores(as). Esses profissionais atuam em todas modalidades de ensino, conforme suas formações e demandas da Instituição, atuando desde o nível básico até à pós-graduação, passando pelo técnico e superior. Ficou demonstrado que é possível produzir excelentes resultados, não apenas para o ensino, mas também à extensão, pesquisa e, eventualmente, para a gestão, visto que os gestores são oriundos, principalmente, desse grupo.

Foi possível constatar também que professores(as) possuem relativo conhecimento sobre espaços não formais, inclusive, sendo esses conhecimentos alinhados entre si e com estudiosos(as) e pesquisadores(as) do tema. Ficou demonstrado também que alguns/algumas professores(as) utilizam e pretendem continuar utilizando esses espaços como recurso educacional, embora reconheçam que há algumas dificuldades na organização e logística desse tipo de atividade, mas reconhecem que esses ambientes exercem papel colaborativo importante não apenas para o aprendizado dos alunos, mas também para o desenvolvimento do trabalho docente permitindo que esses(as) profissionais alcancem maiores e melhores resultados para si próprio(a) e para os(as) alunos(as).

Ainda nessa fase da pesquisa, um questionário também foi aplicado aos alunos e alunas, revelando que eles(as) possuem pouco conhecimento, do ponto de vista conceitual, sobre espaços não formais de educação. Todavia, demonstraram compreender a importância que atividades desenvolvidas em espaços fora do ambiente escolar tradicional podem exercer no desenvolvimento da aprendizagem. Salientando, sobretudo, que são nessas atividades que eles(as) conseguem vivenciar na prática os assuntos abordados teoricamente em sala de aula. Afirmam ainda que esse tipo de evento proporciona melhor compreensão sobre os temas discutidos e contribui para que desperte mais interesse pelas disciplinas envolvidas, bem como pelo curso como um todo, pois com a prática tudo faz mais sentido.

A visita ocorrida a um frigorífico na segunda fase desta pesquisa, com participação de professores(as) e alunos(as), ratificou a compreensão de ambos os grupos sobre a importante colaboração dos espaços não formais para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Ficou demonstrado o interesse de organizar/participar de outras atividades com as mesmas características e sendo oportunamente organizadas em outros ambientes. Professores(as) afirmaram, categoricamente, que essas atividades fortalecem muito a aprendizagem, pois imprime mais significado para os(as) alunos(as) nas questões levantadas. Nada obstante, esses(as) profissionais relataram algumas dificuldades para a realização desse tipo de atividade destacando a falta de transporte como a principal delas.

Contudo, os(as) professores(as) avaliam muito bem essas ações e demonstram que, mesmo com dificuldades, pretendem continuar lançando mão desse recurso com vistas a melhorar também suas ações como docente. Alunos(as)

demonstraram total satisfação e entusiasmo com a atividade e demonstrando total interesse e a necessidade de realização/participação desse tipo de evento, não apresentando nenhuma dificuldade ou impedimento para suas participações em tais atividades. Tamanho interesse é fruto da possibilidade do contato direto com os assuntos vistos em sala de aula levando esses assuntos para a realidade diária de muitos dos(as) envolvidos(as) ampliando horizontes e potencializando os resultados alcançados por cada um deles(as), assim como dos(as) professores(as).

Paralelamente as atividades com professores(as) e alunos(as), durante a pesquisa, visitamos alguns espaços dentro do perímetro do município de Xapuri-AC com o objetivo de identificar potencialidades educativas. Locais como: Agroindústrias, Casas comerciais, Espaços histórico-culturais, Indústrias e Propriedades rurais foram identificadas, catalogadas e reunidas em um Produto Educacional que denominamos “Guia de espaços não formais em Xapuri-AC. Este guia deve ser uma base para que professores(as) possam planejar e executar atividades nos locais indicados. Desejamos que esse instrumento sirva para promover mais ações como a realizada durante a pesquisa junto ao frigorífico, visto que tal atividade foi tão bem avaliada por professores(as) e alunos(as), demonstrando grande interesse na continuidade desses eventos.

Nesse sentido, convictos de que os espaços não formais desempenham papel muito relevante na consolidação do ensino e aprendizagem, sobretudo, para instituições que não possuem seus próprios ambientes, esperamos que o “Guia de espaços não formais em Xapuri-AC”, possa municiar os(as) professores(as) e contribua na promoção cada vez mais dessas atividades. Contudo, se faz extremamente necessário que o Campus Xapuri do IFAC adote medidas de incentivo à essa prática, promovendo a infraestrutura necessária e firmando parcerias com um número cada vez maior de espaços potenciais para práticas educativas, aproximando-se dos arranjos produtivos locais e colocando professores(as) e alunos(as) mais próximos da realidade ao qual estão inseridos.

Desejamos, por derradeiro, que este trabalho promova debates e incentive estudos junto à comunidade acadêmica sobre a importância dos espaços não formais de educação e suas contribuições para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Salientamos, porém que as informações aqui apresentadas não são definitivas e que novos estudos podem trazer outras informações pertinentes para esse debate.

8 APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário aplicado aos/as docentes na 1ª fase da pesquisa. Percepções sobre espaços não formais.

01. Quanto a identidade de gênero, como você se identifica?
02. Qual sua idade?
03. Sua principal formação em nível de Graduação é?
04. Você fez/faz pós-graduação?
05. Você foi contratado(a) pelo IFAC como Docente de qual área, especificamente?
06. Seu contrato junto ao IFAC é?
07. Qual seu regime de trabalho?
08. Quanto tempo você trabalha no IFAC?
09. Antes do seu ingresso no IFAC, você atuou na Educação Profissional e Tecnológica?
10. Em sua atuação profissional, antes do IFAC, qual(is) experiência(s)/saber(es)/competência(s) você considera mais relevante(s) para sua atuação como docente?
11. Além das atividades de Ensino, qual(is) outra(s) atividade(s) você atua/atuou no IFAC?
12. No IFAC, você atua/atuou no Ensino Médio Integrado?
13. Você recebeu, por parte do IFAC, formação relacionada a sua atividade docente?
14. Descreva, de forma sucinta, sua compreensão sobre Educação formal, informal e não formal.
15. Como você define "Espaço não formal de Educação?"
16. Classifique os espaços abaixo como: formais, informais e não formais.
17. Indique nos espaços listados abaixo, conforme sua área de atuação, qual o potencial para o desenvolvimento de atividades práticas educativas.
18. Em seu contexto profissional atual, é possível a realização de atividades práticas educativas em espaços não formais, como os apresentados na questão anterior?
19. Durante sua atuação no IFAC, você já realizou/participou de atividade prática educativa em espaço não formal?
20. Você acha que espaços não formais podem favorecer o desenvolvimento da aprendizagem do(a) aluno(a) em relação ao conteúdo abordado?
21. Você acha que o(a) aluno(a) que participa de uma atividade desenvolvida em espaço não formal, pode ter melhor desempenho em relação ao aluno(a) que não participa, considerando abordagem do mesmo conteúdo?
22. Atribua uma nota para definir em escala de importância, atribuindo a maior nota ao elemento que você considera mais relevante, que justifique um melhor desempenho do(a) aluno(a) em espaços não formais.
23. Uma atividade desenvolvida em um espaço não formal, pode, por si só, ser um fator motivador e despertar o interesse do(a) aluno(a) pela matéria de estudo ou do curso como um todo?
24. Uma atividade desenvolvida em um espaço não formal, pode contribuir positivamente para o desenvolvimento da atividade docente?
25. Atividades desenvolvidas em espaços não formais, podem favorecer a multidisciplinaridade?

APÊNDICE B: Questionário aplicado aos/as alunos(as) na 1º fase da pesquisa. Percepções sobre espaços não formais.

01. Quanto a identidade de gênero, como você se identifica?
02. Qual sua idade?
03. Você entende o que é Educação Profissional e Tecnológica?
04. A Educação profissional e Tecnológica (EPT), proporciona formação técnica profissional em vários níveis. Você sabe o que é um curso Técnico Integrado ao Ensino Médio?
05. Porque você decidiu fazer um curso Técnico Integrado ao Médio e não fazer o Ensino Médio normal?
06. Ao concluir o Ensino Médio, o que você pretende fazer?
07. Ao concluir o curso, caso decida trabalhar, qual sua preferência?
08. Analise os conceitos sobre Educação, listados abaixo e, classifique-os em Educação Formal, Informal ou Não formal.
09. Você sabe o que é um Espaço não formal de Educação?
10. Indique nos espaços listados abaixo, seu interesse em participar de atividades práticas educativas nos respectivos ambientes.
11. Pensando no curso que você estuda, é importante/necessário a realização de aulas práticas em espaço não formal, como os listados na questão anterior?
12. Olhando para a Instituição que você estuda, você acha possível a realização de aula prática em algum espaço não formal?
13. Antes de estudar no IFAC, você participou de alguma aula prática em espaço não formal?
14. Você concorda que aulas realizadas em espaço não formal podem facilitar a aprendizagem dos conteúdos abordados?
15. Você acha que participando de uma atividade desenvolvida em espaço não formal, pode lhe ajudar ter melhor desempenho em relação aos alunos que não participam, considerando o mesmo conteúdo?
16. Atribua uma nota para definir em escala de importância, atribuindo a maior nota ao elemento que você considera mais relevante, que justifique um melhor desempenho em espaço não formal. (Não repetir nota)
17. Você acha que uma atividade desenvolvida em espaço não formal, pode, por si só, lhe motivar e despertar seu interesse pela matéria de estudo ou do curso como um todo?
18. Você entende o que significa o termo Multidisciplinaridade?
19. Multidisciplinaridade é a possibilidade de uma mesma aula envolver várias disciplinas. Você acha que atividades desenvolvidas em espaço não formal, podem facilitar a realização de uma aula multidisciplinar?
20. Você acha que em uma aula multidisciplinar, onde duas ou mais disciplinas são abordadas na mesma aula, facilita ou dificulta a aprendizagem?

APÊNDICE C: Questionário aplicado aos/as proprietários e/ou responsáveis pelos espaços catalogados para o produto educacional.

1. IDENTIFICADOR

Nome da propriedade/empresa:

Proprietário:

Responsável:

Ramo de atividade:

Endereço:

Pessoa de contato:

Telefone:

2. ACESSO E INFRAESTRUTURA

Forma de acesso:

Tipos de estrada:

Tipo de veículo:

Energia elétrica:

Fonte de água:

Telefone/Internet:

Transporte:

3. TAMANHO E DISTRIBUIÇÃO

Área total:

Construções:

Área produtiva:

Área improdutiva:

Área de preservação ambiental:

4. ATIVIDADES PRODUTIVAS

Atividade principal:

Tipo de atividade:

Período de produção:

Área destinada/construída:

Produção anual:

Tecnologias utilizadas:

Colaboradores:

Matéria prima:

Participação na renda geral:

5. OPERACIONALIZAÇÃO E LOGÍSTICA

Máquinas e equipamentos:

Estocagem de produção:

Transporte da produção:

Destino da produção:

**APÊNDICE D: Questionário aplicado aos/as docentes na 2º fase da pesquisa.
Avaliação da atividade.**

01. É possível afirmar que a atividade facilitou a abordagem dos conteúdos e contribuiu para o desenvolvimento do trabalho docente?
 02. A partir desta experiência, você pretende organizar/participar de outras atividades em espaços não formais?
 03. Olhando para o seu ambiente de trabalho, você visualiza dificuldades por parte do IFAC, de qualquer natureza, para a realização/participação em atividades em espaços não formais?
 04. De forma geral, conforme sua experiência e observações, é possível afirmar que a atividade favoreceu a aprendizagem dos(as) alunos(as), em relação aos conteúdos abordados?
 05. Pode-se afirmar que o desempenho dos(as) alunos(as) que participaram da atividade é melhor do que dos(as) alunos(as) que estudaram o mesmo conteúdo em sala de aula?
 06. Qual seu grau de satisfação em relação a participação/interação dos(as) alunos(as) durante a atividade?
 07. É possível afirmar que os conteúdos abordados receberam mais atenção dos(as) alunos(as) do que normalmente ocorre no ambiente escolar convencional?
 08. De acordo com suas observações, podemos afirmar que esse tipo de atividade, motiva os(as) alunos(as) e colabora para sua permanência no curso que estão estudando?
 09. Essa atividade lhe proporcionou nova percepção sobre a utilização de espaços não convencionais de educação?
 10. Atribua uma nota aos elementos elencados abaixo, conforme sua experiência com a atividade realizada.
- Deixe aqui seus comentários, de forma livre, sobre a atividade e/ou sobre a pesquisa.

**APÊNDICE E: Questionário aplicado aos/as alunos(as) na 2º fase da pesquisa.
Avaliação da atividade.**

01. A partir dessa experiência, você gostaria de participar de novas atividades semelhantes, em outros espaços não formais?

02. Sobre as atividades realizadas em espaços não formais, ou seja, fora do ambiente escolar tradicional, você tem alguma dificuldade para participar? Se sim, quais?

03. Você consegue apontar vantagens e/ou desvantagens em atividades ocorridas fora da escola, portanto, em espaço não formal? Comente sua resposta.

4. Você acha que dedicou mais atenção aos conteúdos abordados na atividade do que dedicaria em uma sala de aula normal?

05. Você considera que aprendeu mais sobre os conteúdos do que normalmente você aprende em sala de aula?

06. Você diria que, a partir dessa experiência, se interessou mais por alguma das disciplinas que participaram da atividade? Se sim, comente sua resposta.

07. A partir dessa atividade, você diria que passou a gostar mais do seu curso? Por quê?

08. Você gostou mais da atuação dos(as) professores(as) na atividade do que normalmente você gosta em sala de aula? Por quê?

09. Durante a atividade, conteúdos de várias disciplinas foram abordados, você gostou desse tipo de atividade, ou seja, uma atividade multidisciplinar?

10. Atribua uma nota aos elementos listados abaixo, conforme sua experiência com a atividade realizada.

Deixe aqui seus comentários, de forma livre, sobre a atividade e/ou sobre a pesquisa.

APÊNDICE F: Produto Educacional